

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ofer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Impulsos de paz a partir das leis Universais

Nenhuma paz sem visão

A origem e a prevenção da guerra

Protecção contra o descontentamento, a divisão e o ódio

Consciência e não-violência, armas da força moral

Realmente ajudar

Mediação baseada na unidade

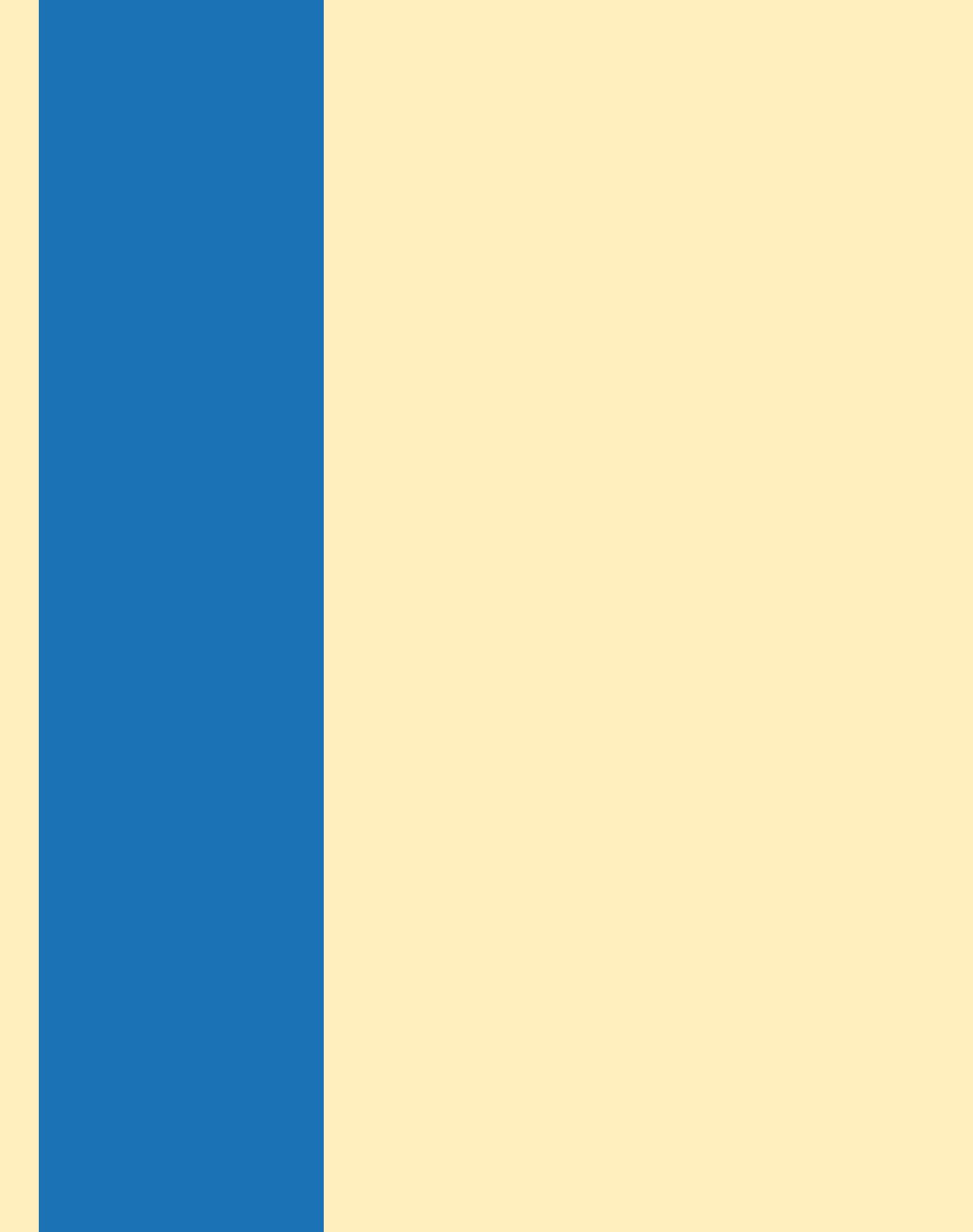
Paz duradoura

O que é que *eu* posso fazer? E o que é que posso fazer *agora*?

Cada humano um pacificador



ESPECIAL DE PAZ 2022



Cada humano um pacificador

Introdução *p. 83*

Impulsos de paz a partir das leis Universais

p. 84

As leis Universais explicam porque surgem guerras e conflitos. Com base nestas mesmas leis, podemos aprender a pensar e agir de tal forma que as guerras não ocorrem mais.

Três coisas a recordar *p. 87*

G. de Purucker

Do que este tempo de transição necessita *p. 88*

G. de Purucker

Teosofia para ajudar o seu vizinho *p. 89*

Vista do Mahã Chohan

Nenhuma paz sem visão

p. 91

Sinalizadores para construir a sua *própria* visão interior, tornando-o um verdadeiro pacificador.

A visão do Senhor Buddha *p. 95*

G. de Purucker

“Eu sou aquilo que é” *p. 96*

W.Q. Judge

O “sempre se tornando” e ou “sempre sendo” *p. 97*

H.P. Blavatsky

A origem e a prevenção da guerra

p. 98

A guerra é criada pelo pensamento egoísta. Como resultado, constrói-se uma tensão que deve ser libertada. No entanto, podemos evitar a guerra.

Karma-Nemesis *p. 104*

H.P. Blavatsky

A civilização construída com base no pensamento *p. 105*

G. de Purucker

Proteção contra o descontentamento, a divisão e o ódio

p. 107

Porque é que as pessoas começam a odiar os outros e vêem-nos como “o inimigo”? E como podemos evitar isto para nós próprios e como grupo?

O mérito do auto-esquecimento *p. 113*

G. de Purucker

Medo, o grande destruidor *p. 114*

G. de Purucker

“A vingança é minha” *p. 115*

G. de Purucker

Cada humano UM PACIFICADOR



Consciência e não-violência, armas da força moral

p. 117

Como seguir a nossa consciência em tempo de guerra e não se deixar levar.

O dever e o equilíbrio *p. 126*

G. de Purucker

Realmente ajudar

p. 128

Como podemos realmente ajudar em situações difíceis, tais como em guerra ou conflito? O conhecimento das Leis da Natureza mostra-nos que podemos oferecer ajuda a três níveis: Inspirando, Protegendo e Curando.

Guerra versus patriotismo

p. 134

K. Tingley

Mediação baseade na unidade

p. 139

A prevenção é melhor do que a cura. Mas o que podemos nós fazer quando uma situação já se agravou? Como podemos pôr fim ao conflito de tal forma que as partes possam continuar a viver juntas em harmonia?

O segredo do conflito humano

p. 145

G. de Purucker

Paz duradoura

p. 149

Nos artigos anteriores, discutimos as causas dos conflitos e as formas de os ultrapassar. Mas como eliminar permanentemente os conflitos? O que é uma paz duradoura, e como a alcançamos?

Altruísmo

p. 155

G. de Purucker

Sobre o patriotismo mundial

p. 156

K. Tingley

O que é que *eu* posso fazer?

E o que é que posso fazer *agora*?

p. 157

Quer o percebamos ou não, devido à nossa inextricável interligação, influenciamos sempre a totalidade. O que podemos fazer aqui e agora para deixar a nossa influência ser de uma força protectora e de ajuda no mundo? Ou, por outras palavras, como ser um pacificador?

De que forma podemos ajudar?

p. 162

K. Tingley

Perdoe e aprenda a amar

p. 163

G. de Purucker

Cada humano UM PACIFICADOR



Cada humano UM PACIFICADOR



Introdução

A guerra que actualmente grassa na Europa não surgiu do nada. É o resultado de padrões de pensamento. Aqueles que conhecem algo das leis Universais, também sabem quais as causas que conduzem às guerras.

A guerra é um destino imposto a nós? De modo algum. Com base nestas leis Universais pode aprender a pensar e agir de tal forma que os conflitos não saiam do controlo, de facto, não ocorrerão de todo. Sem dúvida, as pessoas podem viver em paz umas com as outras.

Isto motivou-nos a compilar esta edição especial de *Lúcifer – o Portador da luz*. Ao fazê-lo, continuamos a longa tradição das actividades de Paz da Sociedade Teosófica Point Loma. Estamos convencidos de que, nestes tempos de conflito e guerra, as ideias desta edição de *Lúcifer* sobre a Paz são de extrema importância. Quanto mais se difundem, mais nos aproximamos da paz permanente. Portanto, publicamos este *Lúcifer* em mais línguas do que normalmente fazemos. Esta edição irá aparecer em sete línguas: inglês, espanhol, português, alemão, holandês, russo e ucraniano. As diferentes edições podem ser encontradas no nosso website.

Esta edição de Paz foi preparada por uma equipa conjunta. Por conseguinte, os nomes dos autores não são mencionados acima dos artigos. Os artigos seguem uns aos outros em ordem lógica. Cada artigo é seguido por um ou mais artigos ou citações dos Professores teosóficos sobre o assunto. Desta forma, tentamos seguir os passos dos nossos Professores e continuar o trabalho para uma paz duradoura entre todas as nações e todo o povo.

Nas referências, referimo-nos às edições originais em inglês. Se o artigo ou livro também tiver aparecido em português, encontrará também uma referência a ele.

A equipa de escritores consiste em: Henk Bezemer, Erwin Bomas, Anja de Jong, Iljitsj van Kessel, Bouke van den Noort, Nico Ouwehand, Renate Pico, Joop Smits, Rutger Soons, Herman C. Vermeulen, Johanna Vermeulen, Barend Voorham e Philip Wiskie.

Cada humano UM PACIFICADOR



Pensamentos-chave

- » A história ensinou-nos que as guerras nunca resolvem os nossos problemas.
- » Conflitos são causados por diferenças de opinião, onde os envolvidos endurecem os seus posições.
- » As guerras podem ser evitadas através de consulta numa base de igualdade.
- » As leis universais explicam a causa e solução de todos conflitos. Isto permite-nos gerir o processo e prevenir conflitos.
- » Esta edição pretende ser uma orientação prática, mostrando como se pode aplicar Theosophia, as leis Universais, na prática.

Impulsos de paz a partir das leis Universais

As leis Universais explicam porque surgem guerras e conflitos. Com base nestas mesmas leis, podemos aprender a pensar e agir de tal forma que as guerras não ocorrem mais.

Momento de desapontamento

A cada momento ouvimos que outra guerra rebentou, outra está a ser acrescentada ao número de guerras, e ela dá a muitas pessoas um sentimento forte de medo e desapontamento. Raramente, porém, perguntamos a nós próprios: até que ponto é que nós mesmos, directa ou indirectamente, contribuimos para que ela acontecesse?

Do ponto de vista da Sabedoria Antiga, a Teosofia, a Sabedoria dos Deuses, a guerra nem é desejável nem é necessária. A guerra não tem de acontecer. No entanto, a história humana está cheia disso. Mas a própria história mostra-nos também que as guerras não são solução para os problemas: há conflitos que têm continuado por muitas gerações, mesmo séculos, e que se conservam de pé por pessoas que não têm a menor ideia do que lhes deu origem.

As guerras são desacordos que se descontrolam

As guerras têm a sua origem em

diferenças de opinião acerca de uma situação, que fica por resolver mas que evolui mais e mais, são alimentadas até que desencadeiam acções violentas como uma tentativa de usar a violência como meio de provar que se tem razão.

Se as guerras começam por coisas tão pequenas, elas devem ser prevenidas por intervenções atempadas. O que é que isto exige da nossa parte? Aquelas diferenças de opinião devem ser discutidas, nacional e internacionalmente, de modo a que o consenso possa ser alcançado. Se os problemas são ainda pequenos, eles são ainda mais fáceis de resolver.

A prevenção é muito mais fácil do que fazer recuar uma situação de guerra para uma sociedade realmente pacífica.

Mas porque é que estala a guerra? Como é que pode ser revertida e desistir dela em direcção a uma sociedade pacífica – não um “status quo” ou uma situação artificial com poderes divididos suportados pela política ou por forças de paz, incluindo os capacetes azuis da ONU, etc.?

A forma mais primitiva de tentar resolver um conflito é usar a violência para provar que temos razão; ou ir para a guerra para oprimir em ordem a obter justiça. Isto nunca conduz a uma solução do conflito sob a forma de uma sociedade pacífica. Torna-se imperiosa uma abordagem completamente diferente.

Já sabemos muito tempo que as guerras não conduzem a soluções. Então como lidar com os problemas? Nesta edição especial de *Lúcifer*, nós, desde o ponto de partida da Teosofia, queremos mostrar um certo número de princípios que podemos atingir passo a passo. Queremos dar algumas ferramentas para conseguir isto.

Estes princípios não são novos. Eles são tão velhos quanto a humanidade, sempre explicados à Humanidade pelos seus Professores. Infelizmente, a maior parte da humanidade está surda para eles e até agora tem feito pouco ou nenhum uso destas pérolas da sabedoria.

Apesar disso, a humanidade tem uma história muito rica de resolver conflitos e não apenas de fazer guerra. Muitas nações a que nós chamamos primitivas fazem melhor do que nós fazemos hoje. Elas têm tradições de negociações demoradas que envolvem toda a comunidade e que não param até que um acordo esteja alcançado.

O que é um conflito?

Como é que acontece um conflito? Dado que existem muitos deles, esperaríamos que fosse um processo muito comum. A experiência ensina que não poderíamos estar mais longe da verdade. Muitos de nós não temos ideia do que seja um ser humano e de como trabalha o pensamento humano. Não sabemos quais as características do pensamento e quais as forças que dele emanam e que elementos básicos para o conflito têm que ser achadas nele; e que esses conflitos são divergências de ideias, originadas por diferenças no modo de pensar.

Construímos estas concepções individualmente, identificamo-nos com elas e solidificamo-nos nelas. Achamos que é difícil sair delas em ordem a começar a olhar para a solução do conflito a partir de uma realidade mais ampla, e começar deliberadamente a partir daí.

Muito concisamente podemos afirmar que o conflito nasce de uma visão diferente da Realidade: a Realidade, a Verdade com letra maiúscula. Podemos fixar que cada pessoa olha para a Realidade a partir das suas próprias qualidades de pensamento ou que construímos uma imagem disso. Tome o exemplo das pessoas num estádio de futebol. Eles viram todos o mesmo jogo. E todavia metade deles acaba satisfeita enquanto a outra metade fica

desapontada, desde que não houvesse empate.

Quando começamos a reconhecer que o conflito começa a partir de uma diferença de visão (perspectiva), também ficamos a saber como resolver conflitos e não os deixar progredir. Se pensarmos que o pensamento humano tem qualidades mais elevadas, a partir do qual vemos uma realidade mais ampla, a partir do qual podemos ver ou avaliar a situação, demos já um importante passo.

Será que os conflitos são evitáveis? Sim, são. Será que as diferenças de visão de uma Realidade maior são evitáveis? Não, isso não é possível e não precisamos de nos importar com isso. A diferença do ponto de vista é normal e depende do nosso estado de desenvolvimento ou de evolução, Nenhum conjunto de duas pessoas está no mesmo nível de evolução. Isso não tem de ser um problema; isso pode actualmente ser enriquecedor. Um bom diálogo conduzido com uma mente aberta proporciona profundidade e crescimento da visão de ambos os lados.

A diferença de pontos de vista não é, portanto, um problema quando se vive lado a lado. Não de todo. Podemos muito bem viver lado a lado com diferenças de pontos de vista sobre a realidade. Precisamos de nos respeitar uns aos outros.

Da guerra ao diálogo

Quando a situação endureceu até ao ponto em que as diferenças de opinião se deterioraram até à violência física, com o grande sofrimento que consigo arrasta, então começa o processo difícil de fazer recuar a violência para o diálogo.

O que é necessário é o desejo de paz, da paz real, e não de uma solução calculista. Se se trata disto, então não se chegará a uma paz real, mas apenas temporária, um equilíbrio forçado.

Uma paz real requer um caminho de entendimento que está longe de ambas as facções. Os argumentos de ambos os lados devem ser pesados igualmente a sério, mesmo se eles não parecem realistas. Neste caso, as partes têm que assumir a responsabilidade uns para com os outros e para com o sofrimento de uns e de outros. Terá que ser feito um trabalho duro para se alcançar uma realidade mais elevada, uma verdade mais elevada. Os argumentos apresentados por ambos os lados devem ser tomados seriamente. Não podemos dispensar argumentos recusando a posição de cada um deles. Não é necessário concordar a 100%. O espaço para o respeito mútuo é muito necessário. Podemos viver lado a lado sem os 100% de acordo, mas então temos de dar a cada um outro espaço em algumas tangentes.

Como dissemos, vale mais prevenir que remediar. A grande

questão é: como é que se rechaça uma situação de guerra com toda a violência que ela envolve, com os muitos sofrimentos que ela ocasiona, e com os crimes de guerra que são cometidos? Para mais, são desencadeadas muitas consequências kármicas, que têm de ser compensadas. Se não o fazemos, elas regressam e fazem o seu percurso. Ultimamente, muita guerra acaba à mesa das negociações. Porque não começar então? Pensar no direito de cada um, através de uma autoanálise, é um pré-requisito. Por exemplo, mesmo se nós estamos convencidos de que não parecemos ameaçadores, isso não quer dizer que a outra parte o experimente dessa maneira.

As guerras são a expressão do pensamento discordante dentro do todo da humanidade

As guerras não são uma expressão do comportamento de um pequeno grupo de pessoas, mas muito mais a expressão de uma patologia global, ou a expressão de pensamentos de egoísmo e fanatismo dentro de toda a humanidade. Isto será discutido mais tarde nos artigos seguintes. Essa doença mental produz expressões dispersas aqui e ali. Tal como uma doença nos humanos acarreta sintomas em diferentes partes do corpo, assim se passa com um número de problemas mentais comuns.

As guerras têm muitas vezes um longo período de duração, durante o qual o pensamento está poluído com mentiras.

O que é que pretendemos alcançar com esta edição sobre a paz?

A edição pretende ser um guia prático, que o é, não teórico. Vamos mostrar como é que podemos fazer na prática com estes conhecimentos. Se não praticamos as coisas, elas são apenas teoria.

Abordamos os temas da guerra e da paz, do conflito e da solução do conflito, do ponto de vista da Antiga Sabedoria, na qual encontramos um conhecimento mais profundo do pensamento humano. É a sabedoria universal cujos traços mais profundos ou às vezes apenas os rudimentos, podem ser encontrados em todas as grandes religiões universais e filosofias, em todas as culturas antigas. Esta Sabedoria foi muitas vezes enterrada ao longo dos séculos, debaixo de toda a espécie de culturas dependentes, de visões tradicionais, de modo a que agora frequentemente pouco sobrou dela. Só aqueles que pretendem cavar mais fundo – e não estamos falando literalmente – serão capazes de recuperar esta Sabedoria original.

Vemos que, regularmente, Sábios, Professores, vêm revitalizar a Sabedoria antiga, a Teosofia, a Sabedoria dos Deuses,

comumente conhecida como Teosofia. Isto foi também efectuado em 1875 pela sra. Blavatsky e pelos seus Mestres. O objectivo deles era tornar conhecida outra vez esta Sabedoria, refrescada e aprofundada: um renascimento da Sabedoria.

Helena Blavatsky e os seus Professores não só activaram esse velho conhecimento mas também e especialmente aprofundaram-no. Eles revelaram conhecimentos que não tinham sido ainda conhecidos pela humanidade, sabendo que a humanidade está entrando numa fase de evolução na qual muitos desafios kármicos serão presentes a eles próprios – desafios kármicos que podem ser sucessivamente encontrados com o conhecimento correcto. Esta elevada responsabilidade e este trabalho karmicamente exigente foi realizado por H.P. Blavatsky e pelos seus Professores. Este impulso foi depois mais desenvolvido e mais publicitado durante o seu tempo de vida e mais tarde pelos seus sucessores.

Leis Universais: conhecendo as consequências das nossas acções

Na Teosofia, há um número de leis fundamentais, também chamadas leis da Natureza. Estas leis podem ser encontradas através do Universo, e a sua validade pode ser, portanto, testada por qualquer pessoa. Se as respeitarmos, as consequências kármicas das nossas acções podem ser resolvidas e não ampliadas. Se conhecermos e aplicarmos estas leis, as consequências das nossas acções serão completamente previsíveis. Então sabemos o que vai acontecer. O futuro é então como um livro aberto para nós.

No coração destas leis está a ideia fundamental da Fraternidade Universal como um facto na Natureza. A Harmonia Universal e a Unidade é um facto. Esta ideia de Unidade é um alicerce essencial. Ela foi substanciada e elaborada por Helena Blavatsky no seu livro *A Doutrina Secreta* de uma forma muito profunda. Queremos mostrar nesta edição que estas leis Universais formam a base para a explicação de por que é que as guerras e os conflitos acontecem, mas que também elas formam a base para se resolverem as guerras e os conflitos, porque ficamos com uma perspectiva clara das causas e das consequências. E porque compreendemos o mecanismo, podemos portanto gerir e prevenir conflitos.

Por exemplo, a corrida aos armamentos também nos guiará para a sua utilização, baseados nas leis de causa e efeito e da ciclicidade. Estes ensinamentos, porém, também nos mostram que pensamentos e acções devem ser feitos para atingir a paz, para afastar o ciclo da violência.

A tradição da paz teosófica

Tentámos, nesta edição de *Lúcifer* sobre a paz, mostrar algumas perspectivas de princípios baseados na Teosofia acerca do assunto da guerra e da paz. Assim, não se trata de métodos desenvolvidos por grupos de pessoas, apenas a visão da Teosofia, baseada nas leis da natureza. Mostrando-nos quais as soluções que existem. Na nossa organização, a Sociedade Teosófica Point Loma (TSPL), há uma forte tradição de Paz. Foi começada por Katherine Tingley, a terceira dirigente da TSPL já desde o remoto ano de 1900 até à sua morte em 1929, e continuado imediatamente por Gottfried de Purucker, o quarto líder. Nesta longa tradição de simpósios, concertos, conferências e muitas missões de paz à volta do mundo há um tesouro de sabedoria que dirige e explica todos os temas em torno da guerra e da paz, mas a maior parte deles mostra como é que a guerra pode ser prevenida e como a paz pode ser restaurada, embora esta última não seja certamente um processo fácil.

Estamos a aplicar aquela sabedoria nesta revista para situações correntes, na linguagem do nosso tempo. Cada

artigo está adicionalmente suprido com pensamentos muito relevantes sob a forma de citações ou artigos da longa tradição de paz da nossa organização.

A Antiga Sabedoria oferece agora aquilo de que as pessoas estão muito carecidas

Apesar do facto de o mundo ter muitas instituições que tratam destas questões da guerra e da paz, várias delas abordando o aspecto psicológico, para nosso conhecimento, não há instituições que abordem o karma, a ciclicidade, e a natureza compósita do homem e do seu pensamento, como a Teosofia faz. São séculos e séculos da Velha Sabedoria que nos servem. Paz duradoura, compreensão da verdadeira natureza do homem e do cosmos, não é uma utopia, mas uma realidade possível aqui e agora. Esta edição pretende oferecer perspectivas e inspirações para isso.

Tem as suas ideias próprias, exemplos e perguntas respeitantes a esta edição? Gostaríamos de as receber, como um princípio para contribuições futuras. Para fazer isso, vá para <https://blavatskyhouse.org/nl/contact/>.

≧ *Textos teosóficos inspiradores sobre este assunto* ≦

Três coisas a recordar

O seguinte texto de G. de Purucker foi publicado em 1940. Por breve que seja, contém as chaves douradas para ser um centro de sabedoria e paz em qualquer situação.

Há três coisas que peço muito sinceramente a todos vocês que tenham em mente, e falo directamente do meu coração para o seu. Nunca esqueçam os nossos ensinamentos da Fraternidade Universal. Mesmo que as condições sejam tão difíceis que não se possa proclamar do alto dos telhados, carreguem-na nos seus próprios corações.

O meu segundo pensamento é: lembrem-se da nossa responsabilidade individual como seres humanos. Não podemos escapar a ela. Teremos de prestar contas de tudo o que pensamos, sentimos e fazemos. Que o nosso registo, quando o nosso último suspiro for dado, seja tal que possamos olhar para trás desde os primeiros momentos do pensamento auto-consciente e dizer: Já travei uma boa

luta. Cumpri o meu dever. Não prejudiquei ninguém conscientemente. Estou pronto. Então virá o aparecimento perante aquele tribunal infinitamente justo – o tribunal do Eu Superior no seu interior, o seu próprio Deus Interior – que cada ser humano enfrenta durante alguns momentos fugazes quando o último suspiro tiver sido dado. Antes disso, nenhuma desculpa é admitida. A alma está nua. É pesada na balança da justiça e do amor inflexíveis mas infalíveis. A futura encarnação será de acordo com o registo cósmico feito por si como almas humanas perante o tribunal do seu Deus Interior.

E terceiro: levai isto nos corações: foi a oração de Sócrates. É um guia na vida. Foi em substância isto: Ó Pai Zeus, levai-me a viver para que o homem exterior na terra e o homem interior possam estar um só!

— G. de P.

Gottfried de Purucker, 'Three things to remember', *The Theosophical Forum*, Vol. XVII, No. 5, Novembro 1940, p. 305.

Do que este tempo de transição necessita

Este excerto é de G. de Purucker's *Esoteric Teachings* Volume II. Estas Instruções foram destinadas aos estudantes da Secção Esotérica (S.E.) da Sociedade Teosófica, mas a mensagem contida neste excerto é da maior importância para qualquer pessoa que ame os seus semelhantes.

Ele fez estas declarações em 1932, catorze anos após a Primeira Guerra Mundial e oito anos antes da Segunda Guerra Mundial. Este texto é importante não só pelo seu valor profético, mas especialmente porque nos dá a chave para prevenir a violência e o terror vindouros, e, se estes já tiveram lugar, para reduzir os seus efeitos. Aqueles que compreendem a mensagem abaixo têm nas mãos um instrumento poderoso para contribuir para emergir dos tempos de transição de uma forma harmoniosa.

Queria chamar a sua atenção para este facto, porque a era não só do nosso próprio trabalho teosófico, mas também a era em que o mundo está actualmente entrando, é uma era muito invulgar. É uma era que não pertence à chamada Era Messiânica que tem 2.160 anos, mas que contém um período de tempo entre dez e doze mil anos. Um desses ciclos de que agora falo terminou, e um de igual período começou agora. Todo o mundo civilizado, em particular nos países europeus e americanos, está a aproximar-se de um ponto muito perigoso e crítico na sua história. Tenho estado alarmado, profundamente ansioso, com a situação dos assuntos, porque se trata de um equilíbrio muito delicado quanto ao lado da linha divisória entre a segurança espiritual e o retrocesso espiritual, a balança vai inclinar-se. É portanto nosso dever, não só como Teosofistas, mas como Esotéricos, exercer os nossos maiores esforços, cada grama de força da qual somos capazes, para que possamos levar aos outros os ensinamentos Teosóficos, e se possível e estritamente de acordo com as instruções da S.E., conduzi-los ao trabalho da S.E. onde podem obter as camadas de pensamento mais profundas, como sabem: camadas de pensamento mais profundas, e mais difícil de compreender do que os ensinamentos teosóficos comuns, mas, no entanto, oferecendo maiores oportunidades de crescimento espiritual e calma do que poderia ser obtido no trabalho ordinário da T.S.

Os Mestres fundaram a Sociedade Teosófica na nossa época para que ela funcionasse como fermento no pensamento humano, o que significa nos diferentes estratos da sociedade humana, e portanto na própria estrutura social. Isto, claro, significa igualmente nos estratos religiosos, filosóficos e científicos da sociedade, bem como naqueles que passam por outros nomes. É uma questão da maior importância semear as nossas sementes teosóficas em todo o lado. A recente grande guerra foi apenas um dos sintomas do karman que está afligindo a humanidade, especialmente no Ocidente, na actualidade. Agora a guerra poderia ter sido muito pior do que foi: poderia ter significado o fim definitivo da civilização que o Ocidente tem vindo a construir nos últimos dois mil anos. Felizmente, foi detida antes de ficar totalmente fora de controlo; mas para evitar um cataclismo, um grave cataclismo espiritual e social, nos países europeus e americanos, deve haver um pesado equilíbrio de forças espirituais do lado da Luz e do crescimento e da paz. Há a verdade simples perante vocês.

A fim de enfrentar o perigo na medida do possível, vieram instruções para redobrar todos os nossos esforços, para fazer todo o sacrifício possível para a expansão do trabalho teosófico. Interesse o maior número possível de pessoas no trabalho de S.T., e de todas as formas honrosas e adequadas tente levá-las a entrar na esfera de pensamento S.E., com a sua atmosfera maravilhosamente calma, tranquilizante e pacífica. Há literalmente um processo de batalha entre as forças da luz, às quais devemos lealdade, e as forças das trevas. As forças das trevas são aquelas que frequentemente fazem o maior apelo à consciência do homem médio, sugerindo mero conforto animal, falta de actividade espiritual e intelectual intensa, e a insistência colocada na falsa doutrina dos direitos do indivíduo como sendo maior do que o cumprimento do dever para com os seus semelhantes. Estas coisas, se psicologicamente agrupadas e pregadas como um código de conduta, implantam impulsos egoístas no coração humano; e estas doutrinas de egoísmo é muito necessário que combatamos por todos os meios ao nosso alcance.

Que ninguém imagine que o *Terror* que H.P.B. declarou “afectará toda a Europa quando chegar, e não apenas um país”^{*} se referia apenas à última grande guerra de 1914-18. Por muito horrível que tenha sido, essa guerra apenas marcou a ruptura ou o fim de um ciclo antigo, e o início de um novo. Não foi a Guerra que provocou esta mudança de ciclos. A Guerra foi apenas um efeito, um resultado,

^{*} H.P. Blavatsky, *Glossário Teosófico*, 1892, verbete “St. Germain”.

uma consequência, da vida maléfica da Humanidade para as eras anteriores. O *Terror* da Europa ainda não chegou. A Grande Guerra inaugurou-a; e digo, Companheiros, que este *Terror* não está assim tão longe. Se a Sociedade Teosófica não continuar viver, e não fizer aquilo para que foi criada: mudar o coração dos homens para a bondade e a fraternidade, para a compaixão e a piedade, e infundir nas almas dos homens a fome de uma Luz maior – se a Sociedade Teosófica não continuar a viver e realizar o seu trabalho destinado – será um fracasso. Desde a sua fundação pela nossa querida H.P.B., já fez maravilhas. Algumas das nossas doutrinas teosóficas percolaram, peneiradas, na mente dos homens, de modo que mesmo muitas das nossas palavras técnicas se tornaram popularizadas nos jornais. Mas isso não é suficiente. Isso é apenas a aceitação de certas palavras pela mente do cérebro. É uma mudança no coração dos homens para a qual devemos trabalhar, e a melhor maneira de o fazermos é aumentar ao máximo a nossa capacidade de membros. Cada novo membro reunido nas nossas fileiras significa muito mais força e poder – outro coração dedicado pronto a lançar a sua influência na balança pela paz e justiça e pela luz e fraternidade humana. Receio que o Terror Europeu não possa ser impedida, mas a Sociedade Teosófica pode fazer o seguinte: pode aliviar grandemente os seus horrores suavizando os corações dos homens e fortalecendo as suas mentes. As nossas doutrinas, os nossos ensinamentos, os nossos ideais, as nossas aspirações, o nosso conhecimento, e a nossa sabedoria, devem tornar-se mais conhecidos, pois a sua influência está a refinar e a elevar e a fortalecer e a acalmar. A Teosofia acalma as paixões do mal. Acalma o ódio. Estimula o amor. É o que faz a Teosofia. Felizmente é para o mundo que cada unidade nacional, falando agora em geral e sem particularização, tem a sua própria “Secção Interior” tão viva e activa hoje como sempre foi. Mas estes corpos interiores e verdadeiramente secretos não procuram neófitos ou discípulos, e fazem todo o seu trabalho cada um no seu próprio campo, desconhecido dos homens e no silêncio. Estas “Secções Internas” são todas ramos da Grande Loja que conhecemos. Cada país tem uma tal Secção. Posso dizer aqui, que apenas na proporção em que a nossa própria querida S.T. provar ser digna desta orientação invisível e poderosa, mas invisível, ajuda que lhe será dada. Mas tem de se fazer digna! Não imaginem por um instante que estas “Secções Internas” alguma vez interfiram na política. Estas são apenas a classe de coisas que elas evitam, o que não significa que sejam espiritualmente inactivas. Mas

precisamente porque a política é tão intensamente humana, tão intensamente emocional, tão intensamente não-espiritual, local, e de muitas formas frequentemente tão egoísta, eles não interferem de forma alguma. O que estas “Secções Internas” fazem em tais casos é o que podem – tendo em conta o karman da unidade racial ou da unidade nacional que respectivamente guiam, tentar reparar erros e inculcar pensamentos de unidade humana.

Gottfried de Purucker, *Esoteric Teachings*, Vol. 2, *The Esoteric or Oriental School*, [A Escola Esotérica ou Oriental], p. 103-106 (1st edição, 1936), p. 142-146 (Edição I.S.I.S, 2015).

Teosofia para ajudar o seu vizinho

Abaixo está o início da visão do Mahā Chohan, o Professor dos Mestres de Sabedoria e Compaixão, como expresso por um dos Mestres numa carta a A.P. Sinnett. Ela indica claramente o propósito da Sociedade Teosófica.

A doutrina que promulgamos, por ser a única verdadeira, deve, apoiada em provas como as que estamos por oferecer, triunfar, afinal, como qualquer outra verdade. Contudo, é absolutamente necessário incuti-la gradualmente, colocando em prática suas teorias, fatos inquestionáveis para aqueles que sabem, com inferências diretas deduzidas das e corroboradas pelas – evidências fornecidas pelas modernas Ciências Exatas. Esta e a razão pela qual o Coronel H.S.O.*, que trabalha apenas para reviver o Budismo, pode ser visto como alguém que se esforça na verdadeira senda da teosofia, muito mais do que qualquer outra pessoa que escolha como meta a gratificação de suas próprias e ardentes aspirações ao conhecimento oculto. Despojado de suas superstições, o Budismo é verdade eterna, e aquele que se esforça por encontrar está última está buscando a Theo-Sophia, Sabedoria Divina, que é um sinónimo da verdade.

Para que nossas doutrinas ajam de forma prática sobre o assim chamado código Moral, ou as ideias de retidão, pureza, auto-esquecimento, caridade, etc., temos de popularizar o conhecimento da Teosofia. O que caracteriza

* Henri Steel Olcott, o então presidente da Sociedade Teosófica.

o verdadeiro teosofista não é o objetivo individual e determinado de obter para si mesmo o Nirvana (culminação de todo conhecimento e sabedoria absoluta) – o que, afinal, é apenas um sublime e glorioso *egoísmo* – mas a dedicação à busca com auto-sacrifício do melhor meio para levar nosso próximo ao caminho correto, beneficiando o maior número possível de nossos semelhantes.

Os setores intelectualizados da humanidade parecem estar-se dividindo rapidamente em dois grupos. Um prepara-se inconscientemente para longos períodos de aniquilação temporária, ou estado de não-consciência, devido ao abandono deliberado de seu intelecto, e aprisionamento nas estreitas trilhas do fanatismo religioso e da superstição, processo que inevitavelmente conduz à total deformação do princípio intelectual; o outro entrega-se desenfreadamente a seus impulsos animais, com a intenção deliberada

de *submeter-se* à aniquilação pura e simples em caso de fracasso, e a milênios de degradação após a dissolução física. Essas “classes intelectuais”, agindo sobre as massas ignorantes que elas atraem e que as vêem como nobres e dignos exemplos a seguir, rebaixam e degradam moralmente aqueles que deveriam proteger e orientar. Entre a superstição degradante e o ainda mais degradante e brutal materialismo, pomba branca da verdade dificilmente encontra um lugar onde possa descansar seus pés desprezados e exaustos ...

Já é tempo de a teosofia entrar em cena; (...)

“The Mahā Chohan’s Letter”, uma versão resumida da visão do Chohan na S.T., escrita por Mahatma K.H.

Fonte: a transcrição por A.P. Sinnett em forma escrita e impressa.



Lomaland Photo & Engraving Dept.

A COMISSÃO GERAL TEOSÓFICA DA PAZ PERMANENTE

Reunido a 7 de Fevereiro de 1923, no Templo da Paz, Sede Teosófica Internacional, Point Loma, Califórnia, por Katherine Tingley, com o objectivo de nomear um Comissão Permanente de Paz para considerar medidas adequadas, para o estabelecimento da paz permanente, incluindo a realização de um Congresso de Paz na Primavera de 1923 na Sede Teosófica Internacional. A data será anunciada na edição de Abril de THE THEOSOPICAL PATH.

Cada humano
UM PACIFICADOR



Nenhuma paz sem visão

“Sem visão o the povo perecerá...”
(*Provérbios 11:14*)

Praticando a aprendizagem, portanto, o conhecimento e a meditação para aumentar a sabedoria mística; tem na verdade visão.

— Ashvagosa, *Buddhakarita* Capítulo 26, 68

Pensamento-chave

» Directrizes para construir a sua própria visão interior, tornando-o um verdadeiro pacificador.

O mundo à nossa volta está mudando mais rapidamente do que esperávamos. As velhas certezas desapareceram de repente. Quem teria pensado há poucos anos que muitos países à volta do mundo encerrassem por causa de um vírus mortal? Quem esperava que uma guerra rebentasse na Europa? Muitos bem conhecidos representantes do “mais elevado” nível de países no mundo, a camada de sabedoria moral, os Mandelas e os Tutus, desapareceram, morreram. Muitos políticos que foram eleitos abandonaram a conexão com as mais elevadas camadas de pensadores e filósofos nos seus países. Eles exibem muitas vezes um comportamento instável e tomam decisões que quebram aquela sabedoria. Isto leva a que a camada sob a sua direcção, a camada militar, tenha espaço para resolver os problemas através da violência em vez da sabedoria. Neste tempo de guerra e discórdia onde encontrar uma certa sabedoria,

um apoio sólido para servir de base às nossas vidas? O caos que nós vemos nas notícias não pode simplesmente ser realidade. Deve haver mais. O que é que o cosmos parece realmente? A fim de descobrir isso, nós devemos, independentemente do facto de o mundo exterior esta sempre mudando, procurar a verdade *dentro de nós próprios*. A partir desse permanente ponto de descanso interior, a partir desse santuário interno, dentro de nós próprios, podemos começar a criar uma perspectiva. Sem tal visão interior, seremos como folhas movidas para um lado e para outro pelos ventos da opinião pública e pelos manipuladores. A cada um deve ser dado o espaço para construir a sua própria visão interior. Devemos dar esse espaço uns aos outros. As três ideias neste artigo são, portanto, destinadas a dar uma ajuda. Experimente-as, e só se estas ideias ressoarem com a sua

própria sabedoria interior, pode obter uma visão clara. Estas três ideias são os pensamentos básicos da Teosofia, a fonte comum de todas as grandes religiões e filosofias.

A primeira ideia é a mais essencial:

TUDO VIVE

TODA A VIDA É UMA SÓ

O grande estoico Marco Aurélio já dizia: “O Universo é um grande organismo vivo”.

Os budistas descrevem isto como um Infinito Oceano de Vida.

A segunda ideia não olha para a Vida na sua totalidade, mas para todos os seres vivos.

TODOS OS SERES ESTÃO INTERCONECTADOS

Eles formam pontos focais num grande tecido da vida, através da qual a vida pulsa.

Eles estão permanentemente conectados, “pulsando” ciclicamente do activo para o passivo e outra vez para o activo, da vigília para o sono e outra vez para a vigília, do “vivo” para o “morto”, etc.

Assim todas as células de um tecido estão conectadas pelos vasos sanguíneos.

Assim todas as estrelas na galáxia estão conectadas através dos caminhos da luz.

Os budistas dão a este conjunto de gotas o nome de Oceano de Vida.

TODOS OS SERES SÃO IRMÃOS: A FRATERNIDADE

UNIVERSAL

Muito importante, a este respeito, é que todas estas gotas transportam em si todas as potencialidades do Oceano. Visto a esta luz, cada gota é o Oceano. A partir daqui podemos tirar uma importante conclusão:

“Se eu transporto todas as possibilidades do Oceano dentro de mim, então eu sou o Oceano, então isso é verdade para todos os outros seres vivos: para os humanos, meus companheiros, para os animais, meus companheiros, para os companheiros átomos e para os sistemas solares. Todos eles são as gotas que são o Oceano. Conclusão: Eu não *tenho* companheiros-irmãos, eu *sou* os meus companheiros-irmãos.

TODOS OS SERES SÃO UM

Um pensamento para ponderar profundamente, e acima de tudo não o aceitar cegamente. Olhe para dentro de si próprio, repare se ressoa com a sua própria sabedoria interior. Sim, diz-se muitas vezes, todos os seres são um, mas apenas *essencialmente* um. No nível externo, eles não o são, com corpos diferentes e diferentes personalidades.

Este raciocínio é apenas parcialmente verdadeiro. *Visto a partir dos nossos sentidos*, parece ser verdade. Mas, se olharmos *a partir da ideia da Vida*, o que é que nós vemos quando olhamos para o corpo de alguém? Vemos uma nuvem, um exército, uma colecção de seres vivos: células, moléculas, átomos, suportados por nós magneticamente, de uma certa forma. E a essa forma nós chamamos corpo. Esta *forma* é impermanente, nunca a mesma. O nosso espelho da casa de banho mostra-nos isso todos os dias. Mas as células vivas e os átomos com os quais nós colaboramos são permanentes, são os nossos companheiros-irmãos mais novos. Eles são igualmente gotas daquele Oceano, e são portanto um conosco.

Conclusão: em *cada* área, incluindo o mundo exterior, todos os seres são um. Não importa o quanto os nossos sentidos nos sugiram o que nós somos: “Sou diferente do resto”. Estamos conectados, somos irmãos. Temos que aprender a ver através da ilusão das formas para pensar nisto.

A partir desta segunda ideia, o mundo começa a parecer-nos muito diferente. Que possibilidades esta visão oferece na compreensão e na mudança do mundo serão exploradas em detalhe pelos escritores meus companheiros nos artigos desta revista sobre a Paz.

Finalmente, a terceira ideia:

ENTRE TODOS OS SERES HÁ UMA CONSTANTE

INTERACÇÃO

Este ponto focal na teia Cósmica da Vida influencia cada outro ponto focal: alguns mais directamente, outros mais indirectamente. Mas ultimamente, o modo como funcionam aqueles pontos focais afecta a vida de todos os outros pontos focais. Se eu actuo abaixo da minha capacidade, abaixo do nível no qual eu *podia* actuar, se eu conduzo a minha vida a partir da minha poltrona mental para outra, isso dificulta todos os outros seres nos seus desenvolvimentos internos. Não apenas os membros mais próximos da minha família, e companheiros, temporariamente residentes neste planeta. Mas toda a humanidade. E a humanidade não é uma colecção de viajantes temporários que reside neste planeta. A humanidade é um órgão do planeta Terra: o órgão através do qual a Sabedoria alcança este mundo. Portanto, se as células deste órgão – isto é, nós, como seres humanos individuais – não exteriorizamos e usamos a Sabedoria dentro de nós próprios, isso tem as mesmas consequências de como se, por exemplo, um pequeno número de células eléctricas no nosso coração parasse de fazer o seu trabalho, obrigando o paciente a usar um marca-passo. Está vendo a responsabilidade individual? Está vendo

também as desastrosas consequências das guerras? Porque nas guerras, pessoas (com frequência jovens) eram mortas, quando deveriam actualmente ter funcionado durante muitos anos na humanidade, naquele órgão do planeta Terra. E além disso, os soldados que os mataram afundaram-se tanto abaixo do seu nível moral que eles também não são capazes muitas vezes de aceder à sua Sabedoria interior. Perturbação de stresse pós-traumático (PSPT) chamamos àquele estado turbulência interior. Uma turbulência que também afecta famílias inteiras.

Esta terceira ideia tem outro importante aspecto:

TODOS OS SERES CRESCEM APENAS POR INTERMÉDIO DA INTERACÇÃO

Tente esta terceira ideia dentro da sua própria vida: todas as grandes lições da vida se aprendem através do contacto com outros seres companheiros, e especialmente através do contacto com outros seres humanos. Nós somos o espelho uns dos outros, o livro escolar uns dos outros. Somos os “canais” uns dos outros, através do qual o nosso próprio karma nos alcança. Há exemplos inspiradores na literatura teosófica de como pode aprender a ver um (aparente) inimigo como uma oportunidade de crescer, uma oportunidade de enobrecer o seu carácter. O comportamento errado desse “inimigo” é exactamente a fraqueza que nós devemos vencer no nosso próprio carácter. O texto de William Quan Judge enxertado no final deste artigo é um exemplo.

E quer ser um espelho para alguém mais? Então, saiba que o criticismo honesto, substanciado com sabedoria, partilhado em boa harmonia, dá a alguém a oportunidade de mudarem-se eles próprios. Não temos que cair numa correcção agressiva, não temos que nos transformar em “inimigos” de alguém. Porque a partir da visão que construímos neste artigo, podemos ver que estamos tratando com um companheiro-irmão, um ser humano interior e reencarnante, que não é capaz de controlar a sua personalidade exterior. Em resultado disso, esta personalidade comete os maiores erros antissociais tal como um míssil não guiado. Ajudar e apoiar o ser humano interior a voltar a ganhar o controle sobre a sua personalidade exterior, em vez de o punir e danificar a personalidade exterior do outro. E no caso da interacção entre países: ajudar e apoiar a alma interior do país em vez de o invadir e destruir a sua parte exterior: as suas cidades, estruturas, cultura. Sejamos um espelho com o qual se pode falar, que inspira outros. Esta, em resumo, é a visão que queremos apresentar-lhe nesta edição de Paz. Para contemplar e usar, para clarificar, para aprofundar a nossa visão da vida:

**TUDO VIVE
TODA A VIDA É UMA SÓ**

**TODOS OS SERES ESTÃO INTERCONECTADOS
TODOS OS SERES SÃO IRMÃOS: FRATERNIDADE UNIVERSAL
TODOS OS SERES SÃO UM SÓ**

**ENTRE TODOS OS SERES HÁ UMA CONSTANTE
INTERACÇÃO
TODOS OS SERES CRESCEM APENAS ATRAVÉS DA
INTERACÇÃO UNS COM OS OUTROS**

Com esta visão, a questão que nos respeita a todos pode ser respondida assim:

Por que é que vemos sempre conflitos e guerras por toda a parte no mundo?

Como é que eu posso ser um pacificador se eu não compreendo (ainda) completamente o rebentamento das guerras?

Para compreender melhor isto, devemos levá-lo para na história da humanidade. Isto pode ver-se como um amontoado de teoria inverificável, mas não é. Podemos procurar dentro de nós próprios o que é que a Teosofia tem para dizer acerca do desenvolvimento histórico da humanidade. Afinal de contas, somos um ser reencarnante, quer dizer, nós próprios estivemos lá – em anteriores encarnações. E desde mesmo que a ciência reconhece a ideia teosófica de que, no começo da vida, o homem repete brevemente o seu passado, pode mais facilmente aceitar-se o princípio da recapitulação do seu próprio passado durante a sua infância, e conferir isso consigo próprio.

O que é que aconteceu? Na história da humanidade houve um momento – ou pelo menos uma era – quando o homem passou de um ser adormecido, de um pensador inconsciente, para ser um pensador activo e consciente. Todos os antigos textos sagrados mencionam este facto. Os Purânas hindus colocam este despertar há 18 milhões de anos. A Bíblia dá-nos a história de Adão e Eva, que foram expulsos do Paraíso da inconsciência, porque eles tinham comido da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Por outras palavras, 18 milhões de anos atrás, pensando activamente e escolhendo por nós próprios, os humanos começam a ver a diferença entre o bem e o mal. E com cada encarnação aprendemos a agir cada vez melhor, construindo a nossa Sabedoria interior pouco a pouco. Chamamos a esta sempre crescente soma de Sabedoria a nossa consciência. Assim, a nossa consciência nessa altura estava literal e figurativamente na sua infância.

Neste período primitivo do pensamento, os seres humanos

eram guiados pelos seres mais avançados da humanidade, que já estavam mais adiantados no conhecimento baseado na Sabedoria. Este período está reflectido em nós próprios durante o nosso período de infância, a aproximadamente dos 7 aos 14 anos de idade. Durante este período aprendemos a usar bem o nosso pensamento, ouvindo os nossos professores e os nossos pais.

Seguiu-se então um segundo período na história humana – que “recapitula”, que se repete na nossa adolescência. Pode-se-lhe chamar a puberdade da humanidade. É o tempo em que as pessoas começam a ser mais independentes, mais afastadas dos seus Professores. Começaram a aplicar o conhecimento que eles tinham aprendido como bem entenderam. Mas porque a sua consciência, a sua bússola interior, não estava ainda desenvolvida, então fizeram muitas vezes escolhas na vida que não eram baseadas na sabedoria, mas sim num nível primitivo de consciência que nós, humanos, fomos ultrapassados: instinto, o nível animal de consciência. Que é o nível onde os conflitos são resolvidos pela luta, pelas emoções, o nível “olho por olho, dente por dente”. A partir da ideia de que se resolve um conflito eliminando o seu “opponente”. Durante aquele tempo, na história humana, houve muitas guerras ferozes entre diferentes culturas e tribos. Os livros sagrados de todas as religiões estão cheios destes conhecimentos.

Mas isso é história. A humanidade continuou a crescer e tem alcançado um estádio onde temos desenvolvido bastante Sabedoria interno, uma consciência bastante poderosa para resolver problemas não mais por meio de luta, mas através de troca de ideias: através de consultas mútuas. Mais tarde, nesta edição da Paz é explicado como construir uma contribuição mútua para guiar a situação de cada um para uma paz duradoura. Este método é o método de hoje, de pensadores adultos que evoluíram da puberdade. Esta perspectiva no nosso desenvolvimento como humanidade faz de nós *verdadeiros* pacificador, porque se reconhece a regressão mental e moral nas partes em conflito. E podemos levantar ambas as partes acima disso, com tanto sucesso como se nos tivéssemos elevado a nós próprios acima da nossa vida.

Que mais tem guardada a história humana? Será que nós – com o fortalecimento da nossa consciência, vamos crescer para o próximo nível? Sim, e para isso podemos tomar como exemplo os nossos precursores, os nossos professores que nos guiam e inspiram há 18 milhões de anos. Uma pessoa que leia as histórias destes precursores, a vida do Buddha Gautama, a vida de Jesus o Nazareno, de Sócrates, de Apolónio de Tíana, descobre alguma coisa em especial.

Nenhum deles entrou em batalhas, nenhum deles resolveu problemas através de consultas mútuas, mas eles mostram no seu comportamento a nossa mentalidade do (distante) futuro. É a mentalidade que sustenta, a partir de uma forte consciência amadurecida e de intuição espiritual, que simplesmente por meio da sua nobreza de carácter, pela sua força interior e espiritual, constrói, no seu meio, uma esfera elevada onde os conflitos não rebentam. À sua volta ninguém desenvolve nem uma *inclinação* para semear discórdia.

Isto é, em resumo, a ideia que mostra a história da humanidade e também a situação do nosso mundo corrente:

Três mentalidades:

- uma mentalidade primitiva e fora de moda de luta e agressão. Uma mentalidade de um passado distante.
- uma mentalidade do nosso actual nível de consciência: harmonizando situações problemáticas por meio de apropriadas negociações intensivas.
- uma mentalidade do futuro, onde nós, por meio da influência da nossa Sabedoria, prevenimos simplesmente os conflitos que podem ocorrer.

Se agora deitarmos um outro olhar para os acontecimentos do mundo – mas nesta altura a partir de uma visão cósmica da unidade de toda a vida e da nossa compreensão do desenvolvimento da humanidade – veremos um quadro completamente diferente. E reconheceremos perfeitamente estas três mentalidades.

Podem ver um grande grupo de pessoas que permanecem agarrados nas suas velhas ideias instintivas e dividem o mundo em dois blocos de poder, em amigos e inimigos. São pessoas que viverão sempre em luta e que nunca encontram a felicidade. Uma triste relíquia de estádios de desenvolvimento passados. Em vez de colocar estas pessoas tão proeminentemente nas páginas principais das notícias mundiais, e colocá-las num pedestal como ocorre frequentemente, estas pessoas deveriam, para pôr a questão em termos pedagógicos, ser colocadas em cursos de reciclagem por terem um atraso no seu desenvolvimento.

Em aditamento, vê-se igualmente um grande grupo de pessoas mais maduras – pensadores, para os quais as fronteiras nacionais são meramente *formas*, ilusões transitórias. Eles reconhecem aquela rede mundial de ideias que eles, ao longo de todas as fronteiras nacionais, trocam com outros pensadores. Pensamentos de unidade, fraternidade, cooperação. Ideias que podem, poderosa e efectivamente, neutralizar

a turbulência causada no mundo pelo primeiro grupo. E, finalmente, providenciar para desenvolver a nobreza de carácter para fazer isto, para reconhecer aquele pequeno e silencioso grupo de pessoas que inspiram e ousam dizer: “Isto já chega agora. A luta deve acabar, já foi derramado demasiado sangue. Vamos seguir outra vez a nossa consciência, a nossa Sabedoria interior e restaurar a civilização. A humanidade está pronta para uma nova fase. Vamos viver em direcção a ela.” Já sabemos: na Theosophia, a liberdade de escolha é central.

Nunca leremos, portanto, na nossa revista o que é que deveríamos fazer, em qual destes três grupos e mentalidades deveria associar-se. Mas deveríamos escolher – ou talvez já tenhamos escolhido – pertencer ao segundo ou talvez mesmo ao terceiro grupo, e então pode usar esta edição da Paz, para se ajustar a ser um pacificador. Use esta revista sobre a Paz para isso, foi escrita com esse objectivo. E se tem algumas perguntas ou quer trocar ideias, por favor procure o contacto com o quadro editorial de *Lúcifer* através do Secretariado (endereço do email nas costas desta revista).

≧ *Textos teosóficos inspiradores sobre este assunto* ≦

A visão do Senhor Buddha

Gottfried de Purucker sobre o nascimento de uma visão. Ele escreveu este editorial em *The Theosophical Forum* aos seus membros e leitores em Novembro de 1941, quando a Segunda Guerra Mundial estava em pleno vigor. A visão que ele dá é um contraponto a todo o sofrimento e desânimo da época e coloca a situação numa perspectiva universal.

Quando eu era um rapaz de doze anos, encontrei uma citação budista que fascinou a imaginação, a mente e o coração. Penso que foi uma das coisas que nesta vida me despertou mais do que qualquer outra coisa de que me possa lembrar; de qualquer modo, foi uma das primeiras. É pura Teosofia e doutrina genuinamente budista. É isto: O Senhor Buddha está falando, e eu estou parafraseando um pouco as suas palavras, a fim de as tornar um pouco mais claras: “Oh! discípulos, nunca deixem o desânimo entrar nas vossas almas. Vejo-vos sofrer no mundo, vejo-vos infelicidade e dor e ignorância, miséria e angústia que torcem o coração? Discípulos, todas as coisas estão destinadas a passar para Buddha: as pedras, as plantas, os animais, todos os átomos componentes destes, todos e cada um, sim e sol e lua e estrelas e planetas: todos nas eras futuras se tornarão Buddha. Cada um deles tornar-se-á um Buddha.”

Que imagem maravilhosa! Como acalma o coração e tranquiliza a mente; pois se um átomo, um homem, se tornar um Buddha, tudo se tornará, pois este Universo é um só, quebrado em multidões durante a Manvantara ou manifestação; enraizado neste Um, vivendo a partir dele, e por ele.

Nele vivemos e nos movemos e temos todo o nosso ser. Portanto, um dia, algures nos incalculáveis eras do que chamamos o futuro, todas as multidões, sóis e estrelas, planetas, cometas, deuses, homens, animais, plantas, pedras, átomos, elementos, mundos, tudo, cada um como indivíduo, está destinado a ser um Buddha.

Quando li isso – eu lhes dei a essência ampliada do que ouvi – durante quase três meses andei por aí num aturdimento de deleite espiritual e despertar interior. Até hoje, não podia lhes dizer se comia, bebia ou dormia. Sei que o devo ter feito, mas não me recordo de nada, excepto da luz; e do levantar dos olhos interior e exterior, para cima e para dentro. Só esse pensamento abriu as portas fechadas quando bebi das águas do Lethe, do esquecimento, quando da minha última morte. As portas abriam-se e a luz entrava, começava a entrar.

Penso que este extracto nos dá uma imagem maravilhosa. Tomemos o reino mineral: É formado inteiramente de mônadas inconscientes, ou seja, mônadas inconscientes neste plano, nunca inconscientes nas suas próprias esferas. Mas aquilo a que chamamos mônadas no reino mineral são como que as expressões de mônadas espirituais essenciais trabalhando e evoluindo aqui em baixo neste plano, e passando por estas Gilgulim, como o hebraico Qabbālāh definiu, significando estes salões inferiores de vida e experiência, estes mundos da incessante jornada evolutiva; no entanto, cada uma é essencialmente um deus, cada um em essência um Buddha, um raio do Ādi-Buddha, ou o Buddha Cósmico. E assim é com todas as coisas.

Por isso, disse o Senhor Buddha: “Discípulos, quando a dor torce o vosso coração, quando a dor e o sofrimento são demasiado amargos para suportar, quando vedes outros morrerem pelas necessidades, as meras necessidades da

vida: não desanimem. Olhai para o futuro. Cada uma das multidões um dia será um Buddha, Ādi-Buddha, portanto *um* Buddha, pedras e plantas, e animais e homens e deuses, sóis e estrelas e cometas e os elementos de todos eles”. Contudo, este reconhecimento da divindade essencial de todos, e da certa Buddhidade futura de todos, nunca deveria em momento algum ficar de mãos atadas de obras de piedade amorosa e de ajuda aqui e agora; pois é aqui e agora que reside o nosso sublime dever de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para aliviar o sofrimento e a necessidade do mundo que são incidentes e necessários às mônadas na sua jornada evolutiva.

— G. de P.

Gottfried de Purucker, “The Vision of the Lord Buddha”, Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XIX, No. 5, Novembro 1941, p. 321-322. Em: *Wind of the Spirit*, Theosophical University Press, Covina 1944, p. 134-135, <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>.

“Eu sou aquilo que é”

William Q. Judge escreve esta carta a um amigo, mostrando como melhorar a sua visão da Fraternidade Universal. Esta forma de contemplação é, como ele coloca, tão velho como o mundo. E muitos já provaram que funciona. À luz desta edição da Paz, a sua conclusão final nesta carta é especialmente importante.

Prezado Senhor e Irmão:

Recentemente, pensei em você a respeito de algumas de minhas próprias reflexões. Eu estava lendo um livro e sondando internamente como eu poderia ampliar minha ideia de fraternidade. A prática da benevolência não trará seu completo desenvolvimento. Eu tive que descobrir alguns meios para ir mais além, e cheguei a isso, que é tão antigo quanto as idades.

Eu não sou separado de nada. “Eu sou Aquilo que é”, isto é, eu sou Brahmā, e Brahmā é tudo. Mas, encontrando-me em um mundo ilusório, estou rodeado por certas aparências que dão a impressão de que sou separado. Assim, passarei a um estado mental e aceitarei que sou todas essas ilusões. Sou os meus amigos – e por isso fui a eles, em geral e em particular. Sou os meus inimigos – e portanto os senti a todos. Sou o pobre e também o perverso; sou o ignorante. Os momentos de obscuridade intelectual são aqueles em que sou influenciado pelos ignorantes que são eu mesmo. Tudo isto é a minha nação. No entanto, existem muitas nações, e a elas me dirijo mentalmente; eu as sinto e sou todas elas, com o que elas têm de superstição, de sabedoria ou de maldade. Tudo, tudo sou eu mesmo. De uma maneira imprudente, eu estava prestes a parar, mas o Todo é Brahmā, portanto fui em direção aos Devas e Asuras [deuses e demônios J.N.]; o mundo elemental, esse também sou eu. Depois de seguir um pouco esse curso, foi mais fácil voltar à contemplação de todos os homens como sendo eu próprio. Esse é um bom método e deve ser seguido, pois é um passo em direção à contemplação do Todo. Ontem à noite, tentei alcançar a contemplação de Brahmā, mas a escuridão rodeia seu pavilhão.

Agora, o que lhe parece toda essa insanidade? Eu lhe direi o que é: Se não fosse por toda essa insanidade, eu ficaria alienado. Será que eu não devo me animar mesmo quando um amigo querido me abandona e me apunhala profundamente, quando sei que ele sou eu próprio?

NAMASTAE !

Z

William Q. Judge [Z.], *Letters that have helped me*, Carta 4. Artigo em: *The Path*, Vol. III, No. 11, Fevereiro 1889, p. 348. Em: *Letters That Have Helped Me*, Letter 4. *Cartas que me ajudaram*, carta IV, Projeto Pioneiros, Coordenação: Fernando Mansur, Brasil.

O “sempre se tornando” e ou “sempre sendo”

**Helena P. Blavatsky sobre unidade e multiplicidade,
movimento e imutabilidade.**

Num mundo de ilusão em que a lei da evolução opera, nada poderia ser mais natural do que os ideais do HOMEM – como unidade do total, ou seja da humanidade – estarem para sempre mudando. Como uma parte da Natureza à sua volta, esta Natureza Proteana em constante mudança, da qual cada partícula é incessantemente transformada, enquanto o corpo harmonioso permanece como um todo sempre o mesmo, como estas partículas o homem está continuamente mudando, fisicamente, intelectualmente, moralmente, espiritualmente.

Numa altura está no ponto mais alto do círculo de desenvolvimento; noutra, no ponto mais baixo. E, como assim se eleva e afunda alternadamente, e a sua natureza moral se expande ou se contrai de forma responsável, o seu código moral irá, num momento, incorporar os mais nobres ideais altruístas e aspiracionais, enquanto no outro, a consciência dominante será apenas o reflexo do egoísmo, da brutalidade e deslealdade.

Mas isto, no entanto, é apenas no plano externo, ilusório. Na sua constituição interna, ou melhor, *essencial*, tanto a natureza como o homem são um só, pois a essência deles é idêntica. Nos planos exteriores acima mencionadas, tudo cresce e se desenvolve e se esforça para a perfeição ou, como bem diz um filósofo – “está sempre a se tornando”. Mas no plano supremo da essência espiritual tudo É, e permanece portanto imutável. É para este *Esse* eterno que cada coisa, como cada ser, está gravitando, gradualmente, quase imperceptivelmente, mas tão seguramente quanto o Universo de estrelas e mundos se move em direcção a um ponto misterioso conhecido pela astronomia, embora ainda não o tenham nomeado, e que é chamado pelos ocultistas – o *Sol Espiritual Central*.

Helena P. Blavatsky, “The Fall of Ideals” [*A Queda dos Ideais*]. Artigo in: *Lucifer*, Vol. V, No. 28, Dezembro 1889, p. 270. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Vol. 12, p. 45.

Cada humano UM PACIFICADOR



Pensamentos-chave

- » A guerra surge do sentimento de separatividade e desejo egoísta.
- » Grandes grupos de pessoas em todo o mundo criaram um esfera do pensamento egoísta.
- » Nutrindo sem controlo desejo egoísta, constrói-se um campo de tensão que tem de levar à descarga. Isto acontece especialmente numa época de transição e em locais onde já existe um desequilíbrio.
- » A tensão também pode ser libertada de uma forma *controlada*. Os conflitos não têm de ser resolvidos com violência, força ou agressão.
- » A esfera do pensamento egoísta não está ligada a uma nação em particular. As nações são como “irmãos” a um ao outro. Têm as suas raízes em a mesma Vida Una.

A origem e a prevenção da guerra

A guerra já foi criada antes de ter sido dado o primeiro tiro. Afinal, como qualquer pessoa pode avaliar, cada acção é baseada num pensamento. A guerra, portanto, tem a sua origem em pensamentos. Ela já começou antes mesmo dos exércitos avançarem, aviões bombardeiam posições e mísseis são disparados. Não apenas com um ser humano individual, mas também com grupos de pessoas – nações, ou alianças – a guerra surge do pensamento colectivo daquelas nações. O choque de armas é o resultado de uma actividade mental colectiva. Prevenindo a guerra, e mesmo se ela já irrompeu, terminá-la, é, portanto, primariamente um assunto mental.

Separatividade e desejo

Portanto, se quisermos saber como é que a guerra pode rebentar, devemos estudar o pensamento humano. Que espécie de pensamentos levam à guerra?

A resposta não é difícil de achar. É a orientação materialista do pensamento. Os pensamentos de inimizade, o medo, o desejo egoísta, o ódio, a retaliação, a agressão, a sede de poder e de violência, que nos levam ao conflito e à guerra, ambos numa pequena e larga escala. A característica abrangente deste tipo de pensamentos pode ser descrita como o *sentimento de separatividade* acoplado com o desejo. Pelo primeiro queremos dizer que uma pessoa assume que está separada, por isso não tem nada a ver com, ou é essencialmente diferente das outras pessoas. Por consequência, isto condu-lo sempre ao egoísmo.

Tal sentimento de separatividade pode também ser característico de um grupo de pessoas. Considere uma certa população – a próspera, por exemplo – que acredita ser fundamentalmente diferente das outros grupos. Ou as pessoas que vivem na ilusão de serem melhores, mais civilizadas do que as outras. Similarmente, as pessoas de uma certa religião devem acreditar que eles vivem mais de acordo com a verdade. Portanto, eles sentem-se diferentes. Eles têm medo que as outras pessoas lhes possam afectar o seu modo de vida. Eles pensam que são melhores e esse sentimento de superioridade é reforçado pelos líderes, pelas opiniões ou influências dos líderes, algo que vamos discutir no artigo seguinte em detalhe.

O segundo elemento é o desejo: querendo sucesso, posse, conservação ou conquistar alguma coisa que ainda

não tenha. Em si próprio, o desejo não tem de ser negativo. Há também desejos não egoístas, tais como o desejo de sabedoria. Em combinação com o sentimento de separatividade, contudo, o desejo leva-nos à desarmonia, à animosidade, e, acima de tudo, ao *egoísmo*. Não se tem em linha de conta os outros, na verdade, acabamos por ver no outro como uma pessoa que o impede a si de satisfazer o seu desejo. Portanto, o desejo pode ser usado quer individual quer colectivamente.

À medida que desejamos fortemente, perdemos a razoabilidade e o sentido de separatividade torna-se cada vez mais forte. A dada altura, só vemos o objecto do que se deseja e que se quer alcançar a todo o custo. O desejo cega-nos.

Cada pessoa que pensa pensamentos deste tipo, onde quer que ele esteja e seja qual for o objecto que deseja, contribui para uma esfera de pensamento que tem estas características. Mesmo se ele não transforme os seus pensamentos de desprezo, agressão ou inimizade em acções físicas, ele continua a contribuir para esta esfera de pensamentos. Isto é porque os pensamentos são reais, energias vivas, os quais, tal como as bactérias e os vírus, podem espalhar-se à velocidade da luz e infectar outras pessoas que não a prenderam a controlar o seu processo de pensamento. (Ver o artigo seguinte).

Se muitas pessoas pensam um certo tipo de pensamento, está criado um certo tipo de clima correspondente, o qual pode ser tão dominante que é às vezes muito difícil para uma pessoa individual não ser influenciada por ele. Este campo de tensão mental criado pelo desejo e pelo egoísmo, que foi constituído por muitas décadas, sim, mesmo durante séculos, pode a certa altura exercer uma tal pressão nas pessoas que toda a natureza emocional se torna sobreaquecida, o que leva a uma explosão, como veremos mais tarde.

Nações

Os pensamentos não estão amarrados a locais. Aquilo que alguém pensa na Argentina pode influenciar uma pessoa no Japão. Em especial se largas massas pensam certos pensamentos, e portanto os espalham, toda a esfera mental terrestre pode ser permeada com as características daqueles pensamentos conscientes. Os modernos redes sociais jogam um papel não insignificante neste processo. E porque nos dias de hoje o desejo humano egoísta é a força dominante na vida, esta esfera de desejo paira como uma manta sufocante sobre o pensamento mundial da humanidade contemporânea.

Um grupo de pessoas – uma nação ou um grupo de nações – num determinado ponto da sua existência pode ser hipersensível a este pensamento mundial. Cada nação tem a sua própria característica específica, que a distingue de outras nações. Ela tem o seu próprio passado, a sua própria cultura distintiva. Ela tem os seus próprios ciclos de florescimento e de declínio. Ela pode, portanto, ser infectada pelo desejo mais do que outras nações pela mesma altura da sua existência. Incidentalmente, nos cidadãos individualmente considerados, isto não tem necessariamente que prevalecer. Há numerosas forças por via das quais um ser humano pode nascer numa certa nação.

Em qualquer caso, uma característica única de uma nação ou de uma particular civilização nunca devia ser uma razão para inimizade. Porque embora cada nação tenha as suas próprias características essenciais, as nações são como irmãos uns para com os outros. O nacionalismo está radicado em elementos emocionais passageiros da nossa consciência. Experimentamos uma afinidade mais profunda com as pessoas que partilham os nossos valores ou ideais, e então não interessa a que país é que eles pertencem. As nações têm muito em comum umas com as outras. Elas têm o mesmo “pai”. Elas vêm da mesma fonte. Elas são ramos da mesma árvore da humanidade. Uma olhada mais próxima revela-nos que temos muito mais em comum do que temos diferenças.

Por consequência, quando uma nação é inimiga de outra, é porque tem uma excessiva indulgência na esfera egoísta do pensamento, na qual o sentimento de separatividade é dominante.

Sentido de separatividade

O sentido de separação é alimentado por muitos fenómenos: o nacionalismo, o fosso entre ricos e pobres, a caça aos recursos e às esferas de influência. Este sentimento torna-se mais perigoso quando está coberto com a capa da exaltação, tal como a ideia de que se deve defender a honra de um país ou, mesmo mais forte, no caso da religião, porque uma pessoa então acredita que o auto escolhido isolamento é querido por um deus ou por deuses. O sentido de separatividade toma então um halo de santidade. Outro elemento forte é o medo. As imagens do medo são quase idênticas às do ódio, excepto que, com o ódio, estamos mais inclinados a virar-nos para a acção, enquanto que com o medo predomina a inactividade. Em ambos os casos, porém, há um pensamento-imagem no qual *a repugnância pelo outro* é dominante, o que reforça o sentido da separatividade.

O sentido da separatividade é uma visão *ilusória* da vida. Interpretamos mal os fenómenos. Julgando pelos nossos próprios sentidos e pela nossa própria posição na vida, estamos sob a ilusão de que as coisas estão separadas. Não vemos os intrincados laços entre as expressões da vida. Tomamos as sombras por realidades. Não experimentamos a interligada unidade que discutimos no nosso anterior artigo.

Sobreaquecendo o emocional

Quando as pessoas pensam excessivos pensamentos de desejo egoísta, isso tem o efeito não apenas nos outros mas também neles próprios. O outro será prejudicado por isso, mas também na sua própria consciência surge um forte desequilíbrio. Para mais, os desejos nunca ficam satisfeitos quando se satisfazem. Satisfazer o nosso próprio desejo é como matar a sede com água do mar. Quanto mais se bebe, tanto maior é a sede.

Por consequência, uma pessoa que está fortemente sobrecarregada com desejos é uma pessoa insatisfeita. Ele não encontra paz nem satisfação. Ele não conhece *paz*.

Isso afecta o seu humor. Toda a sua natureza emocional borbulha e ferve, à medida que o poder do desejo se torna mais forte na pessoa, fica sobre exaltado. A pressão torna-se excessivamente grande. Ele tem que descarregar.

Tome um exemplo com uma pessoa egoísta, que no seu descontentamento está sempre irritada e pensa incontavelmente. Ele irrita-se facilmente e aborrece-se com o comportamento do seu vizinho, que põe sempre o carro dele no *seu* lugar do estacionamento e nunca arranca as ervas daninhas do seu jardim a tempo e horas. Ele começa a sentir-se como uma *vítima* daquilo a que ele chama o comportamento asocial do seu vizinho. A certa altura, por exemplo, quando o seu vizinho tiver feito alguma coisa que o irrita, fica fora de controle. A irritação reprimida – desejos não realizados e emoções descontroladas – partem-se e encontram o seu caminho no exterior, no nível físico. O seu corpo reage, recebe um aumento da frequência cardíaca e as suas mãos suam. Num ataque de raiva, dirige-se ao seu vizinho para lhe dar um soco. As emoções descontroladas levam-no à violência física.

O planeta vivo Terra

No planeta terra, o mesmo sucede que no ser humano individual. O planeta é um organismo vivo no qual têm lugar os mesmos processos que dentro do ser humano. A humanidade configura uma função no organismo vivo tal como cada órgão no organismo humano tem também

uma função. E a nossa função traduz-se em formar uma atmosfera mental na terra. Se os seres humanos são hostis uns com os outros porque eles acreditam que os outros estão evitando que eles satisfaçam os seus desejos egoístas, a humanidade está falhando a sua função dentro do mais largo esquema da vida planetária. Repare-se que não é o planeta, mas a mente humana que está causando o desequilíbrio. O campo de agressão e de ódio gerado por milhões cresceu mais fortemente e com mais capacidade de influenciar. Ele pressiona com força crescente na natureza emocional do homem. Tal como num caso individual, esta pressão pode tornar-se tão grande que os pensamentos que são dominantes dentro de certas populações ou nações podem não conseguir controlar as emoções e haverá uma descarga: violência física e guerra física .

As pessoas em disputa são fortes em encontrar todo o tipo de argumentos (falsos) para que a disputa tivesse de ter lugar.: “Não quero que ele salte para cima de mim”, “ele faz barulho a noite toda”, etc. A irritação sentida é o impulso para “contramedidas”, onde o fim justifica os meios.

Por alto, ocorre o mesmo. Os (fingidos) argumentos divergem, naturalmente, de uma discussão entre vizinhos, mas a característica é a mesma. É dito que “o inimigo” desrespeitou a fronteira, tem oprimido populações referidas, tem desprezado o próprio povo ou a religião, etc.

A descarga do descontrolado desejo egoísta e das emoções acumuladas tem sempre lugar onde há desequilíbrio. Tal como o ser humano físico tem muitas vezes um ponto fraco, assim se comporta a humanidade. Estas fraquezas são criadas pelo poder comum do pensamento e tem como resultado o desequilíbrio mental. As regiões onde as pessoas vivem com sentimentos religiosos ou nacionalistas que são opostos às pessoas com outros sentimentos nacionalistas ou religiosos, ou um país onde dois partidos políticos são muito hostis um ao outro, são o ponto fraco do planeta vivo. Eles são, portanto, os mais vulneráveis e propensos a fazer despertar a violência.

Atracções

Agora haverá sem dúvida pessoas que vivem numa zona de guerra, mas que, ao contrário de muitas outras, têm poucos ou nenhuns desejos egoístas. Afinal, mesmo as pessoas amantes da paz são afectadas pela guerra. Mesmo assim, têm uma certa atracção pela área onde vivem. A atracção tem dois polos: o amor e o ódio. E são estas duas forças de ligação que levam as pessoas a entrar em certas situações. Já falámos sobre a lei do karma. Baseados no nosso passado, baseados naquilo que fizemos nesta vida e nas anteriores,

experimentamos uma atracção por aquelas pessoas, por aquelas circunstâncias e naquela época nas quais nós próprios nos transformámos. Nascermos sempre onde pertencemos, baseados sempre no nosso carácter. Ao fazer isto, nunca pensemos em termos de certo ou errado, mas sempre em termos de causa ou efeito.

Por exemplo, uma pessoa pode ter desenvolvido uma aversão forte em relação a uma particular cultura ou país numa vida anterior. Embora na vida actual possa ter vencido essa aversão, porque por causa das suas acções e pensamentos passados ele está ainda confrontado por aqueles que alguma vez odiou ou desprezou.

Outro caso vem a propósito: as pessoas podem ter diferentes características daqueles com quem interagimos. Mas se eles sentem um forte amor por eles e vivem para os ajudar, esta atitude compassiva pode contribuir para que se juntem a eles a sofrer as consequências que os seus compatriotas arrastaram para si próprios por causa dos *seus* desejos egoístas. Isto não é seguramente um assunto teórico. Uma judia, uma jovem mulher holandês, Etty Hillesum, teve, durante a Segunda Guerra Mundial, a oportunidade de escapar aos campos da morte, mas, por amor àqueles que foram deportados e ainda na esperança de ser capaz de fazer alguma coisa por alguns deles, apanhou voluntariamente o comboio para o campo de concentração.

O amor é uma força de atracção muito forte, exactamente como a antipatia. Há incontáveis relacionamentos e conexões entre os humanos. Podemos ter ambos os sentimentos de ódio ou amor por uma pessoa ou por uma cultura. Os seres humanos estão frequentemente emparedados cheios de contradições. A rede que tecemos à nossa volta é difícil de destrinçar. Quais são exactamente os motivos pelos quais uma pessoa foi atraída para um país em guerra apenas pode ser deslindada por aqueles que podem traçar as anteriores consequências – algumas muito distantes – do seu passado. Ainda assim, o ser humano individual, se ele pensa acerca de si próprio de uma forma impessoal, pode aprender a compreender que não há coincidências com que ele tenha terminado num certo estado.

Armamento

Vimos já acima que a guerra é *primariamente* um tema mental, acontecendo a partir da imagem ilusória da separatividade. Pensar este tipo de pensamentos tem um efeito auto-reforçador: quanto mais se os pensa, mais se reconhece a suposta correção deles e, portanto, mais fortes eles se tornam. O medo desempenha um importante papel nisto. É principalmente por causa do medo que tanto os indivíduos

como os países se armam. Os tratados entre países, que foram elaborados com razoabilidade e as regras e leis que as nações impuseram a si próprias pela sua própria escolha são lançados à rua como lixo velho com medo do suposto inimigo. Por exemplo, a União Europeia tem uma regra de não vender armas aos países em guerra. Contudo, o Alto Representante da Política e Segurança Externa e Vice Presidente da Comissão Europeia, Josep Borrell, observa muito justamente que a Europa está a desprezar as suas próprias leis. Na verdade, a proibição de vender armas aos países beligerantes foi desprezada por recentes desenvolvimentos. Virtualmente, cada país da União Europeia está a vender armas à Ucrânia, um país em guerra.

A política de paz – o desarmamento que a acompanha – é agora olhada como uma política ultrapassada. Muitos políticos que foram a favor do desarmamento, há menos de um ano, ou, pelo menos contra mais armamento, acordaram, com *medo do inimigo*, aumentar justamente o orçamento militar. Quais as considerações que estão por detrás disto, podemos perguntar. Será que a ideia que nos impele a adquirir armas cada vez mais avançadas não alimenta o campo da força mental do ódio e da agressão acerca dos quais temos falado? Quais os motivos que determinam a concepção, a fabricação e a aquisição de armas? São pensamentos de medo, a ideia de que seríamos capazes de nos defender? Será que os motivos financeiros e económicos têm nisto um papel, porque as armas têm de ser fabricadas, vendidas e compradas? Ou há compra de armas por causa de uma sede de poder, por causa da pressão dos outros países, ou talvez a partir de um padrão habitual? Seja qual for o caso, toda a indústria das armas é baseada em pensamentos, que, quanto mais descontrolados eles sejam, levam eventualmente ao atrás mencionado sobreaquecimento da esfera do desejo emocional da Terra, com todas as suas consequências. Por outras palavras, a preparação para a guerra é o maior causador da guerra. A preparação mental é a criação da imagem de um inimigo; a preparação física é o armamento.

Tempos de transição

As armas de fogo dos tempos antigos tinham de ser carregadas com pólvora. A pólvora era posta no cano e depois esmagada. A constituição de uma atmosfera emocional de ódio e agressão pode bem ser comparada a isto. Cada pensamento de ódio é como um grão de pólvora que põe a arma pronta a fazer fogo. Muitas vezes sem nos darmos conta, nós, humanos, estamos enchendo o grande cano de uma arma que pode destruir a nossa Terra. Um acontecimento,



A desarmonia acumulada na esfera do pensamento humano manifesta-se em lugares “de menor resistência”. Ao mesmo tempo, há sempre pontos brilhantes de compreensão e paz no mundo, com uma influência de igual alcance.

pequeno que seja, pode ser o fogo da ignição do canhão, que tem sido alimentada durante muitos anos. O começo da Primeira Guerra Mundial é um exemplo claro disto. Ora, há certas alturas em que o pólvora mental acumulado é mais susceptível de explodir. É o que acontece quando passamos de uma era para outra. Entramos noutra fase do nosso desenvolvimento. Há então um desequilíbrio na humanidade, porque alguns agarram-se à velha mentalidade e hábitos, enquanto outros já vivem as características da nova idade.

Compare a situação com um escritório que tem sempre trabalhado de acordo com um certo modelo. Se um ou dois empregados propõem adoptar uma política diferente, não causarão inquietação. O seu número é demasiado pequeno. Mas se mais empregados começam a aderir ao novo método, surge uma turbulência emocional.

É claro, isto não necessita conduzir à inimizade e conflito. Se aqueles que advogam uma nova política ficam abertos aos medos e às objecções daqueles que se apegam ao passado e se os empregados mais conservadores não se agarrarem irreflectida e dogmaticamente ao que possa ter funcionado para satisfação de todos durante anos, eles podem “sobreviver” à turbulência e alcançar um consenso que seja adoptado por todos.

Estamos num momento de transição. As velhas mentalidades ou vias de pensamento estão a ser quebradas, ou já foram quebradas. As velhas estruturas de poder estão preparando o caminho para outras. As fronteiras estão desvanecidas. A internet mudou drasticamente o nosso modo de

comunicar. Nós, portanto, vivemos num tempo sensitivo, onde o menor incidente pode ser causa da guerra. As velhas estruturas desagregaram-se e novas estruturas devem ser construídas. A transição de um período para o seguinte está cheia de risco. As explosões de emoções egoístas acumuladas podem ocorrer mais facilmente nestes períodos. Mas também no grande quadro a turbulência não tem que levar à violência desde que sejamos capazes de ficar em harmonia uns com os outros. E ajudarmo-nos uns aos outros a fazer isso: arrefecer um pouco o sobreaquecimento das nossas emoções.

Estes são tempos de desafio. Em especial desde que vivemos num tempo em que as consequências se seguem quase imediatamente às causas: vivemos num tempo hético. Os pensamentos desarmónicos espalham-se imediatamente e podem projectar-se no plano físico à velocidade da luz. As imagens mentais do nacionalismo e da hostilidade podem ter efeito quase imediatamente no campo externo. Graças aos modernos meios de comunicação, podemos alcançar milhões de pessoas dentro de segundos.

Por outro lado, pensamentos opostos, os de cooperação, amizade e amor podem também espalhar-se imediatamente e ter os seus efeitos na vida do dia a dia.

A guerra é inevitável ?...

Nestes últimos reside a esperança e a responsabilidade que todos temos de trazer paz ao mundo. Porque podemos construir uma imagem diferente da vida e do mundo. Uma imagem que não é baseada na separatividade, mas

sim na unidade. Para isso, necessitamos tocar outros níveis da nossa consciência. Em artigos subsequentes deste *Lúcifer* isto será discutido com mais detalhe.

Qualquer pessoa pode ver por si própria que uma natureza emocional sobreaquecida que está prestes a lançar o seu fogo como um vulcão pode ser amortecida. O homem que se aborrece com o seu vizinho pode apelar a aspectos da sua consciência dentro dele próprio que reduzirão a pressão. Ele pode fazer isto mesmo quando está quase a esbofetear o seu vizinho.

O primeiro nível mais profundo na nossa consciência é o intelecto. Chamemos a isso o nosso *senso comum*. Podemos simplesmente raciocinar que uma conversa com o nosso vizinho na qual tentamos fazer acordos um com o outro, conduz a uma solução mais sustentável do que recorrer à violência física.

Mas o melhor é cavar mais fundo do que o intelecto. A capacidade para compreender, intuição, e o idealismo são igualmente aspectos da consciência que qualquer pessoa possui *em potência*. E que cada um pode desenvolver por si próprio. Se fizermos isso, nunca ficaremos irritados, e não haverá acumulação de emoções negativas. Então nunca pisaremos os nossos limites, justificando-nos constantemente e acreditando que temos o direito do nosso lado. Não retribuiremos aqueles de quem não gostamos e de quem sentimos que nos prejudicaram. Qual é o sentido de se lamentar e reclamar da alegada injustiça que lhe foi feita? Nunca conduz a soluções. É muito melhor para cada um guardar a paz interior de modo a que se possa trabalhar com a mente calma nas soluções que são benéficas para toda a gente. Isto é explicado em detalhe no último artigo deste *Lúcifer*.

O que se aplica a um caso individual aplica-se a tudo. A consulta é muito melhor do que as armas. (Veja o artigo *Mediação baseada na unidade*.) Mesmo melhor é quando as populações das nações aprendem a ver cada um como um companheiro, com o qual deve cooperar, tal como os seres humanos individuais cooperam com os seus vizinhos. Daí, como uma nação ou como uma comunidade internacional, construímos um continente de pensamentos de paz e harmonia, de onde todos os que se abrem a ela podem tirar.

A paz é possível se nós próprios vivemos em paz. Não há nenhum ser humano que não possua as nobres qualidades de amor perspicaz e transcendente. Que nós não vivemos sempre nesta maneira é demasiado óbvio, mas isso não quer dizer que não possamos começar a fazê-lo.

Não crie uma imagem de inimigo. A guerra mental explode

numa guerra física. Para dar um exemplo: por que é que não nos seria permitido ouvir música russa por causa da agressão do exército russo? E por que é que devíamos excluir os atletas russos das competições internacionais? Devemos focar-nos nos lados nobres de uma nação. Não será que os russos produziram génios como escritores do tipo de Dostoievsky e Tolstoi? O último foi um dos primeiros a advogar a resistência não-violenta como um meio de mudança. Ele foi um dos grandes inspiradores de Gandhi. E o que podemos dizer sobre de gigantes compositores como Tchaikovsky, Rachmaninov, Stravinsky, Chostakovitch, e muitos outros, que inspiraram pessoas por todo o mundo com as suas composições. Pense também na boa cooperação entre astronautas russos e os de outros países. Por consequência, não se fale em termos agressivos ou hostis acerca de uma nação e dos seus líderes, mas conservemos a porta aberta para a comunicação. Pense em pensamentos de amor, compaixão e de perdão. E a partir dessa atitude mental, mantermo-nos com paciência a dirigirmo-nos aos seus lados nobres, porque só aí reside a oportunidade para uma paz duradoura.

Em resumo, trabalhe sempre para a paz, não permitindo ideias de inimizade seja para quem for no seu pensamento-imagem.

Cada ser humano é um pacificador

A consciência da paz deve ser profundamente introduzida no nosso interior. Devemos aprender a ver o outro como um irmão, como um ser humano que emergiu da mesma fonte que nós. Se esta compreensão realmente vive dentro de nós, as circunstâncias externas, por muito terríveis que possam ser, nunca nos devem sobrecarregar de modo a voltarmos para a agressão.

Há políticos que têm sempre advogado o desarmamento e a consulta. Mas agora afirmam que foram ingênuos e que se deviam armar mais. A sua atitude pacifista não estava baseada numa compreensão real. Eles tinham uma consciência insuficiente ou não tinham mesmo consciência da realidade que é um ser humano. Havia insuficiente paz dentro deles. Só quando conseguimos conservar os nossos ideais nas circunstâncias difíceis é que nós sabemos se fomos verdadeiramente bem sucedidos.

Portanto, só quando nós nos convencemos que uma visão diferente e espiritual da vida é necessária, baseada em diferentes princípios, é que demos um grande passo para nos tornarmos um pacificador, como será melhor descrito no artigo seguinte.

Karma-Nemesis

Neste excerto de *A Doutrina Secreta*, H.P. Blavatsky mostra que o que nos aflige não é devido a forças fora de nós, mas são sempre atribuíveis a os nossos próprios pensamentos e acções. Isto também significa que podemos agora semear as sementes para uma futuro harmonioso.

No Ocidente, onde a Sabedoria Pagã foi repudiada como obra das Potências Tenebrosas, que se supunha estarem em guerra permanente contra o Deus de uma pequena tribo, Jeová – toda a plena e solene significação da NEMESIS grega, ou Karma, foi totalmente esquecida. Se não fosse isso, os cristãos teriam compreendido melhor a profunda verdade de que Nemesis não possui atributos; e que, se a temida deusa é absoluta e imutável como Princípio, somos nós – as nações e os indivíduos – que a pomos em ação e lhe traçamos o rumo. KARMA-NEMESIS é quem cria as nações e os mortais; mas, uma vez criados, são estes que a convertem em uma Fúria ou em um Anjo que recompensa. Sim —

*“Sábios são os que rendem culto a Nêmesis”**

— como diz o *coro* a Prometeu. E pouco sábios aqueles que acreditam poder propiciar a deusa por meio de sacrifícios e orações, ou fazer desviar a sua roda do caminho que tomou. “As três Parcas e as Fúrias sempre atentas” só na Terra são os seus atributos, e nós mesmos os criamos. Não há retorno possível dos caminhos trilhados por seus ciclos, conquanto sejam esses caminhos obra nossa, porque somos nós, individual ou coletivamente, que os preparamos. Karma-Nemesis é um sinônimo de PROVIDÊNCIA, menos o *motivo*, a bondade e todos os demais atributos e qualificativos *finitos*, atribuídos à última de maneira tão pouco filosófica. Um Ocultista ou um filósofo não falará de bondade ou de crueldade da Providência; mas, identificando-a com Karma-Nemesis, não deixará de ensinar que ela protege os bons e vela sobre eles, nesta vida como nas futuras, e que pune os que praticam más ações – sim, até o seu sétimo renascimento – por tanto tempo, na verdade, quanto dure o efeito da perturbação que tenham

causado, ainda que do mais insignificante átomo, no Mundo Infinito da Harmonia. Porque o único decreto do Karma – decreto eterno e imutável – é a Harmonia completa no Mundo da Matéria, como o é no Mundo do Espírito. Não é, portanto, o Karma que pune ou recompensa, mas somos nós mesmos que nos recompensamos ou punimos, segundo trabalhemos com a Natureza, pela Natureza e de acordo com a Natureza, obedecendo-lhe às leis de que depende essa Harmonia, ou transgredindo-as.

As vias do Karma não serão impenetráveis, se os homens deixarem que a união e a harmonia presidam aos seus atos, em vez de os nortear pela desunião e a luta. Nossa ignorância desses processos – que uma parte da Humanidade chama de caminhos sombrios e inextricáveis da Providência, enquanto outra parte vê neles a ação de um cego fatalismo, e uma terceira a obra de um simples acaso, sem que haja deuses ou demônios a guiá-la – nossa ignorância, dizíamos, certamente que desapareceria, se nos dispuséssemos a atribuí-los a suas verdadeiras causas. Com o conhecimento real, ou pelo menos com uma convicção firme de que os nossos próximos não procurariam causar-nos dano maior do que o que nós pensássemos em fazer-lhes, dois terços do mal que há no Mundo se desvaneceriam. Se nenhum homem prejudicasse o seu semelhante, Karma-Nemesis não teria motivo para intervir nem armas com que executar o seu ofício. É a presença constante, entre nós, dos elementos de luta e de oposição, é a divisão das raças, nações, tribos, sociedades e indivíduos em Cains e Abéis, lobos e cordeiros, que constituem a causa principal dos “caminhos da Providência”. Com as nossas próprias mãos, traçamos diariamente o curso sinuoso dos nossos destinos, crendo estar seguindo em linha reta no caminho real da respeitabilidade e do dever, e nos queixamos depois de que sejam tão sombrias e inextricáveis essas curvas sinuosas. Quedamo-nos estupefatos diante do mistério que nós próprios fabricamos, e dos enigmas da vida que não queremos resolver, e depois acusamos a grande Esfinge de nos devorar. Em verdade, não há um acidente em nossa vida, não há um dia mau ou uma desgraça, cuja causa não possa ser encontrada em nossas próprias ações, nesta ou em outra existência.

Helena P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, Vol. I, p 642-644 (edição original em inglês). [Edição Pensamento, *A Doutrina Secreta*, vol. 2, p. 354-355.]

* Seria mais acertado dizer: “os que temem Karma-Nêmesis”.

A civilização construída com base no pensamento

Neste artigo, Gottfried de Purucker mostra claramente que tudo na nossa sociedade se baseia nos pensamentos que pensamos. Tanto a guerra como a paz são o resultado dos nossos pensamentos.

O pensamento é o poder motivador dos homens. Ele governa até a emoção e pode controlá-la, e embora por vezes o pensamento seja evocado pelo sentimento, penso que nos planos superiores eles são um só. O mundo em que vivemos é um mundo de seres humanos, um mundo de seres que pensam e sentem; e se o mundo é mau, é porque os pensamentos e sentimentos dos homens o tornaram assim. Se as condições humanas são desarmónicas, por vezes mesmo diabólicas, quando a força bruta toma o lugar da razão e da justiça, é porque os pensamentos dos homens assim o fizeram. As ideias controlam as acções. Aí se tem a causa da agitação no mundo em que vivemos, e também a sua cura. Se um homem quer reformar-se a si próprio, fá-lo primeiro mudando o seu pensamento; ele começa por sentir-se de forma diferente. Não há outra maneira. É a única forma duradoura, pois significa uma mudança de carácter. Se quiser evitar uma briga, tem de começar o seu trabalho *antes* que a briga seja ameaçada. Se tentar interferir numa briga entre dois homens, está apto a magoar-se, e terá uma briga de três. Não é maneira de parar uma briga indo aos discutidores e pregando. Ao fazê-lo, não tocou nestes homens onde eles são susceptíveis, não os mudou, não apelou ao seu pensamento ou aos seus sentimentos. Tem tentado meros paliativos.

Fazê-los ver que estão agindo um pouco pior do que as bestas quando as bestas lutam, porque as bestas não têm a nossa razão e o nosso senso comum. Faça o seu apelo com ideias. Despertai pensamentos nas suas mentes. Ponham nas suas mentes uma nova sequência de pensamentos e sentimentos. Então começarão a perceber que não se pode resolver uma disputa pela força bruta, pois isso significa simplesmente que o indivíduo que tiver piorado vai aguardar o seu tempo para ver se consegue vencer o outro indivíduo pela força bruta. Eles vão começar a ver que não se pode parar as guerras fazendo guerras para parar as guerras. Nunca funcionou e nunca funcionará, porque é uma psicologia completamente errada, bem como uma psicologia tola. Sabe que toda a civilização é construída com base no pensamento? E que se quiser mudar uma civilização, deve mudar

o pensamento aceitado, dar um novo pensamento. O que é uma invenção? Um pensamento. O que é a literatura? Pensamento. O que é a filosofia, a religião, a ciência? Pensamento. Qual é a estrutura social sob a qual vivemos? Pensamento. Cada movimento no mundo de hoje é construído com base no pensamento: social, político, filosófico, religioso, científico, o que não é. Nove em cada dez destes movimentos começaram na mente de um homem, e espalharam-se. Vê-se nas páginas da história os tremendos efeitos cataclísmicos do pensamento. O que foi a Grande Guerra [A Primeira Guerra Mundial (*tr.*)]? Não só o resultado do pensamento, mas o *próprio* pensamento. Homens lutando por causa de ideias – pensamentos. Para evitar outra guerra, temos de começar *antes* que a próxima aconteça. Temos de começar por iniciar uma nova corrente de pensamento no mundo.

Estas verdades são tão simples que passam por nós sem serem absorvidas e processadas. São as ideias que abalam o mundo. São as ideias que fazem o mundo. São as ideias que abalam os homens e o mundo dos homens. Consulte os anais da história. Vejam os resultados espantosos que brotam de movimentos que começam talvez com um punhado de pessoas sérias. Durante anos podem trabalhar e pregar e trabalhar aparentemente sem resultado. De repente, por alguma razão notável, a ideia apanha e espalha-se como fogo selvagem. Por vezes as ideias apoderam-se dos homens da forma mais espantosa. Quais foram as Cruzadas, quando os homens saíram de casa e do lar e da fogueira e tudo o que lhes era querido para ir combater os muçulmanos numa terra distante, estrangeira e desconhecida? Estas dezenas de milhares de homens recolhidos de toda a Europa *por uma ideia*. Ainda mais notável: o que foi esta ideia espantosa e irreflectida que até apanhou os pensamentos e imaginações de crianças pequenas? Já alguma vez ouviu falar da Cruzada das Crianças? Fora da Alemanha e do que é agora Bélgica e Holanda e França e Suíça, para o sul de França e Itália, de repente começaram a surgir crianças, meninos e meninas desde os mais novos até aos de treze ou catorze anos – pegaram as estradas e foram aos milhares até as estradas ficarem sobrecarregadas com os seus pés a marchar. Foram centenas de quilómetros, morrendo aos milhares pelo caminho, e horrivelmente tratados por monstros humanos que se atiravam a eles. Ninguém sabe como surgiu este pensamento. De repente, as crianças dos vários países tomaram-no nas suas cabeças: “Vamos lutar, vamos salvar o Santo Sepulcro”. Imaginem, crianças que falam assim! Obtiveram-no dos seus pais, claro; mas olhem para a psicologia – uma psicologia que varreu todas as casas, levou uma ou

mais crianças de todas as fogueiras. As mães e os pais não conseguiram detê-los. Esgueiravam-se à noite. Passavam por caminhos e atalhos para as grandes estradas principais, estas massas de crianças indefesas que iam para sul, sempre para sul. E tudo por causa de uma ideia, um pensamento! Qual foi a ideia da maravilhosa tarantela que é melhor descrita pelos historiadores de Espanha e Itália – Itália, talvez particularmente? De repente, por nenhuma razão compreensível, adultos, homens e mulheres, tiveram a ideia de que tinham de dançar; e começaram a dançar, e continuaram a dançar até caírem inconscientes, exaustos. Não conseguiam impedir-se de cantar e dançar, cantando e dançando juntos – países inteiros, distritos inteiros deles. Uma psicologia, um pensamento, uma ideia.

É precisamente este tipo de psicologia insana que rege o mundo do pensamento humano de hoje. Homens e mulheres têm a ideia de que é impossível evitar uma segunda Grande Guerra. Eles acreditam realmente nisso. E essa é uma das razões pelas quais isso vai acontecer, a menos que a sanidade volte a dominar as nossas mentes. O que faz e continua a fazer qualquer guerra? Pensamento. O que impede qualquer guerra? Pensamento: uma mudança do pensamento dos homens; pois ao mudar os seus pensamentos muda-se o seu coração, muda-se a sua vida e, por conseguinte, a sua civilização. Se uma guerra eclodir, é porque os homens e as mulheres a provocaram através do seu pensamento. O seu pensamento desperta o seu sentimento. O seu sentimento desperta o seu ciúme e medo. O pensamento maligno será seguido por um pensamento semelhante. Não se pode extinguir o fogo pelo fogo. Não se pode parar a guerra pela guerra. Isto é tão simples como o ABC. São pensamentos que passam despercebidos por cima das nossas cabeças porque estamos tão habituados a eles, e no entanto são o segredo de todo o bem e de todo o mal. A vida de um homem torna-se maravilhosa através dos seus pensamentos, mas ele pode igualmente facilmente mergulhar-se na ruína – ou ir ao forca através dos seus pensamentos. São os pensamentos que fazem de alguém um cavalheiro ou um vagabundo. É o pensamento que faz o homem corajoso ou covarde. É o pensamento que produz o perdão ou que carrega o ódio. Foi porque estes factos são tais que a Sociedade Teosófica foi iniciada: para tentar mudar o pensamento dos homens para coisas melhores e mais elevadas; para despertar ideias inspiradoras e benevolentes na mente de homens e mulheres individuais. Porque é que nós teosofistas não vamos para a arena da política? Pela razão que já referi. Não se pode parar uma luta entre dois, tornando-a uma luta de

três. Mas podemos impedir os homens de agir pior do que os bichos, mostrando-lhes que se agirem *nessa* forma estarão agindo como homens, e se agirem *desta* forma estarão agindo pior do que os bichos. Se agirem *nessa* forma, estarão agindo de forma sensata e construtiva; e se agirem *desta* forma estarão se destruindo uns aos outros.

Porque é que nós teosofistas não saímos todos e levamos os cestos de almoço para os famintos, e vamos para as camas das pessoas que estão apanhadas pela doença, e morrem? Muitos de nós fazemos isto e fizemos isto. Mas a nossa tarefa mais importante na vida é tentar *eliminar* a pobreza do que aliviar as necessidades dos pobres com paliativos externos: e esta eliminação da pobreza será gradualmente conseguida alterando o pensamento da humanidade de tal forma que a nossa civilização se tornará uma civilização esclarecida. Isso, entre outros nobres objectivos, é aquilo a que aspiramos. E não há outro trabalho de maior alcance do que esse. Vai à raiz das coisas, em vez de apenas colocar gesso e unguentos na superfície das feridas que se deterioram. E num campo ainda mais elevado, o nosso trabalho é ensinar os homens e as mulheres o que eles, como indivíduos, encerraram dentro deles: poderes, capacidades, faculdades, que os homens e as mulheres comuns hoje em dia não suspeitam. No entanto, eles estão lá; os intelectos titãs, os maiores homens que já viveram, provaram do que a mente humana é capaz; e todo o homem normal tem as mesmas potências dentro de si mesmo. Faz parte do trabalho da Sociedade Teosófica reavivar a crença nestas coisas, para que os homens anseiem por se cultivar de dentro para fora, por despertar o que está dentro, e por se tornarem mais nobres e grandiosos. Que mundo viveremos então! São os pensamentos que o farão, e o sentimento que se segue ao pensamento. Então o Cristo, crucificado em nós todos os dias que vivemos, ascenderá do Crucifixo, o nosso próprio ser, o corpo de cada homem, e entrará no cérebro do homem, e iluminará a sua vida, e reformará a sua conduta para com os seus semelhantes. Só esse pensamento, se conseguíssemos fazer com que os homens acreditassem nele e o conhecessem interiormente, traria uma “conversão” universal, como dizem os cristãos, uma conversão, uma mudança, uma reviravolta, das nossas mentes e corações para o Cristo vivo dentro de nós, o Buddha vivo! É tão simples como isto. — G. de P.

Gottfried de Purucker, “Civilization Built Upon Thought”. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XI, No. 4, October 1937, p. 241-245. Em: *Wind of the Spirit*, 1st edição, 1944, p. 42-45, Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>

Cada humano UM PACIFICADOR



Pensamentos-chave

- » Pensar é a percepção dos pensamentos.
- » Nós, humanos, estamos continuamente a transmitir e a receber pensamentos.
- » Há três tipos de pensar que jogam um papel dominante dentro de nós próprios: o desejo, o intelecto e a sabedoria.
- » A mentalidade do desejo egoísta causa descontentamento e desigualdade na sociedade. Isto causa um terreno fértil para pensamentos de ódio.
- » Percebendo que somos responsáveis pelos outros como somos por nós próprios é a nossa protecção contra o descontentamento.
- » A realização da unidade e da conectividade torna-o imune à divisão.
- » A percepção de que podemos achar a verdade dentro de nós próprios torna-nos resistentes à propaganda do ódio, da desinformação e das falsas notícias.

Protecção contra o descontentamento, a divisão e o ódio

Por que é que uma pessoa começa a odiar outros e a vê-los como “o inimigo”? E como é que se pode prevenir isto para nós próprios e enquanto grupo?

O conflito ou a guerra provêm de uma lógica que é desprovida de alguma maturidade. Cada adulto pode explicar a uma criança por que é que a violência nunca conduz a uma solução. Todavia, a retórica da guerra ainda consegue afectar um largo conjunto de pessoas. Como é isto possível? Por que é que estas pessoas começam a odiar os outros e a vê-los como “um inimigo”? E como é que nós podemos prevenir isto para nós próprios e como um grupo? Para compreender isto, torna-se primeiramente necessário considerar como é que o pensamento funciona.

Como é que o nosso pensamento funciona?

A guerra tem origem no pensamento tal como escrevemos no artigo anterior. Os preparativos para a guerra não são efectuados enquanto a guerra é impensável. O clima de ideias nos quais os conflitos ou a guerra podem surgir resulta da soma de pensamentos de muitos indivíduos pensantes. Como é que o nosso pensamento funciona? Tal como nos apercebemos dos objectos externos com os nossos sentidos, assim podemos considerar o

pensamento como uma percepção interior dos nossos pensamentos. Os pensamentos são realmente energias vivas. Eles crescem pela atenção que lhes damos. Quanto mais clara é a nossa imagem de uma ideia, projecto ou ideal, tanto mais fácil é para nós realizá-lo nas nossas vidas.

Cada ser humano é ao mesmo tempo um emissor e um receptor de pensamentos. Agora podemos embalar pensamentos em palavras e comunicá-los, mas também podemos captar os pensamentos dos outros sem serem expressos ou anotados. E nós próprios estamos sempre continuamente a emitir uma certa esfera de pensamentos. Assim, cada pessoa é não só responsável pelos seus próprios pensamentos, mas também pela sua disseminação para outras pessoas, às vezes sem se dar conta. E se os pensamentos caem num terreno fértil apropriado, eles podem crescer rapidamente e espalhar-se outra vez, tal como se espalham as sementes ou os vírus.⁽¹⁾

Três tipos de pensamentos

Como foi descrito no artigo *Nenhuma paz sem visão*, há diferentes tipos de pensamentos. Aqui distinguimos os

três seguintes, que são típicos da pessoa média:

1. *Pensamento de desejo*

O desejo é uma força neutral. Pode ser conduzido para um assunto externo tal como a força física, a beleza ou a posse, mas também em direcção a assuntos mais interiores como o poder, o prestígio, ou a sabedoria.

2. *Pensamento intelectual*

O pensamento intelectual é racional, lógico e razoável. Ele pode parecer tão frio quanto os momentos em que classifica ou discrimina as coisas: é x ou y ; 0 ou 1, primeiro a depois b, etc.

3. *Pensamento baseado na Sabedoria*

O pensamento de Sabedoria assume unidade e coerência e é caracterizado pela perspectiva e compreensão. Este tipo de pensamento está ainda mais fortemente adormecido e pouco desenvolvido na pessoa média.

Cada tipo de pensamento pode ser aplicado às pessoas egoístas altruístas. Mas se permitimos que o pensamento seja dominado pelo desejo, então é mais provável que pensemos mais separada ou egoistamente. Em especial se esse desejo se dirige para qualquer coisa fora de nós próprios. O desejo é a aspiração por alguma coisa que não temos; o desejo visa superar uma carência. Querendo tornar-se rico é aspirar por mais dinheiro, a ambição é aspirar por mais status, influência ou poder. Essa necessidade, todavia, reside dentro de nós. Desejamos alguma coisa porque pensamos que possui-la far-nos-á



Esta escultura mostra-nos o momento em que o Príncipe Siddhârta, sentado debaixo da árvore Bodhi, é tentado e atacado por *Mâra*, que simboliza a totalidade dos nossos desejos egoístas. Siddhârta permanece em perfeita paz, intocado. Fonte: escultura esculpida em pedra, na Caverna Ajanta nº 26, Maharashtra, Índia.

mais felizes ou mais completos. O desejo egoísta torna-nos mais focados em nós próprios do que na totalidade. Como já foi mencionado no primeiro artigo, muito da Sabedoria Universal foi publicada no seio da humanidade desde 1875, para estimular o nosso pensamento caracterizado pela sabedoria. Isto providenciou uma visão da realidade baseada nas supramencionadas três ideias centrais: 1. Ilimitabilidade, 2. ciclicidade e 3. igualdade fundamental. Estes são princípios universais e eles correspondem a necessidades interiores que cada um, consciente ou inconscientemente reconhece, ansiando por fraternidade, significado, conectividade, justiça, solidariedade e liberdade de expressar as nossas únicas qualidades e ser significativo para um todo maior. Se partimos *conscienciosamente* destas três ideias centrais, isto leva-nos à concepção de que: 1. tudo é essencialmente um; 2. todos os seres estão conectados uns com os outros – também ciclicamente, tudo é recíproco – e porque todo o pensamento e actuação têm influência em tudo o mais, portanto nós o estamos também; 3. responsáveis em conjunto pelo desenvolvimento do todo. Expli-cámos isto no primeiro artigo.

Enquanto o pensamento de desejo está focado numa falta, pode internamente perceber, pelo contrário, a partir do tipo de pensamento sábio, que não há nada a faltar. Percebemos a unidade de que somos uma parte integral. Tudo está presente nessa unidade e na essência também em nós próprios. Não pode ser expresso ainda, porém está latente. No entanto, embora deseje todas as espécies de coisas externas, sabemos internamente que podemos aprender mais num dado momento, podemos expressar os nossos ideais e virtudes ou pensamentos nobres e estar lá para os outros.

O pensamento intelectual ou racionalismos lógicos adequados está entre estes dois tipos e pode ser também conduzido por aqueles dois. Por exemplo, podemos adoptar estratégias inteligentes para preencher um desejo particular para nós, ou podemos usar a lógica para explicar a outros por que é que vale a pena perseverar num determinado ideal.

Cada pessoa faz uso de um determinado tipo de pensamento, mas um tipo será sempre dominante. A focagem num dos tipos pode ser comparada com a tonalidade num certo comprimento de onda. Por exemplo, se nós estamos focados a satisfazer um desejo para nós próprios, então estamos receptivos a pensamentos semelhantes. Se pensarmos num anúncio para um determinado produto, ou numa vaga de emprego que nos pague mais ou nos dê mais influência, fortaleceremos essa mesma mentalidade

e transmitiremos esse tipo de pensamento. Contudo, se estamos focados no bem comum e como contribuir para isso, estaremos muito menos susceptíveis a esse tipo de pensamentos. Estamos mais afectos a apercebermo-nos de uma certa sabedoria de alguém que é próximo de nós ou de um movimento que advoga os direitos humanos da paz, por exemplo. No presente estado da nossa evolução humana o tipo intelectual de pensamento está se desenvolvendo no ser humano médio. Ele tende para o desejo de pensar porque ainda não temos completamente desenvolvido o nosso intelecto. O desafio consiste em despertar o pensamento baseado na Sabedoria e fazer com que ele nos guie. Cada um pode fazer isso; é o nosso desenvolvimento natural.

Sociedade: uma soma de pensamentos

Se olharmos para a sociedade de hoje – e em especial para a sociedade ocidental – é claro que muitas pessoas estão distantes deste pensamento de sabedoria e que o desejo egoísta ainda domina demasiadas vezes. A desigualdade entre ricos e pobres também aumenta. Muitos políticos internacionais estão focados no seu interesse próprio: por exemplo, os acordos internacionais que asseguram os benefícios económicos para um só país são maioritários.

Vemos que os pensadores mais intelectuais, por falta de sabedoria, são tentados pelo desejo egoísta. Então, as pessoas mais espertas usam a sua inteligência para se diferenciarem dos outros, por exemplo. Eles fundam empresas para enriquecerem mais rapidamente ou trabalham por um grande ordenado para empresas que permitem a um pequeno grupo de pessoas ficarem mais ricas. Quando um grupo mais restrito de pensadores intelectuais coloca o interesse do seu próprio grupo em primeiro lugar e portanto abusa ou toma vantagens sobre as massas, há um incremento da desigualdade e no poder no estado e no mundo. Na proporção disso, cresce o desejo, acompanhado por um sentido de insatisfação e de inferioridade entre um mais largo grupo de pessoas. Surge a polarização.

Uma sociedade que é incapaz de responder às aspirações interiores para a interconectividade e para uma vida plena de significado ou que é incapaz de ajudar a resolver os problemas da vida numa escala ampla, torna as pessoas desesperadas e cheias de medo. Neste solo de descontentamento, as sementes do ódio germinam facilmente.

Como Platão já descreveu no seu famoso diálogo *A República*,⁽²⁾ uma democracia pode degenerar numa tirania se um líder populista actua para dominar as massas, é eleito pela maioria e se transforma num tirano. Numa história

mais recente, a ascensão do fascismo é um exemplo disto e nós podemos também reconhecer características disto nos dias de hoje.

Com os seus pensamentos de ódio populista desembocam em descontentamento e em sentido de separatividade entre as pessoas. Eles oferecem respostas parecidas para necessidades humanas universais: uma vida com significado, conexão com os outros. Para as pessoas que estão desesperadas estas respostas são rapidamente aceites mesmo se limitadas e irracionais.

Ainda os pensamentos que nos protegem do ódio estão mais perto de nós. Todavia, cada um de nós pode, em qualquer altura, ajudar outras pessoas a proteger-se. Atrás realçamos três pensamentos centrais, que mostrarão que eles agem como um escudo contra alguma forma de discurso de ódio:

1. Consciência da responsabilidade de cada um; tanto para com os outros como para conosco.
2. A consciência da unidade e da reciprocidade.
3. A consciência da verdade dentro de cada um.

1. Consciência da responsabilidade como uma protecção contra o descontentamento

Um populista procura dirigir-se ao descontentamento existente. Ele apresenta-se como um advogado do povo. Para ele, denunciar justamente uma certa injustiça ou desarmonia em primeiro lugar torna-o credível. Ele é visto como alguém que diz as coisas como elas são. Ele descreve o homem médio de uma forma idealizada e romântica (“trabalhando duro”, “forte”, “corajoso”, “inteligente”). Ele retrata-o como superior aos outros e portanto tenta apelar à sua vaidade e desejo pessoal. Numa sociedade onde abunda a desigualdade e muitas pessoas sentem inferioridade, este pensamento tem muita receptividade.

O populista grita para defender o “homem comum”, mas também o retrata como uma vítima: como alguém que é oprimido por forças externas. Ele instila medo ao afirmar que aquelas forças ameaçam o povo e promete providenciar protecção. Ele dá às pessoas a ideia de que elas não são capazes de dirigir as suas vidas de forma independente, sendo autoconfiante. Ao proceder assim, ele faz um apelo para subvalorizar o livre-arbítrio. Ele muda as pessoas que estão inseguras pela sua própria consciência e sabedoria, fazendo-as perder lentamente a confiança nelas próprias.

Estes pensamentos não nos impressionarão muito se

pensarmos que somos sempre responsáveis. Cada uma dessas ações ou pensamentos afectam o todo e a situação de estarmos controlando o nosso desenvolvimento conjunto. Como um grupo, como uma nação, como um país, como humanidade, como um mundo com toda a vida que é parte dele. A desarmonia não nos deve assustar sabendo que nós temos um papel a desempenhar em restaurar a harmonia. Não voltaremos ao descontentamento, sabendo que poderemos trabalhar para a paz a qualquer momento.

E nós reconhecemos, então, que os verdadeiros ajudantes e líderes nunca tratarão os outros como vítimas das circunstâncias, mas farão sempre apelo àquela compreensão, à parte universal dentro de nós, mediante a qual nós tomamos controle sobre as nossas vidas com a qual nós nos ajudamos a nós próprios (ver também o artigo seguinte *Ajudar Realmente*). O anterior Presidente dos EUA, Kennedy, disse uma vez num discurso: “Não pergunte o que é que o seu país pode fazer por si, mas pergunte o que é que você pode fazer pelo seu país.”

2. A Consciência da unidade como uma protecção contra divisões.

Com frequência o populista aponta para um bode expiatório, um inimigo ou algum objecto para ser culpabilizado (A União Europeia, o Islão, o vírus, o terrorismo, os estrangeiros, a China, o neoliberalismo, etc.). Ao fazer assim, ele converte o descontentamento e o medo concentrados passivamente e transforma-o num ódio activo contra alguma coisa, contra alguém, ou contra um grupo inteiro. O populista transforma-se num incitador de ódio. Este incitador de ódio pode primeiro começar subtilmente por trazer a desconfiança ou a suspeita em relação a um particular grupo. Se as suas ideias ganham apoio, ele cria uma dicotomia: por exemplo “o povo contra a elite”, “nós contra eles”, ou “quem não é por nós é contra nós”. Se as pessoas têm pouco sentido dos objectivos, esta ideia de lutar *contra* alguma coisa pode criar a ilusão de que eles estão a lutar *por* alguma coisa. Ao mesmo tempo, sendo contra alguma coisa, eles desistem ainda mais do seu pensamento independente e do seu livre-arbítrio. Porque se tudo que vem do outro lado é inerentemente mau, então “o outro campo” está com efeito a determinar o que eles pensam e fazem.

Por meio da dicotomia, o incitador de ódio oferece um aparente “campo do bem”, lutando contra o “mal”. Algumas pessoas esperam encontrar conectividade escolhendo um campo. E há a perspectiva de redenção se o

“inimigo” é derrotado. O incitador de ódio inventa toda a espécie de rituais vazios para subjugar ou intimidar o inimigo, tal como comícios de massas, construindo um muro, ou testando mísseis. Estes são justamente rituais porque na maior parte das vezes estas actividades não são de facto efectivas, mas elas fazem as pessoas sentir-se como se elas estivessem a contribuir para alguma coisa ou que ações estão a ser tomadas.

O incitador do ódio generaliza quem ou o quê é para lastimar e não o descreve em detalhe, mas assume que isso é tão evidente que qualquer pessoa compreenderá quem é ou o que é que isso significa. Porque por causa da incerteza acerca de quem pertence a cada grupo, as pessoas podem começar a desconfiar uns dos outros. As pessoas hesitam em falar alto devido ao medo de serem colocadas num dos dois campos. E as pessoas que são colocadas num dos dois campos cedo perdem a confiança no outro.

Apesar disso, o incitador do ódio oferece perspectiva. Há clareza: somos a favor ou contra. Embora todas as nuances desapareçam, pelo menos parece haver moralidade. Ao fazer assim, um incitador de ódio não se esquiva de aludir e recusa-se a condenar a violência por outros. Segundo ele, os fins justificam os meios: tudo é permitido para restaurar a honra e o estatuto das pessoas. É assim que ele alimenta a cultura do medo.

O pensamento de “nós contra eles” espalha-se às vezes pelo resto do mundo de acordo com a mesma fórmula: aquele que não está a favor está contra. Ainda que muitos outros países não tenham muito interesse em enveredar por uma autocracia egoísta, eles serão dentro de pouco tempo colocados no campo do inimigo. Isto pode conduzir-nos a uma grande perda na confiança que as pessoas têm no mundo e na humanidade. Estes pensamentos de divisão nunca nos dominarão se estivermos conscientes da nossa interconectividade com toda a vida. Tal como a consciência da responsabilidade nos evita pensar na solução dos problemas fora de nós próprios, o nosso sentido de unidade previne-nos de nos queixarmos ou de querermos lutar contra alguém. Pensamos então que o outro é essencialmente igual a nós. Como H.P. Blavatsky disse: “Com o conhecimento real, ou pelo menos com uma convicção firme de que os nossos próximos não procurariam causar-nos dano maior do que o que nós pensássemos em fazer-lhes, dois terços do mal que há no mundo se desvaneceriam.”⁽³⁾

Partindo da reciprocidade ou ciclicidade e do karma ao longo das vidas pensamos também que a violência nunca

é a solução e que tarde ou cedo regressará para o perpetrador. Aquilo que fazemos a outra pessoa, basicamente fazemo-lo a nós próprios. Mesmo em tempo de conflito, os verdadeiros líderes e auxiliares mostram-nos sempre o caminho, pacífica e corajosamente, pensemos em Gandhi, Mandela ou no Dalai Lama, (ver também o artigo seguinte).

Mesmo além da consciência da conectividade vai a consciência da unidade espiritual de toda a vida. Pensamos então que o nosso verdadeiro objectivo reside em apoiar o desenvolvimento do todo (ver também o artigo *Paz duradoura*). Gottfried de Purucker diz sobre isto: “(...) eu acredito se a nossa tristeza e sofrimento no mundo, hoje, pairando à beira do desastre, tal como está, considerado este mundo distribuído em homens e mulheres individuais, podia aprender uma simples lição de auto-esquecimento, e a beleza, a imensa satisfação do coração e da mente que provêm de tal auto-esquecimento, vivendo para os outros, para o mundo, honestamente acredito com todo o meu coração que noventa e nove por cento das perturbações do mundo seriam resolvidas.”⁽⁴⁾

3. Consciência da verdade dentro de nós próprios como protecção contra a propaganda do ódio e das (falsas) notícias

Como foi mencionado, cada ser humano é, ao mesmo tempo, um emissor e um receptor de pensamentos. Na nossa actual sociedade digitalizada, a comunicação social joga um papel muito importante na disseminação de pensamentos. A actual guerra entre a Rússia e a Ucrânia está bem rotulada como guerra da comunicação e mesmo como guerra TikTok.

Quando se diz que cada pensamento tem um papel na mentalidade total, pensamos também na nossa responsabilidade pelos pensamentos que absorvemos e nos alimentam através dos “media”. Isto é tão válido em tempo de paz como em tempo de conflito.* Durante os conflitos, porém, o papel

* Numa recente entrevista da plataforma holandês *De Correspondent*, o professor dinamarquês de Ciência Política Michael Bang Peterson fala acerca da sua investigação sobre o papel da desinformação e das notícias falsas em tempo de paz: “Fiz muitas pesquisas sobre as razões pelas quais as pessoas partilham notícias falsas. Vê-se que mesmo em tempo de paz quem experiencia um conflito espalha mais. Os americanos que espalham mais *fake news* no Twitter não são estúpidos nem ignorantes acerca dos políticos, nem mal educados, eles são simplesmente cidadãos que não gostam do outro partido político. As maiores *fake news* espalhadas são Republicanos que não gostam dos Democratas e de Democratas que não gostam dos Republicanos.”
Fonte: <https://decorrespondent.nl/13288/waarom-mensen-in-tijden-van-oorlog-eerder-in-nepnieuws=geloven/544267218264-5c06fc11>

das notícias e da propaganda torna-se mais relevante. Consideremos brevemente duas situações:

1. Tratando da propaganda do ódio e das falsas notícias pelas partes à procura de conflito ou estando já no meio do conflito.
2. Seguindo as notícias acerca das situações de conflito quando está fora do conflito

3.1 Propaganda de ódio e falsas notícias antes e durante o conflito

Os incitadores de ódio são apenas efectivos quando as pessoas começam a acreditar na sua limitada versão da realidade, quando as sementes do ódio começam a germinar e a prosperar noutros. Eles excluem outras perspectivas tanto quanto possível.

Se as pessoas prosseguem com o pensamento separativo nós-contra-eles, consciente ou inconscientemente, formam um terreno fértil para desinformação e falsas notícias, nas quais o pensamento separativo está confirmado. Eles estão sintonizados com um certo comprimento de onda mental e recebem, alimentam e espalham pensamentos que se formam dentro da sua esfera de pensamento. A investigação confirma como isto funciona: as pessoas são especialmente sensíveis à desinformação e às falsas notícias, se confirmam os seus pensamentos existentes.^{(5) (6)}

A maior parte das pessoas não está à procura do conflito, razão pela qual os incitadores de ódio usam frequentemente notícias falsas e desinformação para justificar a sua luta. Esta estratégia é tão velha quanto os conflitos no mundo. O imperador romano Júlio César, no seu *De Bello Galico* há dois mil anos, já retratava os povos celtas e germanos como bárbaros que constituíam uma ameaça para a civilização romana, enquanto ele próprio era o agressor e enriqueceu com a sua guerra, (principalmente através do comércio de escravos e arrecadando o dinheiro dos soldados caídos em combate).

A história dos pretextos falsificados ou fabricados para a guerra é longa e a desinformação tem desempenhado recentemente um papel importante papel na guerra no Iraque após o 11 de Setembro de 2001⁽⁷⁾ e agora novamente no conflito entre a Rússia e a Ucrânia. O conflito desempenha um importante papel para os incitadores do ódio para chegarem ao poder ou permanecerem nele. Em especial durante o conflito, as pessoas tendem a cerrar fileiras e a escolher um “líder forte”. Para mais, eles sentem conexão quando lutam pela pátria.

O incitador de ódios ganha poder por meio do conflito,

ele pode crescer até um autocrata, um ditador ou um tirano. Ele restringe a liberdade de imprensa, silencia os pensadores e os cientistas independentes, e proíbe a arte livre e a cultura. Na verdade, ele elimina o tipo de pensamento de sabedoria, de que a liberdade de consciência, a procura da verdade, a espiritualidade e a arte e cultura são expressões. Ele pode também ganhar poder sobre os “media” e garantir que as pessoas sejam apresentadas apenas com a sua versão da realidade através da propaganda. Desta forma, os seus pensamentos de ódio estão a espalhar-se permanentemente e a serem alimentados.

Se a propaganda do ódio conseguir atingir uma massa crítica, a uma certa altura pode existir uma mentalidade⁽⁸⁾ de rebanho na qual os pensamentos de ódio do colectivo podem dominar o pensamento livre e a livre-arbítrio do indivíduo, e as pessoas misturam-se numa espécie de estado intoxicado de hipnose. Por outras palavras, quando muitas pessoas espalham e se alimentam do mesmo pensamento, pode ocorrer uma epidemia mental.⁽⁹⁾ Na verdade, as pessoas têm-se escravizado elas próprias aos pensamentos do tirano.

3.2 Tratando das notícias como um propagador de pensamentos

Os meios de comunicação dos partidos exteriores ao conflito também nem sempre providenciam uma visão neutra, objectiva e imparcial. Muitas fontes de notícias, quer digitais ou impressas, tornaram-se dependentes de receitas de publicidade. Quanto mais são lidas, mais elevados são os lucros. Com isto, o pensamento egoísta sob a forma de um aspecto de desejo tomou um papel importante, há um foco de curiosidade e sensação. A ênfase reside na excepção, na transgressão, e portanto tende mais em direcção à negatividade. A velocidade também desempenha um papel: quem for o primeiro com novidades tem a melhor hipótese de conseguir mais atenção, mas isto nem sempre serve a verdade. Investigando as fontes, apontando factos e ouvindo ambos os lados da argumentação leva tempo. O mesmo se aplica a interpretação: qual é o significado do que vemos à nossa volta? Quais são as causas subjacentes?

É bom estar consciente disto quando estamos seguindo as notícias. De que fonte veio a notícia? Até que ponto foi investigada e confirmada por múltiplas perspectivas? Até que ponto somos resistentes a ir logo com a negatividade que elas podem evocar, para ir junto com o pedido de atenção, a rápida condenação e a formação de opiniões? Especialmente quando pensamos que se está sempre

alimentando uma certa mentalidade e ajudando a espalhar certos pensamentos. A partir desta perspectiva não é talvez surpresa que um dos professores teosóficos tenha feito avisos acentuados contra a leitura de jornais da guerra mundial.**

A nossa protecção: a verdade dentro

A persuasão não deve vir do exterior. A persuasão vem de dentro. Estamos convencidos de alguma coisa de mais profundo dentro de nós e então ninguém é capaz de nos persuadir de um diferente ponto de vista. É como o sol atrás das nuvens, sabemos que ele está lá. Interiormente todos nós temos os nossos valores, a nossa consciência, as nossas perspectivas e ideais, o nosso sentido de unidade e, no topo disso também, a sabedoria dos outros de muitos séculos, com a qual poderemos aprimorar o nosso conhecimento interior.

Quanto mais conscientemente dirigimos o nosso pensamento de acordo com o nosso ritmo interior, menos susceptíveis estaremos aos pensamentos dos outros, os quais, consciente ou inconscientemente, tentam forçar-nos a isso. A questão central é sempre: isto é verdade? A esta luz, podemos sempre ouvir a voz da nossa consciência, podemos verificar se a informação está de acordo com as Leis Universais do Universo (pense na ciclicidade e no karma)⁽¹⁰⁾ e naturalmente de acordo com as leis do seu país. Isso ajuda-o a percorrer regularmente essas pedras de toque, porque a nossa perspicácia está crescendo. Ao proceder assim, isso ajudá-lo-á a separar a ilusão da realidade incrivelmente mais rápido. No nosso simpósio, “A procura independente da verdade – encontre o seu caminho num mundo da mentira e ilusão” – ache-se a si próprio, seja você próprio. Em 25 de Setembro, de 2022 trataremos disto.

Protegendo os outros do ódio: propaganda para a paz

Os populistas abusam dos anseios internos essencialmente virtuosos de solidariedade, sentido de propósito, desejando a solidariedade e conexão. Eles mencionam, às vezes de uma forma rigorosa, o que é que as pessoas precisam, mas apontam para ambas as causas e a solução para circunstâncias externas. Uma meia verdade é muitas vezes mais perigosa do que uma mentira completa.

** A propósito, isto foi numa comunidade internacional (Point Loma) onde pessoas de diferentes nacionalidades viviam juntas fraternalmente enquanto os seus países de origem estavam em guerra uns com os outros.

Portanto, a maior parte das pessoas não é apanhada no conflito por causa do mal. É mais por causa da ignorância da unidade espiritual com toda a vida e da responsabilidade pelo nosso crescimento conjunto (os conhecimentos que formam a protecção interior mencionada acima) o que lhes ocasiona desembocar numa mentalidade de ódio.

Isso mostra como é importante construir uma visão universal da vida que nos permita testar ideias para a verdade e manter a direcção de todos os nossos pensamentos.[#]

Hoje em dia, em relação à palavra propaganda, tendemos a ter mais associações negativas, mas, etimologicamente, ela significa nada mais do que distribuir, espalhar.⁽¹¹⁾ Assim, a resposta ao ódio, ao conflito e à violência não é o medo, resistência violenta ou retaliação. O que nós necessitamos é propaganda da sabedoria. Esta propaganda reconhece em todos os tempos o livre-arbítrio e portanto nunca aspira a persuadir as pessoas, pelo contrário, faz um apelo à sua visão interior. Se os pensamentos de ódio podem alcançar uma massa crítica, assim também os pensamentos de amor, compaixão e paz. E quando nós alimentamos e espalhamos estes pensamentos dentro de nós e na sociedade, nós protegemo-nos a nós e aos outros e estes pensamentos farão derreter os conflitos tal como o sol derrete a neve.

[#] O curso Pensar Diferentemente se baseia neste princípio. A informação está disponível em lucifer.red@stichtingisis.org

≧ *Textos teosóficos inspiradores sobre este assunto* ≦

Seguem-se três curtos artigos de Gottfried de Purucker. O primeiro já foi brevemente citado no artigo acima e intitula-se *O mérito do auto-esquecimento*. O artigo apareceu em *The Theosophical Forum* em Março de 1937, e baseia-se num discurso proferido pelo Dr. De Purucker numa das reuniões da Loja Point Loma em San Diego, Califórnia. Neste artigo, De Purucker demonstra explicitamente como o auto-esquecimento é a protecção contra a luta e o sofrimento e a solução para “noventa e nove por cento dos problemas do mundo”.

O segundo artigo, *Medo, o Grande Destruidor*, apareceu em 1939. Também, um breve e poderoso apelo ao amor universal e ao auto-esquecimento, que expulsa todo o medo.

Finalmente, no artigo “*A vingança é minha*”, Gottfried

Referências

1. Herman C. Vermeulen, “Como prevenir epidemias mentais?”, artigo em *Lúcifer, o Portador da Luz*, 2021-4, p. 119-127.
2. Platão, *República*, parte VIII, (543-569).
3. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Edição original em inglês, Vol. I, p. 643-644. (Edição Pensamento, Vol. II, p. 355.)
4. G. de Purucker, “The Guerdon of Self-Forgetfulness” [“O guerdon do Auto-Esquecimento”], artigo em *The Theosophical Path*, Vol. X, no. 3 Março 1937, p. 160-162.
5. Ecker, U.K.H., Lewandowsky, S., Cook, J. et al. *The psychological drivers of misinformation belief and its resistance to correction*. [Os condutores psicológicos da crença na desinformação. E a sua resistência à correcção], *Nature Reviews Psychology* 1, 13–29 (2022). <https://doi.org/10.1038/s44159-021-00006-y>
6. <https://www.brooking.edu/techstream/how-partisan-polarization-drives-the-spread-of-fake-news/>
7. <https://www.politico.com/magazine/story/2019/07/05/fake-news-real-war-227272/>
8. https://en.wikipedia.org/wiki/Herd_mentality e https://en.wikipedia.org/wiki/Crowd_psychology.
9. Ver ref. 1.
10. Ler mais sobre as Leis da Natureza em: *Lúcifer, o Portador da Luz*, edição do simpósio, *Teoria de Tudo*, 2020-4; e *Lúcifer, o Portador da Luz*, 2022-1, *Ajude a construir a mentalidade do futuro*. <https://blavatskyhouse.org/magazine/magazines-in-other-languages/>
11. <https://www.etymonline.com/word/propaganda>.

de Purucker usa esta afirmação bíblica para mostrar que a harmonia reina no universo. Além disso, com a breve explicação da Lei Natural do Karma – ou causa e efeito – ele fornece não só a base ética mas também a base lógica para os ensinamentos éticos dos dois primeiros artigos.

O mérito do auto-esquecimento

A Teosofia faz-nos uma magia que é, sem dúvida, mais grandiosa do que apenas nos falar da indubitável e bela verdade da nossa divindade essencial. Ela transmuta a nossa humanidade fraca e frequentemente má em divindade. Ensina-nos a esquecermo-nos de nós mesmos pelos outros – pelo mundo. Lava a nossa natureza, o nosso

coração e a nossa mente do pessoal e limitado que, com o tempo, somos levados até a esquecermo-nos de nós próprios e a viver no universal.

Para mim, esta é a nota-chave perdida da civilização moderna, girando como gira em torno do egoísmo nascidos em nós. Parece-me que se nós, Teosofistas, conseguirmos inculcar na vida do pensamento do mundo, dos nossos semelhantes, ideias, princípios de pensamento, e consequente conduta, ensinamentos de carácter e de valor religioso e filosófico e científico, que irão ensinar aos homens, permitir-lhes aprender, esquecer-se a si próprios e viver para os outros, então penso que teremos feito mais do que ensinar aos homens a verdade indubitavelmente sublime da sua unidade com a divindade – um dos meus próprios pensamentos e ensinamentos favoritos! Pois mesmo isso pode ter uma atmosfera de egoísmo, de egoísmo espiritual.

Acredito realmente que se o nosso triste e sofrido mundo de hoje, pairando à beira do desastre como está, este mundo tomado distributivamente como homens e mulheres individuais, pudesse aprender a única lição simples de auto-esquecimento, e a beleza, a imensa satisfação do coração e da mente, que vem de tal auto-esquecimento, vivendo para os outros, para o mundo, acredito honestamente de todo o coração que noventa e nove por cento dos problemas do mundo seriam resolvidos.

A política tornar-se-ia então um instrumento da realização humana e não do egoísmo e muitas vezes da destruição. As obras de filantropia seriam consideradas as mais nobres do mundo, porque seriam guiadas pela sabedoria de um coração desperto. Pois o olho de nenhum homem vê claramente quando gira em torno do pivô do eu pessoal; mas verá claramente quando a sua visão se tornar universal, porque então tudo no campo vem dentro da bússola, dentro do alcance da sua visão.

Não tenho razão, portanto, em acreditar que, belos como são os ensinamentos que, como homens individuais, podemos estudar em Teosofia, e grande como será a vantagem que individualmente tiraremos deles, destes ensinamentos, há de facto algo ainda mais elevado em Teosofia que só ela, talvez, no mundo de hoje ensina: que atingimos os nossos mais altos, os nossos mais subtis, picos de realização quando nos esquecemos de nós próprios? E não poderemos encontrar a mesma verdade sublime no coração, como a essência da queima de, cada uma das grandes religiões do passado, desde que despojemos as excrescências dogmáticas nascidas dos cérebros das pessoas mais limitadas.

Lembre-se que a verdadeira Teosofia é uma questão de vida do coração, e da luz do coração, bem como de profunda compreensão intelectual; mas muitas pessoas não se apercebem disso, e olham para a Teosofia como uma mera espécie de filosofia intelectual, que é apenas uma parte dela.

Eis outro pensamento: enquanto a vida altruísta, tal como ensinada na Teosofia, é considerada por nós como a mais bela por ser universal e todo-inclusiva, mas será que podemos viver adequadamente, como uma vida altruísta, se ignorarmos os deveres que estão mais próximos? Por outras palavras, se um homem anseia tanto ajudar o mundo que sai para ele e negligencia deveres que já assumiu, estará ele fazendo o que é humano? Estará ele vivendo a vida altruísta; ou estará ele seguindo um anseio secreto e egoísta de progresso pessoal? Será ele sequer lógico? O altruísmo significa nunca negligenciar um dever, porque se o fizer, após exame, descobrirá que está seguindo um desejo, um pensamento egoísta. É no cumprimento integral de cada dever e até ao fim, ganhando assim paz e sabedoria, que se vive a vida que é a mais altruísta.

— G. de P.

Gottfried de Purucker, “The Guerdon of Self-forgetfulness”. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. X, No. 3, March 1937, p. 161-162. Em: *Wind of the Spirit*, 1st edição, 1944, p. 153-154.

Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/>.

Medo, o grande Destruidor

O grande destruidor é o medo, o horror, a apreensão do que *me* vai acontecer. O medo é destrutivo porque se baseia no egoísmo. Repare como isto é verdade. Se um homem se esquece completamente, o medo desaparece porque já não pensa no efeito que qualquer coisa pode ter sobre si próprio. O medo é uma concentração de atenção sobre si próprio numa expectativa de desastre a acontecer a um. Perde-se o rasto de si próprio, esquece-se de si próprio, e o medo desaparece.

Diz-se frequentemente que o medo é uma protecção, mas uma protecção apenas para os fracos cuja segunda natureza é o medo; nunca é uma protecção para os fortes. É horrivelmente destrutivo. Para quê? Para autocontrolo, para autoconfiança. Prejudica a vontade. Muitas vezes torna um cruel no tratamento que alguém dá aos outros.

O medo paralisa. Acaba com as forças vitais; faz-nos encolher e tremer, porque se o carregamos dentro de nós, já não temos a coragem, força e poder para avançar. Mas o homem medroso está sempre em muito maior perigo do que o homem que não tem medo. O medo atrai o perigo real. As suas perspectivas de segurança são infinitamente maiores se não tiver medo. Pense sobre isso.

Quem quer viver com medo da sua vida, com medo de tudo o que vai acontecer, sempre rastejando e fugindo para abrigos, tentando crescer, mas, porque se pode cair, ainda tendo medo disso? Toda a sua vida seria um horror contínuo. Enquanto que o homem que tem amor no coração, que não se preocupa com o que lhe vai acontecer, como é feliz e alegre; e é forte e afecta os outros com a sua autoconfiança. Se o medo alguma vez entra na sua alma, é porque, por enquanto, ele esqueceu.

Esqueça-se a si mesmo, e o medo desaparecerá. Conhece o caminho real para o esquecimento do eu – perdendo totalmente a noção do pensamento do eu na sua vida? É amar todas as coisas grandes e pequenas; pois o amor perfeito expulsa todo o medo. Teme as coisas que ama? Nunca. Quere-las, almeja por elas, anseia por elas. Aprende portanto a amar, e o medo vai-se; e torna-te forte; pois o amor é um poder poderoso escondido no peito do homem.

Porque é que o amor é uma protecção tão grande, para além do facto de expulsar o medo? Porque as suas vibrações são infinitamente harmoniosas; e o medo é sempre abalado, vibrações distorcidas. O Divino é uma harmonia perfeita, e tudo abaixo dele pode surgir para isso. Mas o medo é inarmónico, faz-nos estremecer, tremer e prejudica a vitalidade. Veja-se a imagem de uma besta ou homem completamente assustado. Diz a si próprio: Onde está o amor no coração desse homem, que lhe daria paz, força e tranquilidade total? Ele perdeu-o, esqueceu-o; se ele estivesse lá, não haveria medo. E que amor perfeito é este que expulsa todo o medo? É simplesmente viver naquela parte do nosso próprio eu que é universal. Está se tornando aliado com o Divino. Nisso reside a paz perfeita, a harmonia perfeita.

— G. de P.

Gottfried de Purucker, “Fear, the Great Destroyer”. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XXI, No. 1, Janeiro 1943, p. 34-35. Em: *Wind of the Spirit*, 1st edição, 1944, p. 168-169.

Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>

“A vingança é minha”

Não há nenhuma fuga à lei da Natureza que um efeito se siga a uma causa. Não há fuga possível. Nada de orações, nada de petições, nada mudará o curso do mandato divino: como você é e como as suas obras são, assim serão os frutos que você irá produzir. E eles serão os seus filhos. Faça o bem: a boa vontade virá até você. Faça o mal: a natureza trará as mesmas vibrações e reacções inharmoniosas sobre o malfeitor.

Este é o significado da antiga declaração cristã-judaica: “A vingança é minha, diz o Senhor. Eu retribuirei” – palavras de que os homens têm falado e pregado no Ocidente durante 2000 anos, e não acreditaram o suficiente para confiar no seu poder. Por outras palavras, eles acrescentaram o mal ao mal, tentando verificar o mal com o mal, o que está piorando a situação. Descubra-o nos assuntos ordinários da existência humana. A vingança não é forma de reformar o malfeitor. Só o reforça na crença de que afinal ele tem razão: ele vai ter a sua vingança e você está tentando vingar-se dele. Por vezes é possível controlá-lo, certamente. Mas não se pode controlar o mal com o mal, não se pode combater o medo com o medo, não se pode combater o ódio com o ódio. Os homens tolos tentam-no há milénios, e será que já o conseguiram? O próprio mundo é a resposta.

Mesmo as nossas leis humanas comuns na sociedade civilizada não permitem a um homem tomar a lei nas suas próprias mãos e retaliar. Pois eles reconhecem a idiotice da mesma, e que ela produz mais mal do que bem. Os princípios ordinários governando a sociedade humana contém mais bom senso e sabedoria que as nações aplicam a si próprias, ou que os humanos enquanto indivíduos se aplicam entre si. A lei não permite-lhe tomar a lei nas suas próprias mãos e procurar vingança sobre quem lhe faz mal; e sabiamente, porque o baseia-se num profundo ensinamento de sabedoria. A natureza não o tolerará.

Os homens esqueceram-se de que aquilo que semearem colherão – não algo mais. Agora, pense no que isto significa; e não importa quão escuro possa ser o dia, não importa quão desesperado possa ser a situação, o trabalhador do mal e o trabalhador de bom recebem uma recompensa em tempo exactamente na proporção para o bem que fizeram ou para o mal que causaram. As pessoas esquecem-se que não se pode pensar em pensamentos de ódio sem distorcer o seu próprio carácter, o que significa enfraquecê-lo, o que significa torná-lo menos forte, menos brilhante,

menos intuitivo, menos penetrante. É preciso força para ser um bom homem, e para seguir a Lei, e que é uma força que cresce poderosamente com o exercício disto.

Veja o que a sociedade humana faz. A sociedade humana se protege a si mesma. De acordo com a sociedade humana é mais civilizada, a contenção do mal é mais humana. Na proporção em que a sociedade humana é menos civilizada, as restrições impostas pela sociedade humana aos que fazem o mal são cruéis, duras e injustas. Eles não têm efeito duradouro. Por quê? Porque homens e mulheres são intrinsecamente decentes. Eu encontrei decência mesmo no coração e na mente de um criminoso - um com um caráter desesperado. Mesmo um homem assim sabia o que era decência, mas tinha se tornado psicologizado pela idéia de que era totalmente inútil para ele tentar mais, porque não importava o quanto ele tentasse lá, seu registro criminal funcionaria contra ele; sua vida seria apenas um longo inferno.

O que você semeia você vai colher, e o que você está colhendo agora é o que você semeou no passado; e é precisamente isso que o mundo está experimentando agora: a colheita do que semeou. Não vai durar, não é eterno, é apenas temporário. Aquilo a que chamamos as idades do ferro da provação e da tristeza são sucedidas por uma idade mais gentil e amável, até os homens se cansarem da beleza e da harmonia, e inventarem as más contribuições e maquinações do verdadeiro génio; e depois vem numa nova era negra, uma nova era de horror, quando os homens querem obter tudo o que podem, e pensam que o podem obter sem pagar por isso. Não podem.

Este é um belo ditado antigo do Novo Testamento judaico cristão: A vingança – não é vingança; podemos traduzir isso como o regresso do equilíbrio, da justiça, da harmonia no universo – a vingança é minha. Nenhum homem são dúvida disso. Todos sabemos que, se desconfiarmos de nós próprios, a natureza exigirá vingança. Se abusarmos do nosso corpo, uma parte de nós próprios, mesmo por pequenas indulgências como a maldade comum, não tardará muito até que a natureza exija retribuição, e nós temos dor, talvez doença. E todos os outros distúrbios da lei natural e da harmonia têm de ser pagos. Esta é a doutrina mais grandiosa que o génio humano alguma vez trouxe do ventre da verdade cósmica. *Não há fuga possível.* E vejam que maravilhosa regra de conduta isto traz para a vida de um homem. Nunca se pode escapar a ela, mesmo que se tente. Não há fuga possível. Paga-se até ao último ceitel, e então

começa a sua nova oportunidade. Já pagou a sua dívida. Esta é a nossa doutrina do karman, e algumas pessoas que não a compreendem podem pensar que é cruel e antipático que a natureza tenha as suas leis e retribuição exacta pela perturbação dessas leis, para a protecção da harmonia cósmica. Mas se não fosse assim, o que seria necessário para que você obedeça? Daí, os homens não teriam protecção, os deuses não teriam protecção. Não haveria lei e ordem. O restabelecimento da harmonia é o maior e mais maravilhoso procedimento da natureza. É o grande pensamento de refúgio do bem, o grande princípio de conduta do bem, e o aviso ao malfeitor.

Tenham coragem. Enfrente corajosamente o que vem no seu caminho, e se tiver sido culpado no passado pagará a sua dívida, e então ficará livre com uma folha limpa, para escrever sobre ela o seu novo destino. Não será mais o aviso da escrita babilónica na parede. Mas a Natureza diz: sim, meu filho, está acabado. Um novo caminho abre-se agora diante de você, uma nova oportunidade. Agora está livre. Pagou a sua dívida. Saiu da prisão das circunstâncias da queda.

Parece-me que não há nada de tão reconfortante e tão belo que reflecta que a Natureza à nossa volta, pelo qual não me refiro apenas à natureza física, mas ao ventre divino do qual saímos na aurora dos tempos, é ainda a nossa Mãe, Pai-Mãe, que somos filhos da harmonia cósmica, e que nessa harmonia reside uma paz e felicidade infinita na nossa própria vida quotidiana, e um código de conduta que nunca nos falhará. Faça o bem e a boa vontade voltará para você. Semeie a paz e a paz virá até você. Dá aos outros um pouco da alegria que está no teu próprio coração; depois a alegria voltará ao seu coração, e em tempos de aflição a alegria trará a paz. Semeie o mal no mundo, e esse mal, tal como os círculos crescentes do destino, um dia o cercarão, e então será totalmente inútil para você gemer para os deuses ou dizer: Por que é que isto veio sobre mim? Você está pagando a sua dívida. É doloroso, mas uma vez paga a dívida, você está livre. Não é isso uma doutrina de conforto, sã, sensata e reconfortante em todos os sentidos?

Gottfried de Purucker, “Vengeance is mine”.

Em: *Wind of the Spirit*, 1ª edição, 1944, p. 155-158. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/>.

Cada humano UM PACIFICADOR



Pensamentos-chave

» A nossa consciência é a entrada para a nossa intuição e para o nosso Eu Superior. Aprendendo a ouvir a nossa consciência e intuição em tempo de paz, podemos dar uma resposta ajuizada em tempo de crise e fazer uso da nossa intuição. É um guia valioso que pode guardá-lo sem se deixar levar pelas tendências instintivas mais baixas.

» Conservando o pensamento independente, coloca-se a seguinte questão moral: estarei a contribuir para mais ou para menos sofrimento?

» Tentemos sempre ver as nossas acções à luz de um grande quadro. O nosso dever é viver para a nossa mais elevada responsabilidade moral. Isto está embebido na Fraternidade Universal. Apoia-se sempre a nossa responsabilidade no melhor da nossa capacidade.

» Controlemos o nosso pensamento e acções: não resignada (demasiado passiva), não impulsiva (excessivamente activa), mas com suficiente sabedoria (equilíbrio dinâmico).

Consciência e não-violência, armas da força moral

Como seguir a nossa consciência em tempo de guerra e não se deixar levar.

Na mentalidade comum, uma focagem pode ser vista na retaliação. O impulso para a retaliação provem de tendências instintivas (por exemplo o medo, a vingança; ver o artigo anterior) e ignora o aspecto mais nobre do homem. Neste artigo olharemos para os mais nobres aspectos numa situação de conflito. Quando confrontado com a violência entre as partes e desafiado para responder e assumir responsabilidades, que fazer?

Na Ucrânia, como em muitos outros países, todos os homens (entre as idades de 18 e 65 anos de idade) são chamados a defender a mãe-pátria. Podemos imaginar que isto causa toda a espécie de tensões. Por exemplo, ou combater o inimigo, ou proteger a sua família e compatriotas; pressão social para tomar partido; sentimentos de sofrimento e retaliação ou o desejo de viver em paz; ou dever, ou consciência. Todos são testados pela sua dignidade humana. Será que numa situação de guerra uma pessoa pode continuar a agir conscienciosamente e não ser arrastada pelo impulso para retaliar?

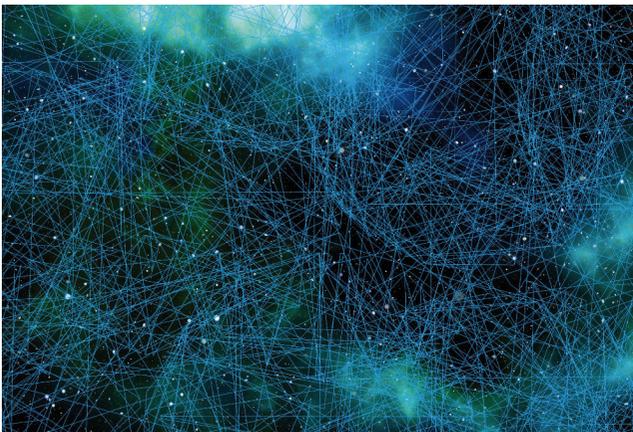
Ao procurar respostas para esta questão examinaremos conceitos tais como o karma, o livre-arbítrio, consciência e

resistência não-violenta como meios de restaurar a harmonia.

Karma e livre-arbítrio⁽¹⁾

Cada situação é o resultado de uma série de causas e porque em cada momento novas séries de causas são criadas, torna-se necessário considerar uma lei universal. Na Teosofia, isto é chamada a “lei de causa e efeito”. Ou a “Lei de restauração da harmonia”. A palavra sânscrita para isto é karma. Quer dizer, por um lado, “fazendo” ou “acção” (de um ser) e por outro lado “efeito”. Tudo está conectado com tudo o mais e não há ser que possa existir por si próprio. Cada acção de um ser humano tem consequências para outros seres, por força da natureza, de uma forma cíclica, e providencia uma consequência para o causador. As consequências das nossas acções regressam algumas vezes para nós de forma directa e às vezes apenas em vidas subsequentes. Nós criamos a “teia do destino” por meio do nosso pensamento e da nossa actividade. Estas são as nossas próprias futuras circunstâncias em conexão com outros seres vivos, que são também nós na teia.⁽²⁾ Num certo sentido, não existe karma individual, mas sempre colectivo.

Igor é um contabilista e pai de três filhos. Ele tem observado o desenvolvimento da guerra com consternação e sente-se sobrecarregado por ela. Está aborrecido por causa da sua família. Enquanto pensa no que poderá fazer a seguir, ele recorda as lições do seu avô. Lê com ele contos de fadas e lendas dos países soviéticos e fala com ele muito sobre história. O avô estava também muito familiarizado com a sabedoria do Oriente e podia, portanto, ver os desenvolvimentos numa perspectiva mais ampla. Na sua mente, Igor ouve o seu avô falar apaixonadamente acerca de como as pessoas diferem nas suas ideias sobre as causas dos seus problemas. Sobre fatalismo e o livre-arbítrio. Sobre a rigidez, retaliação, enobrecimento. Sobre a restauração dinâmica da harmonia. Igor imagina que ele está a confrontar-se com a escolha entre reforçar a espiral de violência ou... mas como?



Estamos infinitamente interconectados com linhas invisíveis de todas as espécies de qualidades. Uma teia kármica.

E a natureza e a motivação da acção determinam as características do efeito. Um bom ouvinte compreende que não há fatalismo aqui, nem acasos nem coincidências, mas estrita justiça. Aquilo que semeamos, colheremos. Na essência, o karma é a doutrina do livre-arbítrio, porque o ser humano é capaz de dirigir as suas acções também em direcção a si próprio, com uma característica de autointeresse. Ou em direcção a uma dinâmica cooperação harmoniosa com todas as pessoas e com todos os seres vivos. Na contínua cadeia de “causa e efeito”, todos os seres vivos criam continuamente novas causas com novas acções. Por consequência, é essencial compreender que nós somos parte de uma grande cooperação orgânica. A partir da consciência da unidade e da conectividade, podemos sempre

escolher acções que beneficiam a harmonia e que contribuem para uma Fraternidade Universal. Ou podemos escolher por nós próprios ou no nosso próprio grupo limitado, a partir de mais motivos pessoais. Cada escolha evoca em características correspondentes consequências. Agora, procederemos à “consciência” e à “acção não-violenta”. Num mundo cheio de violência, podemos nós seguir a nossa consciência e agir sem ferir o todo? E podemos cortar a espiral e erguer as estruturas para uma paz duradoura e cooperação?

O desenvolvimento da nossa consciência

Na nossa presente fase de crescimento como seres humanos, desenvolvemos o pensamento. Temos a capacidade da autoconsciência. Podemos fazer escolhas conscientes e ter discernimento. No nosso caminho como eternos aprendizes, almas reencarnantes, temos tido já incontáveis experiências e aprendido lições dos conflitos que existem perto de nós. Os conflitos nos quais nós somos o instigador ou a vítima ou talvez o mediador entre as partes em conflito. Por meio da experiência, aprendemos passo a passo que podemos crescer acima de um conflito. E que um conflito vem sempre de dentro, nunca de fora. E que a solução deve vir também de dentro. Todas estas lições éticas estão colecionadas na nossa consciência. A nossa consciência é o repositório de todas as nossas lições espirituais de vidas passadas. As lições espirituais que excedem de longe os nossos instintos. As lições que nós desenvolvemos por meio do nosso pensamento e que dão testemunho da racionalidade, da lógica, e do amor pela paz, pela justiça e pelo altruísmo humano. Estas qualidades estão por nós guardadas nos nossos nobres ideais da dignidade humana. Há também aquelas lições espirituais, nas quais nós aprendemos que roubar é de facto roubar-nos a nós próprios, que prejudicar alguém é também prejudicar toda a gente. As lições de ódio só nos trazem mais ódio. Há lições nas quais nós aprendemos, às vezes por meio de desgosto e sofrimento, que não estamos separados, que aquilo que afecta um afecta também o outro. Em todas as tradições da Antiga Sabedoria encontrará esta lição de vida na Regra de Ouro: faz aos outros aquilo que gostarias que te fizessem a ti. Por consequência, faz aquelas coisas que evocam em ti e no outro o mais nobre, segundo o nosso mais elevado padrão moral.

O uso da nossa consciência

Todas as lições espirituais, que nós acumulámos como pensadores, podem ser aplicadas às nossas correntes

acções diárias. Fazemos isto estabelecendo activamente contacto com o nosso Eu Superior, no qual a nossa consciência está “armazenada”. Nós desenvolvemos mais a nossa capacidade para a compreensão ou intuição, podemos conectar as maiores perspectivas e ver as conexões entre todas as expressões da vida.⁽³⁾ Se consideramos o ser humano na sua composição tripartida, corpo, alma e espírito, então podemos ver a consciência como um “elo” entre a alma e o espírito. Ou por outras palavras: como um “aspecto” da nossa mente mais elevada, a nossa parte aprendizagem, cujas lições ficam na nossa consciência para sempre.



O lugar da nossa consciência como parte do nosso Eu Superior.⁽⁴⁾

Vivendo os nossos aspectos mais elevados, torna-nos menos vulneráveis a estímulos externos, tais com imagens nos “media” ou em todas as situações e conversações. As reacções instintivas são muitas vezes invocadas, tais como o medo, o ódio ou vingança, que de facto deixámos para trás. Porque nós não somos apenas seres humanos pessoais, mas na essência muito mais. Se nós não seguimos o aviso interior do nosso Eu Superior, mas continuamos a reagir na base dos nossos instintos, então a lei cíclica da reencarnação e do karma trar-nos-ão uma vez e outra vez a situações de conflito. Isto continuará até crescermos para além disso.

Com o conhecimento de que tudo está potencialmente dentro de nós, podemos escolher manejar as coisas de uma forma mais nobre usando a nossa imaginação, entre outras coisas. Podemos desenvolver visões ideais e tentar realizá-las.

Vivendo a partir da nossa consciência e desenvolvendo a confiança no nosso Eu Superior, iniciamos actualmente duas importantes coisas. Primeiro, aprendemos a controlar o nosso lado instintivo mais baixo cada vez mais e já não ficamos mais perturbados por isso. Em segundo lugar, ao mesmo tempo, num processo de internalização, come-

çamos a procurar soluções sustentáveis dentro de nós próprios. A nossa consciência é o laço entre o nosso Eu Superior e quanto mais aprendemos a viver conscienciosamente dentro dele, tanto mais abrimos o caminho para a harmonia.

Quando isto é inspirado acima de tudo pelas nossas lições anteriores sobre altruísmo, procuramos aquelas soluções que estão satisfazendo e durando para todos. Assim para os amigos e também para os inimigos. Então traçamos não apenas a partir da nossa “consciência”, mas através da consciência trazemo-nos em contacto com a nossa divindade interior, o aspecto dentro de nós por meio do qual experienciamos a unidade da vida. Neste caminho recebemos aquelas intuições e perspectivas universais, através do qual sempre fazemos o que é certo (ou abtemo-nos de fazer errado) em cada situação. Então nós *sabemos*. Estamos profundamente convencidos que estas acções são boas para todos. Compreendemos as causas do conflito e sabemos como fazer o que é certo para uma Paz duradoura. Associamo-nos aos verdadeiros pacifistas que a humanidade tem produzido, formando com eles uma esfera protectora através do qual os sentimentos instintivos não podem fluir mais.

Isto pode soar como um idealismo expendido. Cada ser humano é ainda capaz de pô-lo em prática numa maior ou menor extensão, para agir conscienciosamente.

Como equilibrar dever e consciência?

Se a nossa consciência é o agregado das lições éticas de vidas anteriores, ela é portanto diferente de pessoa para pessoa, porque todos nós temos a nossa própria via de desenvolvimento. Assim, a qualidade e a extensão diferem para cada pessoa. À medida que aprendemos a viver mais conscienciosamente a partir dos nossos mais elevados padrões, também abrimos cada vez mais a nossa intuição que ocasiona o fluxo do conhecimento directo e da inspiração dentro de nós. A nossa consciência é um laço na nossa mente que sempre podemos usar.

Mas o que é que a nossa consciência nos diz quando somos chamados a defender a nossa mãe-pátria sob o regime do nosso país? Justifica-se então a violência? Podemos apelar a obedecer ao comando da mais alta autoridade?

Nos escritos budistas é afirmado que uma pessoa, seja qual for a sua posição, é sempre moralmente responsável. “As ordens de cima, mesmo as ordens do próprio rei, não podem ser invocadas em nossa defesa se aquilo que fizemos é moralmente errado.”⁽⁵⁾ Não há nenhuma

razão para não fazermos julgamentos morais.

Gottfried de Purucker, no seu artigo *Três coisas para recordar*⁽⁶⁾, é claro como o cristal acerca do nosso mais elevado dever moral para agir conforme à Fraternidade Universal. E no seu artigo *O Dever e o Equilíbrio moral*, ele escreve que nós devíamos sempre cumprir o nosso dever ou dharma no mundo o melhor que somos capazes. Ele enfatiza que isso é o nosso próprio dever e que descreve um círculo que cresce cada vez mais. E que trabalha sempre interior e exteriormente. “Faça o dever que está primeiro à mão. Então os outros encontrarão os seus próprios lugares. Portanto, um homem que é fiel para si próprio será fiel para a sua família, será fiel para o seu país; e com a visão alargada que esta regra traz, ele será fiel para toda a humanidade.”

O dever que está mais directamente em frente de nós depende de circunstâncias kármicas, nas quais nós nos encontramos. Há uma “hierarquia” de deveres, radicada na unidade. “O segredo é cumprir o seu próprio dever em qualquer lugar e qualquer tempo onde estejamos. Você tem um dever para você próprio, para com a sua alma. O primeiro dever de tudo o que um homem tem, é pensar direito, pensar de forma pura, viver rectamente, nunca ferir um irmão. Depois vem o dever para com a sua família, depois o dever para com o seu país; e para certos raros vem o dever para com os deuses, ou semideuses. Tudo isto está, porém, incluído na única declaração do dever universal de um homem para com a humanidade, que inclui todo.”⁽⁷⁾

A chave para o equilíbrio entre dever e consciência é a combinação de viver de acordo com a nossa mais elevada moralidade interior (a partir da nossa consciência) e cumprir todos os seus deveres no círculo no qual nós nos encontramos, sabendo que este círculo está sempre a crescer. Deixemos a Fraternidade Universal ser a nota-chave!

Na caixa estão dois exemplos que mostram que o facto de cada um tomar a sua própria responsabilidade de acordo com a consciência de cada um dentro de uma situação afluente de serviço militar obrigatório, pode ter uma consequência enormemente positiva para todo o mundo.

Graus de responsabilidades

Cada indivíduo tem a responsabilidade que é apropriada em extensão ao seu grau de desenvolvimento. Assim também o grau de desenvolvimento da consciência. A acção da consciência é de diferente alcance de uma pessoa média para um Buddha. A sua responsabilidade

Oficiais russos conscienciosos evitam o lançamento de armas nucleares.

Há dois exemplos históricos de oficiais russos que, usando a sua consciência, evitaram ser usadas armas nucleares.

Na Guerra Fria, durante a crise de Cuba de 1962, foi Vasili Archipov quem, sob enorme pressão, manteve a calma num submarino a partir do qual o contacto com o mundo exterior tinha sido quebrado. Ele impediu que fossem lançados um ou mais torpedos nucleares.⁽⁸⁾

Outro oficial, Stanislav Petrov, era o comandante em 1983 quando o sistema de alarme indicava que os Estados Unidos tinham lançado cinco mísseis intercontinentais contra a União Soviética. Ele acreditou que o aviso era um falso alarme e não informou os seus superiores. Mais tarde verificou-se que tinha sido uma avaria no sistema.⁽⁹⁾

Estes oficiais pensaram por eles próprios durante um momento de crise e estavam conscientes das elevadas consequências que ocorreriam se eles tivessem aderido estritamente aos procedimentos prescritos. Estes exemplos mostram que, quando uma pessoa segue a sua consciência, há um enorme efeito positivo em todo o mundo.

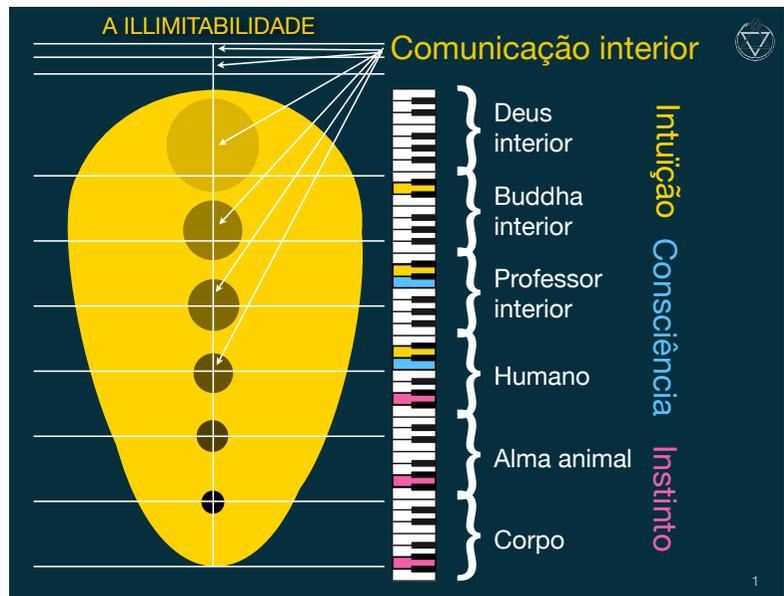
também é relacionada com a situação kármica em que está. Se é um chefe de família, tem a responsabilidade da sua família. Se é um ministro da saúde, então tem diferentes responsabilidades, por aí fora. No entanto, cada um é capaz de agir com o melhor da sua capacidade, segundo o padrão moral mais elevado que ele desenvolveu na sua própria consciência.

A maneira como nós podemos fazer é olhar para dentro de nós e observar o nosso pensamento. Se nós próprios treinarmos nesta observação podemos desenvolver discernimento acerca das diferentes qualidades dos nossos pensamentos. Isto é também uma base de não-violência.

Não-violência

Muito tem sido escrito acerca da não-violência. A maior parte trata da resistência não-violenta, acção não-violenta ou comunicação não-violenta. Muitas análises têm sido feitas acerca das declarações e acções de pessoas como Gandhi e Martin Luther King Jr, de que “métodos” derivaram. Neste artigo, explicaremos as

A chamada às armas traz muitos pensamentos a Igor. Ele quer servir o seu país, mas evita a violência física. Ele lembra-se da lição da escola sobre Gandhi e da sua doutrina da não-violência e pensa como pode pôr isso em prática. Ele escava na sua memória: “Quais eram os princípios de Gandhi novamente?” Isto levanta questões tais como: “O que é que há sobre a atitude moral da mente que é necessária?” e “Será que eu tenho este poder moral dentro de mim?” Por enquanto, ele sente-se compelido pelo seu dever para com a pátria...



perspectivas teosóficas da não-violência. A vida de Gandhi é um bonita ilustração prática a este respeito. Helena P. Blavatsky, em *A Voz do Silêncio*, indicou um número de pensamentos essenciais para uma vida não-violenta. Em resumo, é acerca do nosso desenvolvimento espiritual como seres humanos. Praticando as sete “perfeições” dos “Pāramitās”⁽¹⁰⁾ desenvolveremos completamente em harmonia com a natureza universal. Eles não podem ser separados uns dos outros, mas nós apontamos para os Dois Caminhos em particular. Quando nós seguimos o “Caminho da Compaixão”, nós estamos numa fonte de alimento espiritual para o mundo, um contínuo fluxo de compaixão que eleva a humanidade. Esta é a chave esotérica da não-violência. Empenhando-se no crescimento de todos, sendo um com todos, todos os nossos pensamentos e acções irradiam-se com compaixão. Quando nós estamos numa situação desarmonica, amenizamos o sofrimento dos que estão envolvidos e ajudamos a aprender a viver mais harmoniosamente e a construir um futuro melhor em cooperação. Um importante aspecto da compaixão é o que não significa que tenhamos de aceitar tudo o que nos acontece. Não, ao contrário. Agindo com compaixão também significa que algumas vezes devemos oferecer um contrapeso, ou resistência: a resistência não-violenta. A resistência não-violenta, de um ponto de vista teosófico, é ajudar a resolver uma nova mentalidade.

Ressonante e inspirador

Na Teosofia, partimos da consciência como força condutora que actua atrás de toda a vida. O ser humano é um

centro de consciência num largo todo (num espectro do divino até ao físico). Na consciência humana reconhecemos diferentes aspectos de actividade mental. Podemos reconhecer e abordar estes em nós e nos outros. O diagrama dá uma ideia de como nós podemos comunicar uns com os outros a partir de diferentes aspectos, tal como diferentes qualidades.⁽¹¹⁾

Quando olhamos para a nossa comunicação interior, entre os diferentes centros de consciência na nossa constituição, emerge um quadro de ressonância entre os aspectos daqueles centros. Por exemplo, entre as nossas funções instintivas (rosa) ou entre a nossa consciência humana e o nosso professor interior (azul).

Como seres humanos, nós funcionamos como transmissores e receptores de pensamentos. A metáfora do teclado pode também ajudar-nos a construir um quadro de como nos influenciamos uns aos outros, consciente ou inconscientemente. Podemos olhar os diferentes aspectos do pensamento com as suas qualidades em diferentes tonalidades. Aquelas tonalidades causam ressonância nos mesmos tons noutra pessoa. Se nós continuamos a focar-nos nos mais nobres aspectos da consciência e intuição, estimularemos a outra pessoa a fazer o mesmo.

Se completarmos aquela imagem com a acima mencionada teia na qual todos somos nós, podemos facilmente ver que a nossa orientação mental influencia a qualidade de toda a teia da vida. Em conjunto, nós determinamos a qualidade da esfera de pensamentos da terra e todos temos uma responsabilidade individual nisto. E com o pensamento da nossa mente podemos activamente promover a qualidade para o bem da humanidade.

Resistência não-violenta

Temos esboçado como, a partir dos conhecimentos teosóficos, não-violência e compaixão são praticamente sinónimos. Aqui estão alguns aspectos práticos da resistência não-violenta.

A acção não-violenta pode ser dividida em várias categorias.⁽¹²⁾ Por exemplo, o protesto e a persuasão não-violentos que desenvolvem pensamentos alternativos e soluções. Outra opção é a não-cooperação com políticas injustas. Finalmente pode ser escolhida a intervenção não-violenta tal como sit-in ou boicote.

É importante que a resistência não-violenta seja vista como um processo dinâmico, vigiando continuamente a situação e escolhendo acções apropriadas. Uma abordagem a Gandhi ilustra isto muito bem. Ele não tinha um plano compreensivo de acção, mas decidiu acções baseadas em princípios que repousam na mais alta dignidade humana. Estes sempre ele abordou. Gandhi jejuava e meditava regularmente para deixar falar a voz da sua consciência e da sua intuição. Por meio deste diálogo interior ele recebeu sempre inspiração para o degrau seguinte.⁽¹³⁾

Meios sagrados conduzem a fins sagrados

Dois conceitos são centrais no pensamento de Gandhi: Satyagraha (adesão firme à Verdade) e Ahimsa (não-violência). Segundo Gandhi, os fins e os meios devem ser igualmente puros. O fim cresce a partir dos meios; isto é tão lógico como a árvore cresce a partir da semente. “Quando o satyagrahi enfrenta oposição ou ataca uma situação maligna, a sua própria condição interior é mais importante do que as condições externas. Quando ele está armado com uma adequada forte moral, ele torna-se invencível. Satyagraha é essencialmente um assunto de qualidade mais do que quantidade.”⁽¹⁴⁾

A resistência não-violenta oferece a possibilidade de responder de muitas maneiras, sem o uso da violência. Os efeitos disto podem ser vistos em diferentes níveis. Ele desce sempre para se aproximar do outro a partir dos seus mais elevados valores morais. Fazendo assim, podemos inspirar o comportamento moral, proteger os valores humanos e curar o sofrimento (partilhado).

O poder da resistência não-violenta

Gandhi disse da sua resistência não-violenta, em benefício de todos, é a arma mais poderosa.

Tem havido também investigação acerca disto, por exemplo por Erika Chenoweth, uma socióloga quem

Igor vê as consequências da guerra à sua volta e suspira. Por um lado, ele não pode deixar a violência chegar passivamente perto de si. Com todas as consequências para o seu país e família. Por outro lado, ele pensa que reagindo violentamente só alimenta mais violência e sofrimento. Uma espiral que apenas conduz ambos os partidos em guerra para uma miséria mais profunda... Apesar do seu desencorajamento, ele começa a pensar outra vez. Deve haver um caminho para quebrar o círculo vicioso da violência...

inicialmente pensou que o “Método Mandela” era ingénuo. No mundo real, ela acreditava que o poder está na ponta da espingarda. E, para o provar, ela construiu um enorme banco de dados com todos os movimentos de resistência desde 1900. “Então comecei a aplicar a Matemática”, escreveu ela. “Fiquei chocada. Mais de 50% das campanhas de paz foram bem sucedidas, comparando com os 26% das violentas. E porquê? A principal razão é porque mais pessoas participam na resistência pacífica. Em média, mais do que onze vezes mais, para ser precisa. E não estou falando sobre rapazes com um pouco mais de testosterona, mas também de mulheres e de crianças, de pessoas mais velhas com incapacidades. Uma vez mais, bons triunfos sobre o mal por uma larga margem.”⁽¹⁵⁾

Esta investigação ilustra duas coisas. Primeiro, que muitas pessoas preferem seguir a sua consciência e a resistência não-violenta em vez da retaliação. Segundo, que a resistência não-violenta pode ter um efeito de contágio, um apoio crescente. Isto é exactamente aquilo que mencionámos antes no artigo respeitante à ressonância. Neste caso, a ressonância e os aspectos nobres das pessoas. Na secção seguinte, ilustraremos como, em conjunto, damos forma à consciência do mundo.

As três caixas das páginas 123 e 124 ilustram como damos forma colectiva à “consciência mundial”. Estes pensamentos sobre a nossa consciência colectiva são uma promissor acorde final neste artigo sobre o poder de a nossa consciência e a não-violência. Com um sentido de interconectividade e motivos altruístas, podemos sempre usá-los como armas, armas de força moral.

Igor trouxe a sua família em segurança e foi colocado como soldado na sua cidade ocupada. Vê com horror a violência ao seu redor. Ele sente o espírito de luta e de retaliação, mas também o desespero e a pena. Ele pensa outra vez nas lições da não-violência. O professor encoraja os alunos a pensar sobre isto. Ele começa a pensar outra vez sobre os princípios de acção não-violenta e se pode aplicá-los nesta terrível situação. Ele olha para os soldados do inimigo em frente. Ele vê que eles, tal como ele, estão cumprindo os seus “deveres para com a pátria” e de repente ele sente uma enorme afinidade para com os rapazes “do outro lado”. Ele toma uma decisão corajosa e por causa disso vê que o hospital de campo se transformou num abrigo seguro e neutro onde os feridos de ambos os lados são tratados de forma igual. Nesta situação muito difícil Igor ainda seguiu a sua consciência. Os outros podem fazer o mesmo, embora possam chegar a uma via de acção diferente da de Igor. Por exemplo, podemos imaginar uma pessoa que não luta contra o ocupante, mas que não coopera de forma nenhuma com a sua administração. Obviamente, algo como isso apenas funcionará se a maioria da população o apoiar. Outra pessoa que segue a sua consciência pode fugir do seu país e tentar desenvolver iniciativas de paz no estrangeiro. Ainda outro pode recusar a agarrar em armas e talvez sujeitar-se a ser preso que lhe acontecerá tendo a paz em mente. Como dissemos, a consciência é a sabedoria espiritual acumulada de uma pessoa. E as pessoas diferem no seu desenvolvimento.

Quais foram as fontes de inspiração dos pacificadores?

Onde é que foram buscar a sua inspiração os grandes exemplos de trabalho para a paz e de não-violência? E como é que podemos aprender com eles?

A história tem produzido muitos pacifistas, todos os que trazem a mesma mensagem de paz duradoura, justiça e harmonia conseguível para todos. Pense nos grandes sábios como Gautama o Buddha, Jesus, Krishna e Maomé. Mas também grandes filósofos como Platão e Pitágoras.

O estudo das suas mensagens comuns e estabelecer contacto com o seu Eu Superior. Investiguemos e verifiquemos os ensinamentos universais que eles trouxeram nas suas mensagens. Examine a filosofia na qual pessoas como Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Mandela, Desmond Tutu, Malala e muitos outros basearam as suas acções não-violentas. Todos os mestres do mundo falam da doutrina da não-violência. O Buddha falou disso no *Pratimoksha Sutra*, Jesus no *Sermão da Montanha*. A Regra de Ouro tornou-se mesmo uma expressão vulgar: “Trata os outros como gostarias que te tratassem a ti”. Também não temos que olhar para muito longe que a Teosofia tem sido uma rica fonte de inspiração para os pacifistas desde 1875.

Tolstoi, por exemplo, que trabalhou duramente na Rússia para renovar a educação e instituir a moralidade da paz, igualdade e justiça. H.P. Blavatsky viu nele um verdadeiro teósofo que praticava o que pregava. Tolstoi tinha uma forte conexão com o pensamento oriental e também usava fontes teosóficas no seu trabalho. Ele recebeu pessoalmente de Blavatsky uma cópia de *A Voz do Silêncio*, parte da qual foi traduzida para russo. Blavatsky traduziu alguns dos trabalhos de Tolstoi em Inglês e escreveu comentários sobre eles em *Lúcifer*. Quando Gandhi estava em Inglaterra a estudar direito, ele entrou em contacto com teósofos, com os quais estudou *A Voz do Silêncio* e o *Bhagavad-Gītā*. Isto trouxe à vida a letra morta até então da sua própria religião. Nos seus primeiros anos na África do Sul, ele teve uma troca de cartas com Tolstoi, no último ano da sua vida. Eles reconheceram-se um ao outro com um espírito afável. O trabalho e as cartas de Tolstoi inspiraram fortemente Gandhi. A correspondência entre Tolstoi e Gandhi tratava da estruturação de uma sociedade justa e sobre o caminho para a alcançar através da resistência não-violenta.

Gandhi, por sua vez, tem sido uma inspiração para muitos, incluindo bem conhecidas pessoas como Martin Luther King e Nelson Mandela.

A consciência do mundo

Discutimos a teia de vida de que fazemos parte, e que somos nós de consciência com um espectro de qualidades através do qual todos alimentamos a esfera do pensamento da Terra. A nossa consciência individual interage com a "consciência do mundo", que colectivamente nos ajuda a reduzir a tendência para acções violentas.

Nas palavras de Gottfried De Purucker "... tão perfeitamente bons são estes métodos de civilização reconhecidos como superiores aos da selvajaria e barbarismo, que os modernos governos, pela voz dos seus representantes em todas as nações na terra lutam com força e principalmente para declarar a um mundo incrédulo a sua pureza de intenções e o seu horror ao regresso aos últimos e finais recursos, à arbitrariedade sangrenta da guerra. O que é que isto significa? Quer dizer que os caminhos para a paz são universalmente conhecidos como bons e adequados; nenhuma nação hoje ousa abertamente confessar que voltaremos à guerra por fins egoístas e por avaréza. A consciência do mundo é uma coisa muito real; nenhum homem ousa zombar disto com impunemente; mesmo quando o ar está cheio do clamor do conflito, alteando acima disso tudo soam as vozes daqueles que proclamam "desperdício perverso de guerra"... "O nosso Trabalho Teosófico para a Paz (...) é extremamente efectivo porque ele atinge a verdadeira raiz do mal: o coração e a mente humanas; e na proporção da luz que portanto entra na alma, o coração é regenerado, fortalecido, purificado da expressa escória de egoísmo e de ganancia (...)"⁽¹⁶⁾

A consciência do mundo na perseguição aos judeus

A investigação de Esther Struikmans mostra que havia grandes diferenças entre os países europeus durante a Segunda Guerra Mundial em termos de colaboração com as forças de ocupação e a perseguição aos judeus.⁽¹⁷⁾ Na Albânia, na Bulgária e na Dinamarca, todos os judeus sobreviveram à guerra por causa de uma atitude humanitária da população e em alguns casos de instituições.

"Em todos estes três países não havia nenhuma tradição de estrita obediência às autoridades; se necessário, as pessoas punham a sua própria consciência e humanidade acima das ordens oficiais. Por exemplo, recusando entregar listas de nomes ou cooperar em deportações, especialmente fora do próprio território de cada um.

Na Dinamarca, os cidadãos e o governo, em conjunto, numa larga operação de resgate, trouxeram os judeus em segurança para a Suécia. Subsequentemente, eles respeitaram e protegeram os seus bens, permitindo aos judeus refazer as suas vidas após a guerra. Na Albânia e na Bulgária, os judeus residentes e refugiados foram protegidos como parte da sua "própria" população.

Em todos estes três países, "a recusa em combater uns contra os outros enquanto população revelou-se crucial: eles cerraram fileiras e formaram um todo de cidadãos judeus e não judeus" (...) "Quais foram os factores determinantes que fizeram com que a população judia nestes três países acabasse tão bem? Uma mentalidade tolerante da população, combinada com um baixo nível de antissemitismo. Certamente ajudado em particular através da ligação entre acções concretas e protestos."

Belos exemplos de Fraternidade Universal. E de colocar a consciência do mundo em prática.

Referências

1. Gottfried de Purucker, *Occult Glossary*, Rider Co., 1933, 1st ed., p. 89, verbete “Karman”.
2. Erwin Bomas, “Het beheersen van gedachten. Gedachte > handling > gewoonte > karakter > reïncarnatie” [“O controlo dos pensamentos; Pensamento > acção > hábito > carácter > reencarnação”]. Artigo em: *Lucifer* (holandês), Vol. 42, No. 3, Junho 2020, p. 78-86.
3. Gottfried de Purucker, “Conscience and Intuition” [“Consciência e Intuição”]. Em: *Studies in Occult Philosophy* (1st ed. 1945), p. 212-214. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/>
4. Jenny van der Tak, “De Leider in jezelf” [“O Líder em si mesmo”]. Artigo em: *Lucifer* (holandês), Vol. 42, No. 5, Outubro 2019, p. 146-152.
5. Citado por C.G. Weeramant, “Judges as peace inspirers” [“Os juizes como inspiradores da paz”]. Artigo em: *Lucifer* (holandês), Vol. 21, No. 5, Outubro, 1999, p. 40-50.
6. Gottfried de Purucker, “Three things to remember” [“Três coisas a recordar”]. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XVII, No. 5, Novembro 1940, p. 305. Ver também: p. 87 desta edição.
7. Gottfried de Purucker, “Duty and the moral balance” [“O dever e o equilíbrio moral”]. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XIX, No. 2, August 1941, p. 81-83.
8. Fonte: https://nl.wikipedia.org/wiki/Vasili_Aleksandrovitsj_Archipov.
9. Fonte: https://nl.wikipedia.org/wiki/Stanislav_Petrov.
10. Sobre as Pāramitās: ver Simpósio 2021 - Ajude a construir a mentalidade do futuro, *Lúcifer* 2022-1. <https://blavatskyhouse.org/magazine/magazines-in-other-languages/>
11. Erwin Bomas, “Een spirituele kijk op communicatie. Van stress naar Zen” [“Uma visão espiritual sobre a comunicação. Do stress ao Zen”]. Artigo em: *Lucifer* (holandês), No. 4, Augusto 2020, p. 116-125.
12. A Instituição Albert Einstein tem uma quantidade de informação acerca da acção não-violenta. www.aeinstein.org/nonviolentaction/.
13. Neste website pode ser encontrada uma quantidade de informação da vida e filosofia de Gandhi www.mkgandhi.org/articlescasesstudies.htm.
14. Gene Sharp, “Gandhi wields the weapon of moral power” [“Gandhi empunha a arma do poder moral”]. *Navajivan Publishing House*, Ahmedabad, India 1960, Cap. 1.
15. Rutger Bregman, “Dit is het beste medicijn tegen haat, racisme en vooroordelen” [“Este é o melhor remédio contra o ódio, o racismo e os preconceitos”]. Artigo em: *De Correspondent*, 22 maio 2018. <https://decorrespondent.nl/8281/dit-is-het-beste-medicijn-tegen-haat-racisme-en-vooroordelen/339183988143-ae81fe8b>. Ver também: E. Chenoweth, “The Art and Science of Civil Resistance. [A Arte e a Ciência da Resistência Civil]”. *Thammasat Review*, 2015, Vol. 18, No. 1, p. 1-10. <https://www.prio.org/publications/9047>.
16. Gottfried de Purucker, “Peace or War – and The Secret Doctrine” [“Paz ou Guerra – e A Doutrina Secreta”]. Em: *The Theosophical Path*, 1923, No. 5, p. 419-429.
17. Esther Struikmans, “Leer écht van de geschiedenis: laat je niet uit elkaar spelen”. [“Aprende realmente as tuas lições de história: não te deixes dividir um contra o outro”]. Artigo em jornal holandês *Trouw*, 4 de maio 2022: <https://www.trouw.nl/opinie/leer-echt-van-de-geschiedenis-laat-je-niet-uit-elkaar-spelen-b6b2ce46/>.

O dever e o equilíbrio moral

**Qual é o nosso dever à luz da nossa consciência?
Eis um pensamento muito valioso de Gottfried de Purucker.**

É apenas o conhecimento do abençoado karman com as suas medidas infinitamente justas de harmonia que salva o homem de mente e coração de ser totalmente desencorajado. É esta chave, para o homem do mundo quando ele a compreende, que o leva a subir gradações suaves, para cima com uma visão em expansão; até que finalmente ele vê a realidade, tanto quanto a sua mente pode conter; e ele sabe que apesar de todo o seu sofrimento no mundo devido a uma necessidade kármica, fundamentalmente tudo está bem.

Que nenhum ser humano endureça o seu coração e pense que não precisa de se dar para ajudar os outros ou estender uma mão amiga ou dar um copo de água refrescante aos sedentos. Lembre-se da velha lei que H.P.B. nos ensinou: Não fazer nada num acto de piedade torna-se um acto de pecado para você. Entende porquê?

Pergunto-me quantos de nós esquecemos o nosso ensinamento fundamental da Fraternidade Universal? Palavras tão simples! Parecem tão banais, e no entanto contêm a doutrina dos Deuses. Elas contêm, estas palavras, FRATERNIDADE UNIVERSAL, a Lei e todos os Profetas. Lembre-se de que o conhecimento traz não só poder mas também responsabilidade. O que lhe não pode ser imputado será contado contra você quando conhecem a Lei. Esta é apenas uma das razões pelas quais os Mestres mantêm os ensinamentos superiores da Teosofia, as doutrinas ocultas, (uma das razões, pelo menos), tão estritamente secretas. Muito é desculpado por um homem que não sabe. Pouco é desculpado ao homem que sabe e que permanece inactivo. Nada é desculpado ao homem que sabe, que tem poder para agir, e que carece da vontade de agir. Ele é culpado de um crime contra a Natureza; e a única coisa que temos de observar, nós estudantes da nossa Sabedoria Antiga, é isto: nunca actuemos de forma a ofender um irmão ou a feri-lo. Não importa o quão certos pensamos estar. Não importa o quão errados estamos convencidos

de que o nosso irmão está. O seu dever, o meu dever, é cuidar do nosso próprio dharma. Esquecer o nosso próprio dharma ou dever, e presumir julgar um irmão e depois agir contra ele, ofendê-lo, está cheio de perigo. O dever, o dharma, de outro para você é perigoso. Por conseguinte, não critique.

Verdades tão simples, tão lógicas, tão claras, tão atractivas! A nossa terra seria um paraíso, se os seres humanos apenas as seguissem. E no entanto, hoje em dia, os homens elogiam-se a si próprios, e elogiam aqueles que ocupam altos cargos públicos, pelo mesmo mal: pensando que a luta, o castigo, o ódio, se tornam um dever moral. Mostre-me uma passagem dos Salvadores do mundo que endossa isto, uma única passagem. Não a encontrará. O segredo é cumprir o seu próprio dever em qualquer lugar e qualquer tempo onde estejamos. Você tem um dever para você próprio, para com a sua alma. O primeiro dever de tudo o que um homem tem, é pensar direito, pensar de forma pura, viver rectamente, nunca ferir um irmão. Depois vem o dever para com a sua família, depois o dever para com o seu país; e para certos raros vem o dever para com os deuses, ou semideuses. Tudo isto está, porém, incluído na única declaração do dever universal de um homem para com a humanidade, que inclui todo. E não importa se chamamos aos seres deste “raro grupo” Mahātmanas, ou super-Mahātmanas, Bodhisattvas ou Christos.

Não imagine por um momento que eu tenha proferido contradições, que alguma vez haverá uma luta entre o seu sentido de direito em relação a Y ou o seu sentido de direito em relação a X. Nunca haverá. Impossível! Se houver um conflito na sua mente, isso mostra que a sua mente ainda não está clara, que está agarrado a algo. Quando a sua mente é cristalina para a inspiração espiritual, não terá dúvidas. O dever será sempre claro perante você; e lhe digo agora que o dever nunca exige que se magoe outra pessoa. A dificuldade para nós Teosofistas é por vezes em momentos de aflição, quando nos esforçamos muito para saber o que é certo, para *saber* o que é certo. Isso vem do nosso crescimento espiritual e intelectual imperfeito; e tudo o que podemos fazer em tais momentos é dar o nosso melhor, mantendo os princípios das regras perante nós: nunca ferir outro; ser fiel à sua palavra, ser fiel ao seu compromisso. Seja honesto, seja puro em todas as coisas; seja recto e inofensivo; sábio como serpentes, o que significa

adeptos; inocente ou inofensivo como pombas. A pomba era em tempos antigos um símbolo do chela.

Um grande europeu, uma vez, quando lhe perguntaram o que pensava ser o mais importante num conflito de deveres, respondeu brevemente: Fazer o dever que está em primeiro lugar. Depois todos os outros encontrarão os seus devidos lugares. Assim, um homem que é fiel a si próprio será fiel à sua família; será fiel ao seu país; e com a visão ampliada que esta regra traz, ele será fiel a toda a humanidade.

— G. de P.

Gottfried de Purucker, “Duty and Moral Balance”. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XIX, No. 2, August 1941, p. 81-83.

Em: *Wind of the Spirit*, 1st edition, 1944, p. 202-203. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/>.

Cada humano UM PACIFICADOR



Pensamentos-chave

- » Cada pessoa pode realmente ajudar.
- » Partindo da Unidade Universal e da Fraternidade Universal, estamos todos conectados e aquilo que fazemos tem impacto para todos.
- » Realmente ajudar é contribuir para o desenvolvimento do todo.
- » E portanto apoiar outros a despertar neles as suas inerentes qualidades nobres.
- » O conhecimento das Leis da Natureza mostra-nos que podemos providenciar ajuda em três níveis, por meio da Inspiração, Protecção e Cura.
- » A educação para a paz é vital para o crescimento e desenvolvimento pacíficos.
- » Ajudar realmente pode tornar-se uma atitude na vida.

Realmente ajudar

Nos artigos precedentes, discutimos quais são as funções que os seres humanos têm nesta terra. Temos visto também quanta desarmonia e conflito pode ocorrer e que problemas isso pode ocasionar na sociedade e como nós, seres humanos, crescemos a resolver problemas em vez de os deitar fora. Neste artigo vamos ver como é que actualmente podemos ajudar em diferentes situações, incluindo em situações de guerra e conflito. Ao fazer assim, também abordaremos as pedras de toque que podemos usar quando damos apoio em ordem a ajudar realmente.

Um círculo infinito de ajuda

Em primeiro lugar, a maior parte das pessoas sente instintivamente a necessidade de fazer o que é recto e contribuir quando as outras pessoas estão em face de problemas. Ajudar os outros é uma expressão da nossa inerente compaixão. Cada dia podemos ver exemplos disto na nossa família, vizinhança onde vivemos, e na sociedade como um todo. Podemos também achar isto num dos significados etimológicos da palavra ajudar, que significa “um círculo de companheiros aldeões”.⁽¹⁾ Podemos ver isto de tal maneira que as pessoas não ficam sós em face dos seus problemas, mas que esses problemas são resolvidos em harmonia uns com os outros. Também achamos este princípio na filosofia de vida do Ubuntu em África. “Eu sou porque nós somos” ou, por outras palavras: o individual existe graças ao todo. Esta é uma das conclusões éticas de longo alcance desta filosofia. Por meio do

qual isto é também usado como um princípio guia para construir uma sociedade harmoniosa. Na hipótese de um problema ou de um conflito, é também criado literalmente um círculo dentro da sociedade Ubuntu onde cada membro da aldeia é convidado a dar uma contribuição. O princípio básico aqui é que nenhuma decisão é tomada até que o consenso tenham sido alcançados para a solução do problema. Esta filosofia Ubuntu não está isolada, mas está fundamentada num inspirador ponto de partida em muitos lugares do mundo. Para mais, partindo da Unidade e da Fraternidade Universal, nós estamos todos conectados uns com os outros, e aquilo que fazemos afecta todos.

O conflito é uma pressão diferente

Nos primeiros artigos pode ser lido como é que um conflito se acumula na esfera mental da terra. Ao fazer

assim, pode afirmar-se que o conflito é uma diferença de pressão, resultando numa elevada carga de fricção entre pessoas ou grupos de pessoas que escolheram a confrontação como forma de solução. E já vimos no artigo *Nenhuma paz sem visão* que isto é uma maneira velha de resolver problemas. Na verdade, uma diferença de pressão é um facto natural, porque nenhuma de duas pessoas são exactamente iguais. Em resultado disso, flui uma corrente de pensamentos, por assim dizer, da consciência de um dos grupos para a consciência dos outros. Isto providencia uma oportunidade para o crescimento. Não será que aprendemos uns com os outros por meio de diferenças de pressão, pense por exemplo nos seus pais, nos seus educadores, etc.? E este princípio está também reflectido na relação entre estudantes e professor. Por outras palavras, o que é que em nós nos torna agradecidos por ter aprendido alguma coisa uns com os outros numa diferença de pressão, e lutar uns com os outros noutra diferença de pressão? Aqui podemos dizer que quando a diferença de pressão é interpretada de uma forma egoísta, ocorre o conflito. Então uma pessoa fica no lado oposto e não ao lado do outro. Daí chega a imagem de um inimigo e de uma vítima e, nesta altura, a imagem parece tornar-se real. O resultado é tentar-se que a diferença de pressão seja resolvida com luta em vez de consulta e respeito pelo outro. Em recuperação, o princípio do aluno e do professor pode ser aplicado; dir-lhe-emos mais acerca disto mais tarde.

Várias formas de ajuda

Quando há um problema ou um conflito todas as espécies de ajuda são oferecidas. Num nível prático, é dado dinheiro, alimentação e roupas são recolhidos e há várias iniciativas para acomodar os refugiados. Em aditamento, são feitos esforços a um nível diplomático para atingir e resolução do conflito com o ponto de partida do cessar-fogo. Alguns países tentam trazer outros países para a sua esfera de influência ou um país procura filiação com outros países porque acredita que que isso fará com que encare mais fortemente a cara do suposto inimigo. Quando olhamos para isto, há todo um conjunto de ajuda física e mental que é oferecida. Alguns líderes de religiões apelam a um armistício e diálogo, mas não são oferecidas nenhuma ideias espirituais para atingir a paz. Vemos também que, quando a ajuda é dada, são abandonados os princípios que foram actualmente dados para prevenir ou conter o conflito armado. Tal como o de não vender armas aos países que estão envolvidos na luta. Isto

levanta a questão de como podemos ajudar “de verdade”, e como podemos verificar que tipo de ajuda é realmente de utilidade.

Ajuda a partir de um princípio espiritualístico

A partir da Teosofia, que é baseada no princípio espiritualístico, vemos que nós formamos uma unidade espiritual uns com os outros, uma grande teia da vida, na qual tudo está inextricavelmente conectado com tudo o mais e no qual, como lemos no artigo *Nenhuma paz sem visão*, todos nós vivemos e nos desenvolvemos em conjunto no planeta Terra. A partir desta ideia, assumimos que todos os seres vivos são divinos no seu interior, porque eles são originários do Princípio Onnipotente, Ilimitado e Infinito. Derivado desta vida ilimitada, a Fraternidade é um facto da natureza. A ideia que tiramos daqui é que todo o ser humano tem todas as capacidades (latentes) dentro dele e pode trazê-las para o desenvolvimento. A partir de ponto de vista espiritualista, a contribuição para *o desenvolvimento do todo* está verdadeiramente no âmago da verdadeira ajuda, na qual nós nos apoiamos uns aos outros a guiar aquelas divinas capacidades espirituais ilimitadas a partir do interior de nós.

Responderemos à questão da ajuda, que enumerámos acima, a partir da luz do princípio espiritualista. Ajudamos então, por exemplo, dando roupas e comida? Certamente, podemos ver que, como forma de primeira ajuda, isso é necessário e é dado a partir do sentimento de compaixão. Também ajudamos recebendo refugiados, porque desta maneira o desenvolvimento das pessoas que fugiram pode pelo menos continuar. A mediação do conflito, por outro lado, é também uma ajuda que nós apoiamos totalmente a partir de um ponto de vista teosófico, porque então o foco está mais no desenvolvimento e no respeito que na estagnação causada pelo conflito. O artigo seguinte será dedicado a este assunto. Agora, o que há acerca de vender armas? A partir do ponto de vista unitário, isto não é ajuda *real*. Armas criam mais armas, a inimizade cria mais inimizade, o arco torna-se cada vez mais tenso. Isto é o velho princípio “Olho por olho, dente por dente”, que todos nós conhecemos e que não conduz à paz.

E temos então a questão de como a ajuda trabalha ao impor sanções? Isso requer uma consideração cuidadosa; isso depende a quem as sanções são dirigidas. Em todo o caso, isso não funciona se afecta as pessoas que nada têm a ver com o caso, o que acontece com frequência. Para mais, as sanções têm muitas vezes um efeito de endurecimento, o que torna mais difícil começar uma conversação.

Construindo uma ponte a partir dos dois lados

Quando pensamos que a partir da Unidade todos os seres humanos são iguais no seu interior, ajudaremos a partir de uma visão total da vida. Quando oferecemos ajuda, o nosso ponto de partida é a igualdade de todas as pessoas, de modo a que ninguém, nenhuma nacionalidade ou raça está excluída. A ideia de que uma população é melhor do que a outra é, portanto, uma falsa ideia, que não deve ajudar ou contribuir para resolver um conflito. A Fraternidade quer dizer manter um respeito mútuo em todas as circunstâncias ou situações. Ajuda-se a procurar a interligação e tentar fazer os outros compreenderem que o que uma parte afecta, afecta a outra parte também, mas afecta igualmente o todo. Na verdade, “a outra parte” não existe. Não são apenas as partes beligerantes que estão envolvidas no conflito, mas toda a comunidade global está em turbulência. As partes envolvidas terão que compreender a perspectiva do outro em ordem a ficarem cada vez mais perto uns dos outros. A ponte está então construída, por assim dizer, a partir dos dois lados e também tem duas direcções e correm paralelamente. Portanto, há passagem livre para todas as partes. Uma troca de um lado para o outro e vice versa. Portanto, quando a ajuda é dada, uma particular parte pode não ser favorecida, porque se sabe que dando apenas a uma parte a outra fica em desvantagem. O ser humano exterior é ucraniano, russo, holandês ou inglês, mas o Ser Humano real não tem nacionalidade.

Ajudando com sabedoria

Vemos que o caminho no qual nós ajudamos os outros é muito importante em ordem a não causar mais problemas. Quando se ajuda realmente, deve ser feito de modo a ter em mente a totalidade. Tomemos em linha de conta o passado e deitemos o nosso olhar para o futuro. Isso requer sabedoria. Temos que pensar cuidadosamente sobre as soluções e sobre a ajuda que se oferece. Espiritualmente, tal como mental e fisicamente. Isso significa dar uma ajuda a partir de uma atitude de compaixão⁽²⁾ e que tentemos descobrir as verdadeiras causas do sofrimento e guiando os nossos companheiros homens para saber como é que estas causas podem ser removidas e reorganizada a situação. O conhecimento da Natureza é necessário para isto. Para este propósito, a Teosofia oferece uma perspectiva em três tipos de trabalho que têm sido apresentados pelos Professores da Loja de Sabedoria e Compaixão, tanto quanto pode ser lembrado, para ajudar a humanidade no



De 2016 a 2019, o *Centro Karuna para a Construção da Paz* no Ruanda criou muitas actividades para remediar de forma sustentável os traumas do Genocídio de 1994. Este programa chamava-se “Healing our Communities Program”.

seu desenvolvimento. Estes trabalhos consistem em: Inspirar a humanidade, Protegê-la de influências negativas e Curar.⁽³⁾ Explorá-las-emos para ver como se podem aplicar como directrizes quando damos uma ajuda real.

A tarefa de Inspiração

A primeira tarefa na ajuda real é a Inspiração. A Inspiração pode apenas ter lugar a partir de uma pessoa espiritualmente mais elevada para uma pessoa espiritualmente menos desenvolvida, pensemos num professor que inspira os seus alunos. Alguém que vive a partir da mentalidade da Unidade e da Fraternidade aproximará os outros a partir daquela mentalidade de Unidade e Fraternidade. O seu pensamento e acção acordarão a mesma consciência no outro. Ele iluminará, por assim dizer, a chama da interconectividade. A partir deste espírito universal de Fraternidade ajudamo-nos uns aos outros a apoiar o desenvolvimento de todas as capacidades latentes na nossa consciência. Incidentalmente pode também ser o caso de, em algumas situações, alguém que usualmente tem menos sabedoria do que outro pode inspirar esse outro, porque ele ou ela tem uma perspectiva mais clara nesse particular momento. Acontece também que, quando alguém vibra com a inspiração, isso pode funcionar de volta para aquele que inspirou. É o caso do músico que inspira a plateia, mas através do retorno do auditório ele voltou a estar inspirado. Assim, podemos fortalecer-nos uns aos outros na nossa consciência da Unidade. Em tempos difíceis como os da guerra é justamente a inspiração que é necessária e acerca da qual é importante

conservar vivo o espírito de fraternidade.⁽⁴⁾ Isto age como um alimento para a alma, dá esperança e confiança e ajuda a abrir o coração das pessoas para uma verdade maior. Katherine Tingley, na longa tradição do movimento de paz da Sociedade Teosófica, deu um grande impulso para este processo de inspiração no último século, como está reflectido nos artigos neste edição da Paz. Esta corrente de inspiração pode ser recebida por qualquer pessoa, permitindo portanto que o Impulso da Paz seja sempre activamente transmitido.

A inspiração está também expressa no modo como as pessoas tratam dos problemas e do exemplo que ela é para os outros. O Dalai Lama, por meio da sua implacável actividade pela paz à volta do mundo, é um exemplo vivo de como inspirar outros. Por exemplo, numa das suas cartas, ele escreve que, em todas as situações, mesmo as mais difíceis, tal como na situação entre a China e o Tibete, ele aproximava-se de cada pessoa como um velho amigo.⁽⁵⁾

Educação para a Paz

Mensageiro atrás Mensageiro, têm ensinado a paz ao homem em procura. A educação é de extrema importância, porque o conhecimento da natureza dá compreensão e paz. A educação para a paz é sempre feita a partir da inspiração e da harmonia, porque a harmonia nunca deve ser forçada. Cada pessoa deveria sempre ser capaz de fazer a sua escolha na base de um livre-arbítrio. Ao fazer assim, podemos sempre focar-nos na parte sábia do outro, na parte universal do outro individual e despertar a sua consciência. Afinal, é o seu conhecimento interior que constitui a melhor ajuda que pode dar às pessoas e habilitá-las a ajudarem-se elas próprias, que é o significado mais profundo da educação. Por meio da inspiração e da formulação de perguntas que encorajam o pensamento, ajudamos outra pessoa a pensar *autónoma e independentemente*. E ao fazer assim, apoiamos a liderança a partir do interior para o exterior que está latente nas pessoas.

Pense, por exemplo, nos bloqueamentos criados nos conflitos para confundir a mente espalhando notícias falsas. É importante olhar para as fontes verdadeiras que são independentes. Deveríamos actualmente encontrar os pensadores independentes neste conflito e apoiá-los. Com isso, as pessoas deviam continuar a sentir a sua independência e ser capazes de pensar por eles próprios quais são as melhores soluções em face da situação.

Vamos acima de tudo considerar que daremos a Educação para a Paz às crianças. As crianças, com alguma ajuda, reconhecerão facilmente que os conflitos são antinaturais e

desnecessários. Podemos ensinar-lhes que as diferenças nas pessoas não são uma razão para o conflito. Mas que o crescimento e o desenvolvimento podem ter lugar pacificamente, com respeito pelos outros e em cooperação com eles. Afinal de contas, as crianças são a verdadeira estrutura da sociedade do futuro.

A tarefa de Protecção

A segunda tarefa é a Protecção. A importância da protecção já foi discutida no artigo *Protecção contra o descontentamento, a divisão e o ódio*. À luz da protecção contra influências negativas é importante aprendermos a distinguir entre os impulsos da nossa natureza inferior e as influências que nos chegam da nossa consciência e intuições.⁽⁶⁾ Quando conseguimos conhecer estas duas vozes dentro de nós, desenvolvemos o discernimento, de modo a que possamos dirigir as nossas influências mais interiores e nobres mesmo no meio de períodos difíceis e turbulentos.

Aprendendo a conhecer as duas vozes dentro de nós próprios

A primeira voz, a da personalidade, é inquieta, urgente, focar-se-á mais nos problemas do que nas soluções e é mais concentrado em si próprio do que nos outros. Pense, por exemplo, neste caso de emoções próximas, opiniões e interesses egoístas. A nossa natureza inferior tem a tendência de prolongar o conflito e de agir destrutivamente. A outra voz é a voz da nossa consciência e intuições. Esta é a voz do coração e está conectada com a sabedoria interior, a coisa mais nobre que o ser humano desenvolveu dentro de si próprio.⁽⁷⁾ Esta voz tem a capacidade de supervisionar aparentemente problemas complexos de harmonia e de achar soluções sustentáveis. É a voz mais silenciosa que está dentro de nós e nos pede para irmos para o interior. No nosso âmago mais profundo, expressando-se ela própria num sussurro humano bondoso e profundo. Podemos reconhecer esta voz porque ela diz-nos quando não devemos fazer alguma coisa e também quando estamos tentando fazer alguma coisa de bom. Tal como ajudar verdadeiramente os outros. Esta voz é quente, confiante, e poderosa. A esta luz é necessário trabalhar dentro de nós a consciência e as intuições espirituais até ao máximo da nossa capacidade, de modo a que possamos distinguir a verdade da falsidade,⁽⁸⁾ que é tão necessária nas alturas de conflito. Por este meio ajudamos a proteger pessoas das influências da sua natureza inferior. Na verdade, quando as pessoas estão em contacto com a sua consciência, eles são

capazes de achar respostas dentro deles próprios. Se numa situação de conflito ambas as partes fossem ajudadas a ouvir as suas consciências e intuições a harmonia prevaleceria.

A tarefa de Cura

A Cura é a terceira função, que nós podemos aplicar para ajudar as pessoas. A cura é necessária quando a inspiração e a protecção não funcionaram suficientemente; muito necessariamente, portanto, durante e depois de situações de guerra. No trabalho de Cura a ajuda resume-se a libertar silenciosamente a enorme pressão que irrompe durante os conflitos. Não podemos tomar o karma de alguém neste processo, mas podemos ser compassivos e ajudar a aliviar o fardo do karma⁽⁹⁾, ajudando a amolecer o coração das pessoas e fortalecer o seu modo de pensar,⁽¹⁰⁾ de modo a que todas as pessoas possam aprender com isto e que este processo possa ser uma inspiração para o futuro.

Ajudando a curar, podemos ser conscientes que nós, humanos, somos os pensadores da Terra. Por consequência, outra tarefa importante é purificar a impureza mental e focarmo-nos nos mais elevados pensamentos inspirativos. Neste nível podemos trabalhar para formar uma esfera de cura de inspiração contínua de influência para todas as vidas. Nos níveis espirituais, não temos tempo nem espaço tal como os conhecemos aqui. Cada pensamento tem a sua

Exemplos inspiradores da tarefa de Cura incluem a abordagem de reconciliação no Ruanda, onde durante anos após o grande conflito, os jovens de ambos lados (frequentemente de famílias com pais de grupos étnicos em conflito) contactaram uns aos outros em ordem para estabelecer a harmonia e a paz. Juntos, reconstruíram a sua sociedade com base no respeito mútuo e confiança.

A Unicef trabalha com as crianças que ganham consciência sobre a unidade e sobre o que acontece quando outros são excluídos. A todas as crianças é dado um pau de uma certa cor. Às crianças excluídas do conflito é permitido dar um pau com uma cor diferente do das outras crianças que querem fazer a experiência, de modo a que eles possam experimentar o que é “ser diferente”. Isso ocasiona valiosas discussões entre as crianças, nas quais elas aprendem a falar umas com as outras acerca do que fazer quando alguém é excluído.⁽¹¹⁾

contribuição e nunca se perde. O seu pensamento tem impacto. Esta realização dará, portanto, a todos os nossos pensamentos e acções uma característica benéfica. Por consequência, a ajuda que damos terá a característica da bondade e da harmonia. Podemos ser sempre activos nesta esfera e em toda a parte, porque podemos sempre conservar a nota-chave da inspiração e da compaixão na estrutura do nosso pensamento.

Cura para uma harmonia permanente

Ajudando nos conflitos, sabemos que é necessário muito esforço sustentado para trabalhar em direcção à verdadeira paz depois de uma guerra. A paz só está conquistada quando está presente no coração das pessoas (ver também os últimos dois artigos desta edição). Com frequência os trabalhadores da paz estão ainda trabalhando durante décadas para ajudar grupos de pessoas a encontrar outra vez o seu lugar na sociedade, ajudá-los em processos traumáticos e trabalhar permanentemente em processos de paz. Eles concentram-se sempre a promover contacto directo entre as pessoas ou partes que estiveram previamente em conflito, com o propósito de eles reconhecerem outra vez *a parte humana* no outro. A cura é um auto-processo, podemos vê-la como uma reconstrução mental. Ao dar ajuda, os primeiras duas tarefas (inspiração e protecção), são outra vez importantes aqui. Ao oferecer uma atmosfera segura, na qual a inspiração e a educação têm tomado lugar em todos os aspectos onde é necessária, a cura pode ter lugar. Isso é feito com a intenção de que as pessoas envolvidas possam continuar as suas vidas de forma a que se capacitem para crescer, cooperar e viver em harmonia uns com os outros. Todo este trabalho de cura é como semear sementes de paz para futuras gerações e futuras encarnações.

Ajudando a partir da confiança

“Não vamos, portanto, olhar para a humanidade a partir do desespero”, diz Katherine Tingley, mas sim a partir da confiança imortal, com amor por toda a vida humana. O optimismo é um dos segredos dos nossos ensinamentos teosóficos. A alma está cheia de tesouros, está cheia de possibilidades, cheia de potenciais qualidades e o divino é cada ser humano.”⁽¹²⁾ Ela estava-se a referir à confiança que nós deveríamos ter para com o eu interior, o Eu Superior. E que, acima de tudo, quando damos ajuda, nunca devíamos desistir, mas ser pacientes, sabendo que as sementes devem primeiramente ser semeadas e que então precisam de tempo e atenção para germinar.

Portanto, dê ajuda sem expectativas de benefícios pessoais. Afinal de contas, pensamos em vidas, no infinito. As soluções residem, na realidade, naquilo que somos em essência, um ser divino, embora ainda em fase embrionária. Ainda assim, isso significa que as soluções devem ser procuradas neste luz. E isto pode estar no que os nossos Professores expressaram nas suas vidas e trabalho. Poderíamos dizer que a *compaixão* está liderando a este respeito. Por outras palavras, tratar os outros como “gostaria de ser tratado”, para que possamos ajudar cada outros como a humanidade a progredir em harmonia. Todas as pessoas irão tornar-se um Buddha um dia no futuro.⁽¹³⁾ Se aquele Buddha está ainda dormindo ou acordado não faz diferença no essencial. Na nossa capacidade para compreender, para imaginar como nos trataríamos uns aos outros agora se fôssemos um Buddha e o outro também, temos uma verdadeira chave. Portanto, dar às pessoas pensamentos nobres e espirituais, que eles podem reconhecer neles próprios⁽¹⁴⁾, para que as pessoas inspiradas possam ir para o seu coração espiritual, contribuimos para a paz e harmonia por toda a parte no mundo, como um infinito círculo de ajuda espiritual.

Ajudando realmente como uma atitude na vida

Em resumo, “ajudando realmente” é uma via activa e ajuizada de assumir responsabilidades.⁽¹⁵⁾ Isso requer atenção constante, não só durante o conflito mas, acima de tudo, em especial em tempo de paz. Afinal, um herói não nasceu na guerra mas porque trabalhou nisso interiormente em tempo de paz. Nunca se pode realmente ajudar se, como um auxiliador, ligamos importância aos benefícios para nós próprios. Isto também seria contrário à definição da contribuição ou apoio ao *desenvolvimento* do todo. O desenvolvimento vem de dentro, Na linha da compaixão, ajudar, neste sentido, não é também uma escolha da altura e do momento, mas antes uma atitude perante a vida. Se temos em mente o desenvolvimento do todo, então somos sempre uma fonte de ajuda. E então temos ajudado bastante antes do conflito acontecer.

Referências

1. J. de Vries (1971) *Dicionário Etimológico Holandês*, Leiden, ver também etymologiebank.nl.
2. *Lucifer, de Lichtbrenger* (holandês), nº 6, 2008, p. 127, “Wat is helpen?” [“O que é ajudar?”].
3. Ver também Johanna Vermeulen em “How Brotherhood, a Nucleus of Brotherhood and Healing the World Function” [“Como a Fraternidade, um Núcleo de Fraternidade e Cura do Mundo funciona.”] Em: *Report of ITC*, Augusto 2017, Philadelphia, “A Nucleus of Universal Brotherhood. World’s Healing Force”, p. 71-85. See: <https://www.theosophyconferences.org/wp-content/uploads/>
4. G.de Purucker, “Three things to remember”. Em: *Theosophical Forum*, vol. XVII, nº 5, Novembro de 1940.
5. <https://www.dalailama.com/messagescompassion-and-human-values/compassion>.
6. Katherine Tingley, *Travail of the Soul* [Trabalho da Alma]. The Aryan Theosophical Press, Point Loma, 1927, p. 264-263. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/katherine-tingley>.
7. G.de Purucker, “The nature of the Buddhic principle” [“A natureza do princípio Búdico”]. Em: *Aspects of Occult Philosophy*, Theosophical University Press Agency, 2010, p. 361-364.
8. G. de Purucker, *Messages to Conventions* [Mensagens para as Convenções], TUP 1943, p.92.
9. G. de Purucker, *The Dialogues of G. de Purucker*, Vol. I. Primeira edição 1948, p. 391. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/the-dialogues-of-g-depurucker1-2-3/>
10. G. de Purucker, *Esoteric Teachings II, The Esoteric or Oriental School*, p.105 (1ª edição 1936) p. 144 (Edição I.S.I.S. 2015).
11. Ver exemplos a partir Tricia S. Jones, “Education that makes a difference” [“Educação que faz a diferença”]. Em: Paul van Tongeren (ed.), *People Building Peace II, successful stories of civil society*, Lynne Rienner Publishers, 2005.
12. Ver ref. 6, p. 73.
13. Ver o artigo de G. de Purucker, “A Visão do Senhor Buddha”, nesta edição p. 95.
14. G. de Purucker, “A civilização construída com base no pensamento”. Ver nesta edição p. 105.
15. Ver ref. 6, p. 241.

Guerra versus patriotismo

Estes dois excertos são de *The Gods Await [Os Deuses Esperam]*, um livro de declarações de Katherine Tingley, publicado em 1926. Neste período entre as duas grandes guerras, os horrores da Primeira Guerra Mundial ainda estavam muito na mente das pessoas, mas os preparativos para a nova guerra já estavam em curso. Armar e preparar-se para a guerra nunca poderá conduzir a uma paz duradoura, diz a Sra. Tingley, nem sequer como pretexto para defender o seu próprio país. Esta é uma mensagem que é tão relevante hoje como era quando a trouxe. Estes dois fragmentos apelam à cabeça, mas especialmente ao coração do ser humano.

A guerra é uma prova de fraqueza: manter a paz é uma prova de força

Guerra, e preparação para a guerra, e pensamento para a guerra: estas são uma confissão de fraqueza. Manter a paz é uma prova e uma manifestação de força. Não ousaria criticar o patriotismo de qualquer homem honesto, ou reflectir de qualquer forma sobre aqueles que fazem o que pensam ser o seu dever; mas os inimigos de um homem são os da sua própria casa; e assim é com uma nação. Os nossos inimigos não estão fora, mas dentro: na nossa própria mente e nossos costumes nacionais, as nossas agressões nacionais e as nossas falhas.

Desconfiamos dos nossos vizinhos porque desconfiamos de nós próprios. Não me refiro apenas a esta ou aquela nação, mas ao mundo inteiro. Podemos todos nós falar menos sobre estarmos orgulhosos dos nossos países, e trabalhar mais para o seu avanço e regeneração espiritual. É para os ideais universais que o mundo está aflito nos dias de hoje. Precisamos de compreender como nunca antes que as nossas responsabilidades não são apenas para nós próprios, não para os nossos próprios países; mas para toda a família humana. Território e comércio podem valer muito; honra nacional pode valer muito; mas a salvação geral da sociedade humana aqui neste mundo — isto vale **TODO**.

Patriotismo, verdadeiro e falso

A necessidade mais vital de todos os povos da Terra é a paz duradoura; e para obter a paz permanente temos de criar e manter um espírito internacional ou Patriotismo Mundial – que virá como resultado do reconhecimento de que o que afecta uma nação, afecta todos; que, até onde um país subir ao topo do conhecimento e do bem-estar, até lá todos os outros seguirão; e por mais profundo que se possa afundar no egoísmo nacional e na deslealdade a seus ideais, tão profundo, ou até mais profundo, outros naturalmente serão puxados para baixo: cada nação deve partilhar o bom e o mau carma de todos.

Num país que baseasse a sua vida inteiramente no princípio e no espírito da fraternidade humana, o patriotismo seria uma coisa totalmente nobre; e o seu objectivo não seria pôr os corações a bater ao som de um tambor, mas induzir todas as mentes em concepções mais amplas do sentido da vida. Se cada nação cultivasse o patriotismo e a lealdade nacional desse tipo, o mundo em breve estaria unido num sistema beneficente universal.

Os interesses nacionais deveriam ser-nos caros: tão caros que deveríamos estar ansiosos por dar as nossas vidas – vivendo e não morrendo – para preservar a realidade, a vida interior e a beleza espiritual dos nossos países; para proteger as gerações futuras e deixar-lhes um património de vida nobre, uma dignidade incorruptível de cultura como o dinheiro não pode comprar nem a força bruta alcançar ou defender.

A lei mais elevada do nosso ser exige que construamos as nossas nações sobre a rocha daquela sabedoria duradoura que pertence à Alma Divina do Ser Humano, e criemos os nossos filhos em conformidade, para que eles e a sua posteridade depois deles possam não conhecer as tristezas que conhecemos, mas construamos dos ricos resultados dos nossos esforços a fundação da grande República da Alma – aquela República Interior da qual todas as almas são cidadãos: para que ela possa ser estabelecida “na terra como no céu”.

Mas defender meramente e estritamente o seu próprio país é um substituto suicida do patriotismo; é, eventualmente, um envenenamento do suposto objecto da sua devoção; porque implica trabalhar contra a vida geral e a saúde espiritual do mundo, da qual dependem a vida e a

saúde espiritual de cada nação. Não nos podemos separar da humanidade.

A maldição das nossas nações é a separatividade. Não estamos de acordo sobre nenhum esquema de vida, pensamento ou acção. Estamos separados uns dos outros pelos interesses imaginários da vida quotidiana; e a competição levada longe demais está a soar o toque da morte da nossa civilização. O dinheiro tornou-se um poder tal que faz com que os homens percam de vista a sua alma e consciência, e esqueçam que eles fazem parte da Vida Universal. O nosso interesse parcial em nós próprios – devoção aos eus exteriores e ignorar o interior e o real – fecha contra nós a porta àqueles domínios mais profundos do pensamento onde a verdade habita, e esconde de nós a manifestação da verdadeira e bela divindade latente dentro de cada um.

A ganância do mundo é a morte do mundo. O homem cuja mente está ocupada em tentar obter o controlo dos outros, para que possa apresentar-se perante o público como poderoso e próspero – esse homem está, do ponto de vista da sua alma, nas suas gargantas de morte.

Esquecemos que um futuro nos espera – na verdade os deuses esperam-nos – e que há mais vidas a serem vividas do que esta; ignoramos a vontade espiritual no homem, e aquela parte da nossa própria natureza que, mais do que nunca, deveria ser posta em acção; pois este é o início de um ciclo, um tempo crucial na história humana.

Cada época tem a sua tónica: houve um período de despotismo político e religioso; este é um período de investigação, crescimento, e dúvida. Em proporção à medida que agora alcançamos a compreensão da verdade, os males que afligem o mundo serão erradicados à medida que o ciclo prossegue no seu curso. Estamos construindo a civilização do futuro; e é o primeiro dever da raça, hoje em dia, ver que a construção é nobremente feita.

Uma propaganda secreta perniciosa

E no entanto, agora, hoje em dia, sob a superfície e nas correntes subterrâneas da vida, em certos estratos da sociedade – estratos que não precisamos de nome aqui – existe uma força que nos atrai para o nosso colapso, que, como um monstro num conto de fadas, está crescendo dia após dia no poder, na energia, e na previsão para sua própria vantagem.

Qual é o significado de toda esta propaganda insidiosa – este apelo à paz armada e à preparação para a guerra? Esta insistência constante na falácia de que o homem, para ocupar o seu lugar, deve estar pronto a resistir aos seus semelhantes pela violência? Para mim é uma das coisas

mais terríveis do mundo ouvir isto dito: Que o bem pode resultar do abate, ou que é possível ajustar correctamente as condições do mundo através da violação dos direitos humanos. Não vimos quão rapidamente a influência psicológica do mal e do egoísmo pode varrer todo um continente; quão facilmente a mente de uma nação pode ser desviada dos canais certos para o errado?

Seria melhor para os povos da terra afundarem-se no sono e nunca mais verem o sol, do que permitir outra guerra como a que temos sofrido recentemente. Estou pensando nos soldados que morrem em batalha – o homem contra o homem, saindo sob a pressão dos seus humores amargos e sanguinários e do ódio, o frenesi e a loucura do conflito – e me pergunto a que condição gravitarão as suas almas. Perguntas e mais perguntas, porque o ódio gera ódio, e a brutalidade gera brutalidade; e embora tivéssemos intelectos colossais e toda a riqueza do mundo, não podíamos dobrar as leis divinas da Natureza ao nosso desejo.

Estou novamente pensando no efeito da guerra sobre as gerações que se seguem; e como algo se perde da vida de todos aqueles que nascem em tempo de guerra; de modo que as monstruosidades surgem, e estranhos exemplos da espécie humana: uma nova raça respirando a atmosfera de ódio, e amargurada desde o nascimento e antes do nascimento – não poucos aqui e ali, mas toda uma geração de desequilibrados.

No entanto, quando é feita a mais ligeira sugestão de que o país está ameaçado – e os jornais adoram imprimir tais sugestões, e estão cheios delas – a maioria das mentes voam de imediato para ideias de defesa por brutalidade e violência; que podemos ter novas guerras e guerras para devorar os mais nobres dos nossos homens e matar aqueles cujas vidas mais devem ser preservadas para construir a nossa civilização... E depois orgulhamo-nos do nosso patriotismo e dos nossos sacrifícios!

Gostaria que antes de os tambores comecem a bater e antes de ouvirmos os nossos amados a marchar para a sua morte – antes que o fantasma da morte persiga e corra pela terra – que nós iríamos desenrolar as bandeiras de um tipo de patriotismo mais elevado!

Poderia ter paz armada na sua família, nas suas relações com os seus filhos e com aqueles a quem afirma amar? Poderia ter uma paz ali, regulada, imposta e mantida com espadas, baionetas e armas de fogo? Não há qualquer cabimento nesta ideia: é totalmente falsa. Uma paz baseada em armamentos não é senão uma solução temporária: e a sua passagem não pode deixar de ser sempre um pior derramamento de sangue e horror.

Vistas de paz mais nobre

O medo e a apreensão da guerra estão se tornando uma doença crônica entre todos os povos ditos civilizados: uma doença antiga que se mantém e nunca será curada até que o mundo descubra o segredo do verdadeiro patriotismo. Não há nobreza no medo; é uma coisa que nasce totalmente nos domínios da personalidade, da pequenez e do egoísmo, e nada tem a ver com o Eu Superior que é o herói no homem; e nenhum indivíduo e nenhuma nação pode fazer o menor progresso para cima até que o medo seja eliminado do seu ser.

Em tempos de paz, é-nos dito, devemos preparar-nos para a guerra. Se não tivéssemos realmente medo e mesmo o mais leve discernimento espiritual, só teríamos de nos preparar para um tipo mais elevado de paz em tempos de paz; e a paz teria de significar algo mais nobre e mais sublime em cada século seguinte.

Em vez de exércitos e marinhas de pé, deveríamos ter a sabedoria do Ser Superior: o que incluiria o conhecimento de como tratar os nossos irmãos, não brutalmente em batalha, mas como os Seres Divinos deveriam tratar os Seres igualmente divinos.

Pois o grande poder do Universo Divino está em cada coração humano, mesmo nos mais miseráveis e infelizes; e não é preciso um tempo de vida, não é preciso um ano, para que um homem descubra o Deus dentro de si. Se tiver a coragem de enfrentar os problemas, pode encontrá-lo num momento de tempo.

Deixe-o, procurando a verdade, forçar as portas da sua própria Alma, e toda a natureza humana lhe será revelada: deixe-o encontrar ali o acesso, e os desejos e paixões que o perseguiram através da vida desaparecerão.

Quando a luz da Alma está brilhando na mente e colorindo a vida de um homem, então há a Glória de Deus, a glorificação do Ser Humano. Isto é o estabelecimento da paz eterna. Pois cada um de nós é um universo em pequeno, e cada um tem dentro de si todos os segredos do tempo.

Poderíamos aprender uma lição com as flores na sua pureza silenciosa. As nossas Almas deveriam florescer no Eterno. Dias e momentos, homens e acontecimentos e coisas poderiam revelar-nos continuamente novos aspectos cheios de promessa e encorajamento, até que chegasse a convicção de que a vida, que outrora parecia tão sombria e trágica, é na sua essência a mais íntima Alegria.

Pois a vida é isto, na realidade: sentir a proximidade do Infinito; encontrar o Grande Conhecimento no próprio

coração; descansar na casa do altruísmo; procurando em todas as coisas o Princípio Supremo; procurar a bela e antiga Lei. A vida é isto, na realidade: a marcha da Alma indo para casa do Espírito Supremo, para a Luz da luz, para a Vida da vida, para o Conhecimento do conhecimento.

Perdendo de vista o eterno no transitório, não conseguimos encontrar o sentido da vida. Se os humanos descobrissem a sua verdadeira humanidade, saberiam que a força bruta nunca poderá, em qualquer caso, em circunstância alguma, ganhar uma única vitória real, ou qualquer coisa lucrativa. Vencendo por ela, perdemos; as suas vitórias são as nossas piores derrotas. É a ignorância e o medo da época que nos impedem. Ambas podem ser rastreadas até à hereditariedade e às longas gerações do passado. Cada homem e cada nação é um epítome de toda a humanidade; e a crença desastrosa na separatividade prova que o nosso olhar está totalmente desviado do Real e fixado no plano objectivo. Existe apenas um verdadeiro e legítimo campo de batalha: a Mente do Homem; onde a dualidade da nossa natureza nos mantém constantemente em guerra – a única guerra legítima que existe. É a guerra do Deus em nós contra o eu inferior.

O Reino dos Céus está dentro, e ninguém está tão longe da luz e da verdade que não possa virar-se amanhã e encontrá-la e então trabalhará para a glória de Deus, e conhecerá o segredo do seu trabalho. Pois Deus está no ser humano, e através do coração Humano pode manifestar-se. A glória de Deus é a glória da humanidade: da masculinidade, da feminilidade e da maternidade; de uma vida doméstica forte, pura e bela; de uma vida do cidadão elevado acima de todos os ciúmes e diferenças mesquinhas; de um patriotismo mundial internacional baseado na Fraternidade fundamental do Ser Humano.

A quem devemos proteger e contra quem

Demos demasiada ênfase aos nossos interesses externos e mundanos, e perdemos aquele equilíbrio humano natural que nos permitiria viver sem perturbações do lado espiritual da nossa natureza, tornando a nossa mente subserviente aos nossos verdadeiros eus, e utilizando-os como meio de serviço e crescimento. Pois devemos considerar a ideia de resolver as diferenças nacionais pela força bruta como uma afronta à dignidade do ser humano espiritual.

Devemos reconhecer que os homens que treinamos para a guerra – e quer eles saibam ou não que nós humilhamos por essa formação – poderiam, em vez disso, ser treinados

magnificamente para a paz: para serem estadistas e professores, os guardiões eficientes da paz das suas nações.

Não devemos continuar a procurar, como fazemos há séculos, armar-nos contra os nossos vizinhos. Todo o nosso cuidado deve ser o de proteger os nossos vizinhos contra os nossos próprios eus inferiores. Cultivar o medo da invasão, e vocês estão a afastar-se da justiça, longe do dever. Vergonha para o povo que desconfia tanto do seu Eu Superior e das suas capacidades divinas a ponto de se sentir incapaz de resistir à invasão por qualquer outro meio que não a força bruta!

Todas as nações desde o início tiveram os seus grandes sucessos e períodos de grande realização, seguidos por eras de ignomínia espiritual e física e pela tendência descendente dos seus ciclos. Estamos certamente em um declínio cíclico e nocturno agora, e não no dia e esplendor da nossa era, pois não compreendemos minimamente o verdadeiro significado da vida, individual ou nacional. O nosso patriotismo tornou-se abominavelmente grosseiro, e reflectimos os seus aspectos grosseiros em outras nações – tal como eles fazem os seus aspectos grosseiros em nós. Será que aqueles que estão interessados em promover armamentos, e que acreditam que é pela força bruta das armas que um país pode ser bem protegido? Será que se apercebem do poder da sugestão psicológica? Influências cruéis podem ser feitas por reiteração constante para entrar na vida de pensamento de um povo. Insistir que algum outro poder tem desígnios bélicos contra nós é, na verdade, criar desígnios bélicos neles, bem como em nós próprios.

Aqueles contra os quais trabalhamos as nossas propagandas de ódio, e que podem ser feitos nossos inimigos amanhã, são nossos irmãos, e há uma maneira de os alcançar. Não é pela força, ou pela ameaça, ou pelo insulto, ou pela sugestão psicológica criada pela acumulação de armamentos. Temos os nossos planos cérebro-mente, as nossas armas e navios e fortalezas; temos a nossa juventude treinada para a batalha e inquieta sob a inatividade forçada das circunstâncias – e tudo isto equivale a enfrentar e desafiar outros países. Atrevemo-nos e incitamo-los a vir aqui e a testar-nos; anunciamos-lhes a nossa opinião de que nós e eles são igualmente cegos.

Habitua-mo-nos a acreditar que o vencedor tem razão, que se tornou uma espécie de credo e educamos os nossos filhos para acreditarem nele. O lado que ganha está certo; o lado derrotado está errado: é tudo uma questão de força bruta. E nós tomamos a religião e o nosso chamado Deus para apoiar a nossa teoria miserável. É a

insanidade: a insanidade da época! Só a insanidade pode confundir a força bruta com vigor.

E, no entanto, existe hoje em dia heroísmo suficiente na terra para transformar a terra num céu. Sei que se a energia e o tempo desperdiçados em preparativos bélicos tivessem sido dados aos preparativos para a paz, as nossas nações estariam agora mais fortes do que nunca, e infinitamente melhor protegidas.

A Alma de uma Nação – a essência viva do seu ser – é a agregação dos seus pensamentos, sentimentos, acções e ideais, apoiados pela qualidade divina do Deus Interior. Na medida em que o povo de qualquer país nutre a sua Alma Nacional com o pensamento desse tipo espiritual e divino, nessa medida o seu país está protegido, inexpugnável, para além do alcance da violação. Olhem para ela racionalmente, e devem ver que esta é a verdade; mas abracem à sua mente e coração a velha falácia desprezível de que as vitórias morais podem ser conquistadas pela violência, então continua a ser vítima de loucura e cria miséria para si próprio, semeando as sementes da guerra Nação contra nação, irmão contra irmão e família contra família; estaremos sempre em guerra desde que dependamos da nossa natureza inferior – da força física – ou do interesse egoísta, para o ajustamento daqueles assuntos que só podem ser resolvidos pelo lado espiritual da natureza do homem.

(...)

O verdadeiro remédio

Se podemos ser tão facilmente levados por estas febres de guerra e ondas psicológicas de confusão, por que não deveríamos ser levados pelo tipo de força oposta a alturas de claro discernimento, e em vez de encontrarmos falhas em países estrangeiros e de nos prepararmos para guerras com eles, nos colocarmos a limpar das suas ervas daninhas os jardins das vidas dos nossos próprios países?

Porque não havemos de fixar os nossos olhos nas Idades de Ouro, quando as sementes do génio, agora adormecidas em toda a natureza humana, teria se desenvolvido no brilho e no sol da Lei Infinita. As montanhas serão cobertas com os altruístas e corajosos que andam pelos caminhos acidentados com os olhos postos na luz e olharão para o Vale da Sombra que foi, e verão que já não há dor e tristeza, ignorância e humilhação. Pois a sua compaixão e amor terão acendido os corações dos habitantes na escuridão, e também eles terão começado a grande ascensão?

Ninguém pode dar um passo em frente em direcção ao objectivo da Perfeição Humana sem ter consciência de que já há centenas na estrada que iniciaram o Caminho antes dele. Não pode vê-los com os olhos, mas está consciente do seu companheirismo. A luz que tornou brilhante cada época dourada do passado ainda é descoberto, tanto para os homens como para as nações. Cada amanhã pode ser um novo dia: um dia real de conquista, e o início de um progresso que nunca terminará.

Pois há um tom subjacente nos assuntos humanos, e a harmonia das Esferas pulsa. Há um hino que se canta a si próprio através do silêncio por detrás da vida – cantando-se aos homens deste mundo, e chamando-os de volta para casa. Deus está no coração do homem; que a Divindade seja despertada até que ela se varra em força divina, libertando a mente geral da humanidade do lixo das mentiras que acumulou, para que os homens possam ver como a vida é soberba!

A música mais grandiosa que já foi ouvida não pode expressar a glória e o poder do Divino em nós próprios e no universo. No entanto, podemos encontrar pistas dela através dos nossos próprios sofrimentos, aspirações, ideais, sacrifícios, e coragem para continuar. E quando tivermos passado pela ronda das nossas experiências, na nossa desilusão e agitação e solidão, voltaremos à Grande Realidade e prestaremos homenagem à Divindade Interior. Ela permanece no homem, mesmo que ele a ignore mais; mesmo que seja excluída da vida e só vislumbre aqui e ali; e mesmo que lhe sejam impostas restrições pela mente-cérebro que obscurecem completamente a sua luz.

Pois embora um ser humano se desvie do caminho e erre, no funcionamento da Natureza não pode estar perdido. Nenhum está tão longe do esplendor da verdade que não possa virar-se amanhã e encontrá-la dentro de si. Ele pode erguer-se acima de todos os obstáculos da vida, e olhar para baixo e vencê-los. Porque nós somos *mais* do que aparentamos; as mais altas expressões de vida que conhecemos.

A verdade oculta sobre nós é que amamos *realmente* o nosso próximo como a nós próprios, embora não tenhamos encontrado a forma de expressar o amor que nem sequer sabemos que existe. Mas está lá: o amor dos nossos semelhantes dorme latente nos nossos corações com a Divindade que ali vigia. Embora estejamos bastante inconscientes disso, a nossa própria humanidade implica a sua existência.

Está no mais íntimo da natureza mesmo do homem mais cruel e mais baixo; está em nós, e igualmente naqueles

que amanhã poderemos vir a ver como nossos inimigos, a quem mataríamos, e nos deleitaríamos em matar, se a guerra fosse declarada. Pois onde quer que a vida humana esteja, aí o Deus procura a sua expressão. Expressaria as suas folhas como as árvores; floresceria como as flores, e as suas flores seriam obras e pensamentos cheios de doçura, coragem e beleza; desejaria cantar como os pássaros desejam cantar, e o seu canto seria honra, amizade, justiça, soando através da serenidade clara das nossas vidas.

À medida que começa a empurrar e a impelir-se através da mente e na vida de nós, veremos a sua luz crescer cada vez mais brilhante no mundo; até que também nós possamos ecoar o espírito da sua grandeza, e ser revestidos da glória de Aqueles que nos precederam no Caminho.

Katherine Tingley, *The Gods Await*, 1ª edição, 1926, capítulo “War versus Patriotism” [“Guerra versus Patriotismo”], p. 39-54 e 68-72. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/katherine-tingley/the-gods-await/>

Cada humano UM PACIFICADOR



Pensamentos-chave

- » Cada ser humano, na sua Natureza Superior, é uma parte da Unidade Espiritual.
- » Cada um tem uma consciência e, baseado nesse facto, podemos responsabilizarmo-nos uns aos outros.
- » As próprias partes devem ter a vontade de terminar o conflito por meio de conversações, se necessário sob a insistência da “consciência mundial”.
- » As pessoas ajuizadas podem, como mediadores, guiar o processo de pensamento em direcção à harmonia, mas as próprias partes são principalmente responsáveis.
- » O processo de mediação é um processo de regeneração, onde o pensamento degenerado é invertido.
- » Quanto mais as partes apoiarem o processo actualmente, tanto mais será atingida uma harmonia sustentável.

Mediação baseada na unidade

Vale mais prevenir do que remediar. Mas o que podemos nós fazer quando uma situação já rebentou? Como é que podemos acabar com o conflito de forma a que as partes possam continuar a viver conjuntamente em harmonia?

Em artigos prévios, considerámos, entre outras coisas, como é que as situações de conflito chegam à mente e como é que podem ser prevenidas. Então a questão era assim colocada: o que é que significa realmente ajudar? Neste artigo, a explicação deste tema é feita baseada mais a partir da mediação.

O que é a mediação? Qual a finalidade que ela serve? E o que é que faz com que a mediação seja bem sucedida?

Pontos de partida

Como foi afirmado nesta edição especial de *Lúcifer*, há uma Unidade Espiritual. Nesta base, cada ser humano, como parte da sua Natureza Superior, é parte dessa Unidade. Nesta base, a Fraternidade Universal é um facto na natureza.⁽¹⁾ A Natureza Superior de cada ser humano faz parte dessa Unidade. Cada ser humano tem uma consciência e, baseados neste facto, somos todos responsáveis uns pelos outros e podemos responsabilizar-nos uns aos outros. A consciência é parte da Natureza Superior e cada ser humano é o reservatório de lições de ética, construídas ao longo de muitas vidas. Ela dá-nos sugestões acerca do que *devemos* fazer e *não* devemos fazer. Quanto mais a ouvimos, tanto mais ela serve como uma bússola moral. A investigação

também confirma que a maior parte das pessoas se esforçam para serem conscienciosas e compassivas.⁽²⁾ Pode haver diferenças de opinião sobre o que é consciencioso e o que não é, porque a consciência é formada pelas experiências individuais de cada um e cada pessoa desenvolve isso de uma maneira singular. Todavia, um apelo persistente da consciência guia-nos muitas vezes para uma solução não-violenta dos conflitos. Se nos virarmos para o interior e conectarmos com a nossa consciência, isso também permite a conectividade com a unidade espiritual de todos os seres, e chegamos a concretizar que deveríamos de facto transcender a violência e que conversar uns com os outros é a única maneira de regressar à harmonia. Uma parte independente no papel de mediador pode apelar

fortemente aos representantes de ambos os lados para chegar a um terreno comum que serve como base para a resolução do conflito.

Uma importante pré-condição consiste naturalmente em que as partes envolvidas no conflito tenham a *vontade* de achar uma solução através de conversações. Isto poderá ser fortalecido de uma forma positiva, baseada na “consciência do mundo” que deveria envolver a comunidade mundial – consistindo nos governos e cidadãos de todos os países – incitando fortemente as partes em conflito para o terminar o mais logo que possível de uma forma pacífica.

O processo de mediação

A mediação é, portanto, um processo de regeneração para reverter um pensamento decadente e aspirar a encontrar uma solução apoiada por todas as partes. Para atingir isto, é necessário iniciar o processo no estado mais cedo possível. Em aditamento, é necessário descobrir a raiz das causas do conflito. O que é que levou à escalada de tensões e negatividade nas ideias e que pensamentos podem ser construídos em conjunto que conduzam a um processo de desescalamento? Por outras palavras, onde é que os pensamentos de separatividade tiveram origem e o que é necessário para restaurar a unidade?

Estas causas-raiz não serão encontradas apenas com as partes em guerra, e o mesmo se diga com aqueles indirectamente envolvidos, tal como países vizinhos. Um conflito entre duas partes é um conflito de toda a comunidade. Todas as partes são também responsáveis pelo sucesso da mediação. Uma solução apoiada por toda a comunidade será também mais sustentável.

As relações serão certamente sensíveis no início, porque as emoções podem estar ao rubro e é fácil às partes apresentar razões para permitir que o conflito continue. Por outro lado, a consciência do mundo tem uma tal realidade que um país será inclinado a levar isso em linha de conta e portanto, por exemplo, não ousará declarar abertamente que faz a guerra por razões egoístas. Tal como conquistar um pedaço de terra.⁽³⁾ Por consequência, o processo como tal também requer vigilância.

O trabalho de mediação funciona num nível mental e físico, mas também faz um apelo explícito às mais nobres qualidades das partes, por exemplo, quando se aplicam os meios da comunicação não-violenta. O desafio é encontrar um equilíbrio entre cada um ao nível das *necessidades essenciais* e, deste modo, estabelecer uma conexão compreensível.⁽⁴⁾ Como pode ser o processo em diferentes níveis e fases será explicado mais tarde neste artigo.

O mediador

O mediador é um facilitador do processo de pensamento. Acima de tudo, mediadores deviam ser pessoas ajuizadas que têm uma particular perspectiva psicológica. Eles deviam ser capazes de discernir qual o aspecto do pensamento que domina activamente as pessoas que estão à mesa das negociações. E eles deviam, por exemplo, ser capazes de mudar a atenção do modo do pensamento emocional egoísta para o modo intelectual, tornando possível ver a grande conexão e finalidade do aspecto espiritual, vendo a unidade.

Este é o papel guia do supervisor ou facilitador do processo de mediação. O mediador é neutral, objectivo e comprometido e não tem um interesse pessoal.⁽⁵⁾ Mediadores trabalham a partir da sua Natureza Superior. Eles têm uma convicção interior da unidade e da conectividade da vida e representam um exemplo vivo disto. Nesta base, eles têm autoridade e portanto tentam apelar às mesmas qualidades aos representantes das partes. Estas qualidades são, por exemplo, universalidade, consciência, humanidade e (mútua) compreensão. Permanecendo comprometido, o mediador promove a confiança e a segurança que são essenciais para chegar mais perto de cada um. O mediador trabalha baseado na sua própria filosofia universal, estendendo isso para o serviço do processo, mas nunca impondo a sua visão às partes.⁽⁶⁾

Depende das *próprias partes* envolvidas no conflito para chegarmos juntos a uma solução. Mas como se mencionou, aquelas partes não são as únicas partes envolvidas directamente no conflito. Há também todas as outras partes na comunidade mundial que podem contribuir e assumir a sua responsabilidade numa resolução sustentável do conflito. Contudo, o papel dos mediadores deveria inspirar todas as partes para construir *o certo momento* em ordem a atingir um “avanço” no processo. Além disso, é a tarefa do mediador para determinar as causas-raiz do conflito. Isto terá que ser feito principalmente fazendo perguntas e ouvindo o que as partes propõem. Quais são os conflitos de interesses ou estratégias para preencher aqueles interesses? Em aditamento, é próprio do mediador mostrar às partes quais os valores que eles têm em comum. Pensemos na democracia, no direito à autodeterminação de um povo, a prosperidade para todos, o respeito pela linguagem dos outros e o respeito pela religião dos outros. É também importante que os valores estejam por detrás das tensões, tal como o tratamento desigual de certos grupos de populações. Há alguns tratados que as partes tenham assinado ou há uma

história partilhada? As qualidades únicas de cada um também merecem atenção. O que é que faz com que uma certa parte seja indispensável no quadro maior? Uma vez tudo isto claro, o mediador pode identificar as oportunidades para apoio conjunto e o que pode ameaçar este apoio. Aquelas oportunidades são baseadas em perspectivas semelhantes. As ameaças podem surgir da limitação dos poderes que foram conferidos aos representantes por parte dos seus países ou da adesão teimosa a uma visão estreita de interesses próprios.

Outro ponto importante é que o mediador garanta pouca interferência externa, se possível criando uma zona segura para as partes estarem abertas às perspectivas de umas e outras e consultar os seus próprios apoiantes de tempos a tempos.⁽⁷⁾ É importante trabalhar em silêncio e permitir uma influência do exterior tão pequena quanto possível, porque tal influência poderia perturbar o equilíbrio vulnerável e poder fornecer às partes uma razão para manter o conflito.

Uma vez alcançado o acordo nos termos em que as partes quiseram, a questão é como realizá-lo. É importante que as partes em guerra possam retirar-se sem se sentirem desonradas. Neste aspecto, o mediador pode ajudar a construir a chamada “ponte dourada”, sobre a qual a retirada pode ter lugar. Desta forma, as partes podem regressar às pessoas que eles representam com as suas cabeças bem levantadas.

O apontamento seguinte ilustra como o acima exposto pode ser posto em prática com referência ao primeiro encontro de Nelson Mandela em 1993 com o general Constand Viljoen, o representante dos africânderes brancos da África do Sul:

É um momento histórico: o herói da nova África do Sul em frente cara a cara com o herói do velho. O pacificador em frente ao homem mobilizando para a guerra. “Ele perguntou-me se eu tomava chá,” Constand lembrará mais tarde. “Eu disse que sim e ele encheu-me uma chávena. Ele perguntou-me se eu tomava leite. Eu disse que sim e ele serviu-me de leite. Perguntou-me então se eu tomava açúcar no meu chá. Eu disse que sim e ele pôs-me o açúcar. Tudo o que tinha para fazer era agitá-lo.”

Enquanto eles falavam, é óbvio que Mandela fez um esforço para compreender a história e a cultura dos africânderes. Constand ficou impressionado quando Mandela traçou paralelismos entre a luta que a família de Viljoen travou contra os ingleses pela sua liberdade há cem anos e a sua própria luta contra o apartheid. Mais importante, notam os

historiadores, é que Mandela falou com o militar na sua própria linguagem: “General, disse ele em Africanes, não haverá vencedores se vamos para a guerra.” Constand acena com a cabeça: “Não há vencedores.”

Por aí começaram quatro meses de conversações secretas entre Viljoen e Mandela. Mesmo até o Presidente Frederik Willem de Klerk ficou na ignorância e poucos livros de história mencionam isso hoje. No entanto, este foi um momento fulcral na história da África do Sul. No final, o general, ficou convencido a não usar as suas armas e a disputar as eleições com o seu partido”.⁽⁸⁾

É claro, a partir da citação, que Mandela estudou os antecedentes e o ponto de vista de Viljoen e que ambos tiveram a vontade de se conhecerem uns aos outros. Ainda que Mandela, nesta situação, não fosse mediador, ele foi bem sucedido, conjuntamente com o general Viljoen, em elevar-se acima das partes e das suas posições baseados na visão dos seus interesses comuns.

As partes

As partes que participaram no processo de mediação são cada uma delas representadas por uma equipa de paz. Esta equipa consistia em representantes capazes com experiência em diplomacia; conhecimento de tratados internacionais e uma atitude construtiva com uma perspectiva para construir uma relação de confiança com o mediador. É próprio das equipas de paz indicarem quais são os seus mandatos e quando é que têm necessidade de consultar os seus apoiantes. Isto é necessário porque o risco de prejudicar o processo aumenta se as equipas não representam adequadamente os interesses dos seus países ou organização.

Como foi mencionado anteriormente, idealmente não só as partes beligerantes participam no conflito, mas também outras partes interessadas, tais como países vizinhos, as Nações Unidas, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa e as ONGs (Organizações não governamentais). Quanto mais partes houver, mas forte será a imagem mental da harmonia que é construída em conjunto. Isso é semelhante ao *bullying* numa escola, que só pode ser resolvido realmente quando toda a classe, o professor e os pais estão envolvidos.

Os líderes espirituais podem também ter um papel directo e indirecto. Um exemplo de uma pessoa directamente envolvida na África do Sul foi o Arcebispo Desmond Tutu. Ele foi o Presidente da Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul. A caixa dá um

exemplo destes inspiradores pensamentos a partir da Filosofia *Ubuntu*, que enfatiza a responsabilidade individual de cada ser humano, porque cada ser humano pode dar uma contribuição como um pacificador.

No contexto do conflito na Europa de Leste, é importante saber que, na Igreja Ortodoxa Oriental, o conceito de deificação – isto é, a deificação do homem – toma uma posição central. A deificação quer dizer que cada ser humano deve esforçar-se por desenvolver cada vez mais o divino dentro dele próprio durante a sua vida.⁽⁹⁾ Isto é um pensamento universal que é também central na Teosofia, como a Teosofista Katherine Tingley expressou tantas vezes nos seus apelos para a paz mundial no início da Secundo Grande Guerra Mundial.⁽¹⁰⁾

Em resumo, há uma responsabilidade muito clara dos líderes espirituais em inspirar e encorajar as partes para serem compassivas e ajudarem em todas as fases do processo.

Citação de: Desmond e Mpho Tutu, *O livro do perdão. O caminho quádruplo para a cura de nós próprios e do nosso mundo.*⁽¹⁴⁾

“*Ubuntu* diz que todos nós temos uma parte ao construir uma sociedade que cria um perpetrador. Por consequência, eu tenho uma parte não só em cada conflito que eu posso achar na minha personalidade, mas também em todos os conflitos que acontecem agora mesmo na minha família, na minha comunidade, na minha nação e em todo o mundo. Este pensamento pode parecer muito pesado. O presente escondido no desafio de *Ubuntu* é que nós não necessitamos de percorrer os corredores do poder para construir a paz. Cada um de nós pode criar um mundo mais pacífico a partir de não importa que parte do mundo onde estejamos”.

Fases do processo de mediação

O processo de mediação consiste em várias fases:

1. construir a confiança,
2. tréguas,
3. consulta/negociação,
4. acordo,
5. cooperação, e
6. harmonia.

A primeira fase é especialmente importante porque as partes devem estabelecer confiança umas nas outras na mais ampla base possível: mental (intelectual) e fisicamente, mas também, num nível espiritual. Isto é seguido por um número de fases intelectuais, passo a passo, como fazer acordos e conservá-los sob a forma de tratado. Estes passos dão mais substância à confiança que é necessária para atingir a finalidade, na última fase, verdadeira harmonia física, mental e espiritual.

1. Construindo a confiança

A primeira fase começa com a cessação da violência física e a separação das partes em luta por meio de tréguas ou de cessar fogo. Se esta fase não for imediatamente bem sucedida, as equipas de paz e o mediador terão que trabalhar diligentemente para construir uma relação de confiança. Ao fazer assim, é importante ter uma visão muito ampla sobre quais são as partes da comunidade mundial que podem servir de apoio e que deveriam estar à mesa.

Quanto mais cedo isto acontecer, tanto mais cedo haverá uma solução à vista porque os pontos de vista e as posições das partes se tornam cada vez mais entrincheiradas à medida que o conflito continua.⁽¹¹⁾ E como o número de casualidades aumenta, as posições endurecem, o ódio cresce, e a ideia pode tomar conta de que “ceder” significa que os camaradas morreram em vão. É importante para promover e incutir confiança continuamente entre as partes até que esta confiança ganhe raízes. Isto oferece a ambas as partes a possibilidade de reconectar com a sua Natureza Superior, onde podem entrar no processo de forma constructiva. Se a violência continua, pode-se considerar a manutenção de uma força de paz independente entre as partes por um período muito curto e predeterminado (durante o período do processo de mediação). Isto não pode durar muito tempo, todavia, porque depois de algum tempo a força de paz tomará a aparência de uma força de ocupação. Mais, a efectivação de uma visão unitária pode começar por procurarem juntos a harmonização para os níveis seguintes.

- Espiritual: para procurar valores centrais de ideias comuns tais como a fraternidade e a compaixão em ordem a conseguir rapidamente acordos ou temas humanitários.
- Mental: para (re)conectar tratados e alianças já existentes que aspirem à segurança de todos, mas também à protecção da língua, educação e cultura.
- Física: troca de materiais primas e energia para prover à população com meios de subsistência.

Um método usado na mediação é a “Comunicação Não-violenta”.⁽¹²⁾ Isso envolve colocar os sentimentos das pessoas em palavras e depois descobrir quais as necessidades que se escondem atrás dele. O fundador Marshall Rosenberg disse o seguinte numa entrevista:

Rosenberg: “Há de longe mais caminhos poderosos nas conversações de paz do que aqueles em que nos envolvemos agora...”

Entrevistador: “Como é que envolveria estas pessoas em conversações de paz?” (...)

Rosenberg: “Eu ajudo as pessoas a falar a linguagem da vida, que está mais perto da verdade, justamente aquilo que toda a gente necessita e ficar afastado daquelas imagens inimigas que podem facilmente soar como culpa, criticismo, agressão”. (...)

Entrevistador: “O que é que o senhor diz àquelas pessoas que descrevem as suas ideias como ingénuas ou utópicas?”

Rosenberg: “Eu vejo um mundo diferente do que aquele que as pessoas provavelmente vêem na televisão ou nas notícias. Por exemplo, eu vejo a violência. Eu trabalho em locais com violência. Mas o que eles não vêem são as pessoas com quem eu trabalho e que têm uma visão diferente do mundo. Eles têm uma consciência diferente. E estas pessoas estão espalhando as suas consciências rapidamente. Deste modo, estas pessoas são as que me dão a esperança de que não é difícil encontrar esse tipo de pessoas em cada país. (...)

Eu trabalho no Ruanda com pessoas que tiveram todas elas pessoas mortas nas suas famílias. Assim, sei o que é que pode acontecer neste mundo. Mas eu trabalho com pessoas por todo o mundo que me dizem que isto não tem de ser assim. Há pessoas que sobreviveram a tudo isto mas que nunca perderam a consciência de que isso não pertence à nossa natureza. Não há nada que os seres humanos apreciem mais do que contribuir para o bem estar de uns e outros”.⁽¹³⁾

2. Trégua

Na segunda fase, deve ser aplicado um actual “cessar-fogo”. O trabalho do mediador é agora estabelecer objectivamente que factos e posições das partes são relevantes no processo de mediação. Mas acima de tudo que *valores* ou *necessidades* têm um papel importante em pôr um ponto final na ideia de separatividade.

Considere, por exemplo, o tratamento igual de todos os grupos populacionais tendo em atenção a etnicidade, a nacionalidade, a religião, ou a liberdade de falar uma língua.



Na aldeia de Mbyo no Ruanda, Hutu e Tutsi, os atacantes e vítimas do genocídio de 1994, vivem juntos como bons vizinhos. Eles reúnem-se todas as semanas em discussões abertas. A ideia revolucionária de tal aldeia veio de um jovem padre, Deogratias Gashagaza, que é ele próprio um sobrevivente Tutsi. Foi ele que provocou isto, entre outras coisas, mostrando de forma convincente que o perdão é o caminho para a felicidade.

3. Consulta/negociação

A terceira fase é crucial. Nesta fase, o mediador tenta ganhar perspectiva nas causas reais do conflito. É importante para as partes chegar a uma mútua compreensão dos sentimentos de cada um dos interesses, e dos valores agregados de todos num quadro maior. Onde estão as oportunidades e as ameaças e quais são os interesses comuns?

O papel do mediador nesta fase e em todas as subsequentes é primordial. Será que o mediador é capaz de mudar a forma de pensamento de um ponto de partida emocional para pontos de partida mentais acerca dos valores e das necessidades das partes? Pode o mediador começar já a antecipar fases posteriores nas quais os valores comuns e os ideais comuns (suprapessoais) podem eventualmente conduzir para a reconciliação e o fortalecimento do vínculo em ordem a atingir uma harmonia real?

Neste entretempo, a confiança nas consultas deveria ser melhorada abrindo corredores seguros através dos quais pessoas (não militares) e bens poderem mover-se livremente.

4. Acordo

Durante a fase quatro, os interesses comuns inventariados são firmados num acordo. Ao fazer assim, às partes deve ser dada a oportunidade de colocar sobre a mesa,

tanto quanto possível, os seus legítimos interesses e vê-los realizados, com base no entendimento dos interesses uns dos outros. Os resultados são preferencialmente apresentados por todas as partes envolvidas.

Em termos concretos, os acordos terão de ser feitos e elaborados sobre, por exemplo, a repatriação das pessoas e a distribuição dos bens.

5. Cooperação

Nesta fase, mais cooperação será definida e formada por um plano para *reconstrução e reconciliação conjuntas*. Por este meio, o papel do perdão, como um aspecto da reconciliação, joga um papel importante. Os líderes espirituais têm um papel inspirado e conciliatório nisto. Veja a caixa Desmond e Mpho Tutu para isto. O processo de reconciliação (muitas vezes lento) é um processo de desenvolvimento para restaurar a harmonia.

A Equipa de Paz nos Balcãs⁽¹¹⁾

O livro *People Building Peace II – Successful stories of Civil Society [As pessoas a construir a paz II] – Histórias de sucesso da sociedade civil* dá muitos exemplos de (internacionais) voluntários que desempenham o papel de mediadores no campo. Um exemplo é a Equipa de Paz para os Balcãs na Croácia e na Sérvia-Kosovo.

Um pequeno grupo de voluntários tentou fazer a diferença durante o conflito. Eles fizeram isto observando e marcando a sua presença, conhecendo e apoiando os voluntários no seu trabalho.

Eles atingem os seguintes efeitos, entre outros:

- Uma função preventiva com especial atenção para a potencial violação dos direitos humanos.
- Um papel de mediação entre as ONGs locais, internacionais e organizações.
- Uma função de ponte entre as ONGs locais e entre os cidadãos e autoridades locais.
- Mediação entre as ONGs de “diferentes partes” do conflito inicial; e o papel de advogar, entre outros, os grupos de refugiados.

A Equipa de Paz dos Balcãs foi parcialmente bem sucedida porque trabalhou principalmente para auto-suficiência da independência do povo e as ONGs com as quais elas tiveram que lidar.



Quatro meses de reuniões altamente secretas entre Nelson Mandela e Constand Viljoen (ambos no primeiro plano da fotografia) levaram Viljoen a dissolver o seu exército e a participar nas eleições de 1994.

Na prática, grandes conflitos como as guerras envolvem muitas vezes grande número de pessoas que também preenchem o papel de “mediadores”. Porque embora as guerras tenham terminado à mesa das negociações, o conflito não acabou realmente até que a paz seja alcançada atrás da porta da frente de cada casa. O processo de tratar do trauma e da reconciliação continua frequentemente muitos anos após a guerra ter terminado. Há muitos exemplos de mediadores voluntários que tiveram um papel importante “no campo” nestes processos de reconciliação. Veja-se o exemplo da Equipa de Paz dos Balcãs durante o conflito dos Balcãs nos anos noventa.

Para além disso, nesta fase a cooperação actual entre pessoas e bens deveria ser iniciada com uma perspectiva para a reconstrução conjunta.

Isto é onde a mediação oficial podia terminar. Por favor note: verdadeiros mediadores, como curandeiros da humanidade e facilitadores do processo de pensamento, nunca são terminados com sua tarefa. O seu papel só se torna menos necessário num conflito específico quando as pessoas têm um sentido de unidade menos virado para o exterior.

6. Harmonia

A fase final é a da (nova) harmonia. Isto significa que há uma situação que não justifica uma razão para um futuro conflito.

Esta fase significa que as partes chegaram à conclusão de que a ideia em termos de separatividade é uma ilusão. E que há uma unidade fundamental de toda a vida, em resumo: que a fraternidade é um facto da natureza. Não é mais uma questão de “paz, no sentido de ausência de guerra”, mas a da verdadeira “paz do coração”. A base

para isto pode já ser alcançada ensinando toda a gente, desde tenra idade, a desenvolver dentro deles os pacificadores – se a situação ainda o exigir – ser capaz de preencher o papel de mediador.

Como proceder?

Durante a mediação, as partes são reconduzidas ao contacto com a sua Natureza Superior de modo a que eles a reconheçam no outro e sejam mais conscientes da Unidade da vida. Seguidamente, a questão é como o equilíbrio alcançado pode manter-se e ser aprofundado numa paz duradoura. “Os cuidados posteriores são uma precaução”. E isto será discutido no próximo artigo sobre a sustentabilidade da paz.

Referências

1. Ver também a nota Victor Hugo em: A.G. Spalding, “Helena Petrovna Blavatsky and Peace”, *The Theosophical Path*, Vol. XXIV, Janeiro-Junho 1923, p. 331.
2. R. Bregman, *Humankind, a hopeful history*. [Humanidade, uma história de Esperança], Bloomsbury, Publishing, 2020, p. 358-359.
3. G. de Purucker, “Peace or War and The Secret Doctrine”, [“Paz ou Guerra e A Doutrina Secreta”]. Em: *The Theosophical Path*, 1923, p. 421.
4. Ver: Comunicação não-violenta- Wikipédia
5. Van Tongeren e.a. (eds.), *People Building Peace II, Successful Stories of Civil Society*, [Pessoas construindo a Paz II, Histórias de Sucesso da Sociedade Civil]. Lynne Rienner Publishers, 2005, p434. Personal Story: *Early Involvement* - Max van der Stoel.
6. Ver referência 5
7. Ver referência 5.
8. Ver referência 2.
9. Deificação, Wikipédia.
10. De Katherine Tingley por exemplo: “An appeal for world peace”, [“Um apelo para a paz no mundo”], *The Theosophical Path*, Março 1923
11. Ver referência 5, p. 369-375 .
12. Para uma breve explicação sobre os princípios da comunicação não-violenta, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=8sjA90hvnQ0>.
13. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DgaeHeIL39Y>.
14. Desmond and Mpho Tutu, *The book of forgiving. The fourfold path for healing ourselves and our world*. HarperOne, San Francisco 2014.

≧ Textos teosóficos inspiradores sobre este assunto ≦

O segredo do conflito humano

Esta foi uma das últimas palestras proferidas por Gottfried de Purucker, pouco depois da mudança da sede da Sociedade Teosófica de Point Loma para Covina. Demonstra poderosamente que uma diferença de opinião nunca deve conduzir a conflitos, quanto mais a uma guerra.

Acho totalmente consentâneo com os factos, não apenas na vida humana mas na natureza maravilhosa que nos rodeia, que o segredo do conflito não só entre os homens, mas mesmo no universo, está nos vários graus de ignorância, egoísmo e falta daquilo a que nós humanos chamamos altruísmo, sendo o último nome a emoção mais nobre que pode eventualmente entrar no coração humano. É apenas no altruísmo, no pensar nos outros, no pôr os outros à nossa frente, que esquecemos, cada um de nós, ele próprio, e no esquecer perdemos as dores e as tristezas e as pequenas alegrias que abraçamos

tão perto de nós e chamamos a nós próprios. Não vê que o único caminho para a sabedoria, a paz universal e a felicidade total, é colocar o todo à frente do insignificante, os muitos antes de si e por isso vive uma vida universal em vez de viver no seu pequeno círculo? Eis é o segredo de tudo. É precisamente este segredo que o mundo moderno, especialmente no Ocidente, esqueceu por completo. Esqueceu que no auto-esquecimento é grandeza, é paz, e é felicidade; que a nossa falta de paz e a nossa infelicidade vêm do apego nas nossas pequenas mesquinhas e preocupações próximas de nós; pois estas ansiedades e ódios roem a própria fibra do nosso ser interior, e então sofremos, somos feridos, e levantamos os olhos para a divindade ou para os deuses e exclamamos: Porque é que isto me aconteceu a mim, a nós? O que é que eu fiz? O que é que fizemos? No entanto, o melhor conhecimento da lei espiritual e natural deveria dizer-nos que tudo o que acontece no grande e no pequeno – porque o pequeno está incluído no grande – tudo o que acontece, acontece segundo a Lei divina; e que a miséria e a infelicidade e o conflito e a miséria e a pobreza e todo o conjunto de factos que os acompanham, surgem por

negligência humana para obedecer à lei cósmica. É tão simples quanto isso.

Sabe que o grande acorde perdido da civilização moderna é o esquecimento do facto na natureza da fraternidade universal, o que significa não apenas uma fraternidade sentimental ou política; significa que somos todos de uma origem cósmica ou espiritual comum, e que o que nos afecta, afecta a todos, e portanto que os interesses do indivíduo são insignificantes em comparação com os interesses das multidões. Mas não se esqueça que a multidão é composta por indivíduos, de modo que não se pode ser injusto ou cruel ou fazer mal mesmo a um único indivíduo sem ofender o todo. Estas são leis simples que estão gravadas na consciência da humanidade desde tempos imemoriais, desde uma época tão anterior a da nossa, que até as montanhas eternas, como agora as chamamos, não existiam, pois ainda estavam adormecidas no lodo arcaico. Agora este acorde perdido, esta verdade esquecida, o esquecimento da fraternidade humana, pode ser expresso de outra forma: a perda da convicção de que a natureza é fundamentalmente espiritual, e por isso é regida pela lei, e por isso tem compensação por conduta meritória, e retribuição por não meritória; e que estes dois, a compensação e a retribuição, são tão infalíveis como a própria lei cósmica, pois são apenas as expressões da mesma. Quando um homem permite que estes pensamentos maravilhosos e no entanto tão simples se afundem na sua consciência, de modo a tornarem-se parte da própria fibra do seu ser e do seu sentimento, deixará de querer magoar outra pessoa. Ele não pode. Já não é o seu carácter. Ele retirou-se da lama, e viu o brilho dourado do sol. Ele reconhece então que fundamentalmente tudo é um, e que todos os seres são um, e que o indivíduo é tão importante como o todo, e que o todo é tão importante como o indivíduo; e que o indivíduo dentro do todo é infinitamente mais importante do que o indivíduo único, sozinho. Se os próprios indivíduos pensarem desta forma, a harmonia cósmica prevalecente será mantida até ao infinito.

É isso que perdemos no Ocidente: a convicção de que encontraremos compensação ou retribuição por nossos pensamentos e por nossos sentimentos; que o bem virá até nós infalivelmente se semearmos o bem e fizermos o bem e pensarmos bem, e nos sentirmos bem, e semearmos sementes de justiça, honra, probidade e decência em nossa conduta para com todos os outros homens – *todos* os outros homens, não apenas “meus” amigos, *todos*. Pois o cosmos é uma unidade e não conhece divisões ou separações humanas. Esse é o nosso pecado. É aí que nós

falhamos. Esse é o segredo de todo conflito humano.

Agora atenção, este pensamento, por causa do carácter muito complexo e estúpido da civilização moderna, e apenas por causa deste facto, levanta uma série desconcertante de questões embaraçosas. Mas qualquer homem com um coração no lugar certo, pode resolver qualquer questão deste tipo, porque é iluminado pelo deus dentro dele, se permitir que o seu coração fale. Então o seu julgamento é virtualmente infalível. E quando digo o coração, não me refiro à emoção. Refiro-me ao instinto do homem de honra erguida e pureza moral e espiritual interior. O facto é que nós, do Ocidente, temos sido covardes por demasiado tempo, querendo sempre colocar a culpa em alguém, porque não conseguimos encontrar uma multidão suficiente para condenar. Assim, no Ocidente erguemos uma pura invenção da nossa imaginação, e falamos dela como Jesus Cristo, e sobre os seus ombros colocamos todos os nossos pecados; e no final seremos lavados pelo sangue do cordeiro, se apenas acreditarmos nisso. Sim, mas e aqueles que sofreram sob a minha maldade? Porque eu estou salvo, será que isso os ajuda? Que tal aqueles que eu no meu passado estúpido, ignorante e maléfico, talvez tenha dado um empurrão para baixo em vez da ajuda fraterna para cima? E quanto a eles? Não vêem que essas ideias são a completa reversão de uma filosofia cósmica? Não vêem que está tudo errado? Que não é tão importante o que acontece ao indivíduo; o maior é o que acontece a todas as outras, as multidões sem fim, a trabalhar, a esperar, a trabalhar, a sofrer. Isso é importante, e todas os indivíduos enfraquecidas o conhecem e sentem-no.

Esta inevitabilidade de retribuição, ou de bela compensação, é o que chamamos a doutrina das consequências, a doutrina do karman: que o que semeias colherás, agora ou numa data posterior, e que não há fuga possível. Conhecem-na perfeitamente nas coisas ordinárias da vida. Não requer qualquer argumento. Se puser a sua mão numa chama, ou tocar num fio vivo, o fogo não o deixará de queimar porque é estúpido e ignorante, e a electricidade não se absterá de o queimar ou talvez matá-lo porque não conhece as leis da electricidade, porque é estúpido ou ignorante.

Felizmente, há outro e belo lado disto. O nosso mais maravilhoso professor, o maior amigo que nós, coitados, temos, é a nossa tristeza. A princípio, parece uma coisa terrível de se dizer, mas se apenas a analisarmos: o que é que treina a criança a tomar consciência e a tornar-se prudente, cuidadosa e atenciosa, e a evitar perigos no

futuro? Experiência: a dor de um dedo queimado, ou de um dedo do pé com um canudo, ou uma queda de uma árvore, ou o que quer que seja. O que é que amacia o coração de um homem para que ele possa compreender o sofrimento dos outros e sentir com os outros? Simpatia, sentir em conjunto. Quando sofremos, crescemos. Nada amolece o coração como o próprio sofrimento. Estranho e belo paradoxo, pois torna nosso carácter também mais forte. Torna-nos mais fortes. O homem que nunca sofreu está sem sentimentos, é de facto uma pessoa muito “involuída”, ainda está desenvolvido.

Quem é o grandioso homem? O homem que nunca sofreu, que não sabe o que é o sofrimento? Ou o homem cujo sofrimento lhe deu força, poder interior, visão, quem sabe o que é sofrimento, e por causa da sua própria recordação desse sofrimento, nunca trará sofrimento aos outros? Com ele, o coração começou a despertar. A consciência volta a despertar para estas simples verdades cósmicas.

Vê-se então quão maravilhosamente o universo é construído, de modo que embora sejamos estúpidos e ignorantes, e não tenhamos o sentimento mais nobre possível para os seres humanos, que é altruísmo, amor e carinho pelos outros, no entanto, pelos nossos próprios sofrimentos e estupidezes e ignorância aprendemos da melhor maneira, e a cada passo na aprendizagem crescemos, crescemos mais; e após um longo período desta viagem evolutiva muito lenta, saudável e dolorosa, chegamos ao ponto de dizer a nós próprios: Chega disso. Já estou farto. De agora em diante, vou tomar-me nas minhas próprias mãos, e governar a minha vida por evolução autodirigida.

Daqui por diante, escolherei o meu caminho. Nada balançará a minha vontade para este ou aquele lado. Há o objectivo, e esse objectivo é um objectivo cósmico. Não serei mais escravo das circunstâncias. A partir de agora, dominarei o meu próprio caminho. Eu escolho o meu próprio destino. Já vi a Lei.

Portanto, o segredo do sofrimento humano é simplesmente isso, penso eu: a perda do sentimento de responsabilidade humana para com os outros. É ver como isto afecta a nossa conduta. Quem é o melhor cidadão de dois homens, aquele que sabe que, se for um verdadeiro homem, obedecerá às leis do seu país e cumprirá de bom grado, mesmo que saiba que algumas dessas leis são injustas, ou o homem que estabelece um conflito no seu coração contra o seu próprio país? Este último está escolhendo precisamente o caminho errado, e está se tornando um trabalhador, não com a multidão dos seus semelhantes, mas em oposição a eles, e em contenda e conflito com eles.

É um estranho paradoxo que uma vez que a alma começa a despertar e os olhos a abrir, devido ao estado muito complexo e realmente desastroso da vida moderna, o homem que tenta seriamente fazer o seu trabalho, cumprir o seu dever na vida, viver viril, de pé, encontra mil vezes mais dificuldades do que o homem que apenas vai junto porque, como os animais, é demasiado estúpido para pensar. Mas quem queria ser um mero animal humano, que não pensa, não reflecte, não tem o sentimento divino de escolher o seu próprio caminho na vida? Você queria? A resposta é simples.

É, pois, a minha convicção – e acredito que tenho razão porque me encontrei corroborado por todos os maiores pensadores cujos ensinamentos dei uma vida inteira para estudar – acredito que tenho razão ao dizer que os conflitos humanos terminariam, e bastante rapidamente também, se todos os homens, o que significa você e eu, o que significa todos, realizássemos a sua responsabilidade individual para com os seus semelhantes. Penso que apenas uma regra atravessaria todo o tecido da vida humana desde o mais alto ao mais baixo: a nossa solidariedade como unidades numa hierarquia humana, para que aquilo que afecta um afecte a todos, seja para o bem ou para o mal.

Tenho-me perguntado muitas vezes quantos homens podem pensar nestas coisas nas horas silenciosas da noite, ou quando estão perplexos e ansiosos quanto ao rumo a seguir, e têm medo de seguir porque a multidão não segue. A multidão gosta de seguir o que pensa ser um egoísmo iluminado. Não consigo conceber uma noção mais diabólica ou satânica do que a que é coberta por essa frase “egoísmo iluminado”. É um obscurecimento deliberado de toda a nobre intuição da alma humana. Basta perguntar a si mesmo. Será que fazem uma coisa porque a coisa é bela e porque está certa e porque é justa, e porque trará felicidade, segurança e paz a todos os homens? Não, estes homens de egoísmo esclarecido dizem “Se eu o fizer, em última análise será bom para mim e para os meus”. Agora, suponha que homens de diferentes partes do mundo seguiram esse evangelho, o que veria? O que vê-se hoje. E tudo isto pode ser travado, todo o conflito humano. E atenção, não me refiro a acabar com as diferenças de opinião, que é uma das coisas mais bonitas sobre nós, humanos. As diferenças de opinião, se cultivadas de forma honesta e cortês e altruísta, emprestam tempero e encantamento à vida, emprestam encanto e beleza. Os franceses têm um maravilhoso provérbio que muitas vezes me ouvem citar: *Du choc des idées jaillit la lumière.* – Do choque de ideias trocadas

entre os homens brota luz. Este é o princípio dos congressos e parlamentos e dos sindicatos e reuniões de seres humanos: trocar ideias e tirar o melhor partido das mesmas.

Por isso, não me refiro a diferenças de ideias. Estas são naturais. Refiro-me a conflitos, ódios, falta de respeito pelo outro homem, falta de ver nele algo que é tão maravilhoso como o que ele pode ver em você. Já alguma vez tentou apenas esta pequena regra simples, olhar nos olhos de algum outro homem quando está falando com ele; não tentar forçar a sua ideia na sua cabeça como todos nós; não tentar persuadi-lo e fazê-lo acreditar como você faz; mas apenas olhar nos olhos desse homem. Pode ver maravilhas, um mundo de beleza até agora inexpressiva e desconhecida. Toda a alma daquele homem, se lhe dermos apenas uma oportunidade, está pronta para sair e conhecê-lo. Mas é claro que ele pode ter tanto medo de você como você tem medo dele, e tanto medo de ser um ser humano como você tem medo de ser um ser humano.

Garanto que se as pessoas confiassem umas nas outras, e esperassem ser tratadas com decência, conseguiriam. Nunca vi isto falhar. Digo honestamente que a confiança que depusitei nunca foi traída, porque sempre depusitei a minha confiança sem restrições. Funciona, e é o princípio em que se baseia o negócio moderno, o tipo mais elevado: confiança mútua, construir uns sobre os outros, honra mútua.

Agora, há tudo isto numa casca de noz. Na verdade, ouvi dizer que é bom para a raça humana estar em conflito contínuo, porque torna os homens fortes. Sim, já ouvi falar de pugilistas, mas nunca conheci nenhum deles que tenha sido especialmente famoso pelo gênio ou por incendiar o mundo com os seus cérebros ou por mudar o curso do destino ou da história. Os paquidermes, seres humanos de pele grossa, têm o seu valor, mas não são exactamente o tipo que escolhemos quando queremos que uma pessoa trate de uma negociação muito difícil, delicadamente equilibrada e intrincada. Precisamos sempre de uma pessoa não só de cérebros mas também de coração, porque o homem de cérebros que não tem coração não consegue compreender o outro que pode ter apenas um toque de coração suficiente para lhe dar uma vantagem muito pesada sobre o homem sem coração. A pessoa sem coração é apenas meio-construído em psicologia; ele está numa enorme desvantagem. A outra pessoa colocará tudo isto sobre ela. Coração e cérebro trabalhando juntos fazem o ser humano completo, porque tanto a canção do coração como a filosofia da mente são.

Será que vamos continuar estes conflitos intermináveis? Penso que eles vão passar. Penso que a beleza e o respeito estão no horizonte mesmo agora; e penso que a forma de começarmos é connosco mesmos. Eu comigo mesmo, você consigo mesmo. Primeiro serei um bom cidadão do meu país, aconteça o que acontecer, obedecendo estritamente às suas leis. Serei um verdadeiro seguidor da sabedoria-religião dos deuses, que é a mais nobre herança do homem e a sua maior aspiração. A vida é então tão valiosa, tão cheia de acontecimentos, tão maravilhosa, que não temos outros desejos a satisfazer.

Gottfried de Purucker, "The Secret of Human Conflict".

Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XX, No. 12, Dezembro 1942, p. 529-536.

Em: *Wind of the Spirit*, 1st edition, 1944, p. 35-41.

Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>

Cada humano UM PACIFICADOR



Paz duradoura

Pensamentos-chave

- » A paz duradoura está baseada no Conhecimento intemporal da vida.
- » O Caminho da paz duradoura é uma harmonia dinâmica dentro de nós próprios.
- » Quanto mais universal é o nosso pensamento e ideais, tanto mais duradoura é a paz nacional e universal.
- » Ao formar núcleos de fraternidade universal, construímos uma atmosfera protectora na sociedade.
- » A paz duradoura é um processo dinâmico; as pessoas e os países empurram-se uns aos outros para a frente para uma paz cada vez mais nobre.
- » Criamos uma paz duradoura expressando a Harmonia divina do Universo nas nossas vidas.

Nos artigos anteriores discutimos as causas dos conflitos e as vias para triunfar sobre eles. Mas como eliminar permanentemente os conflitos? O que é a paz duradoura e como a atingir?

O desejo de uma paz duradoura vive em cada ser humano. Recordamos fortemente disto quando nos encontramos nós próprios em situações desarmónicas. É então que esta questão fundamental se nos impõe uma vez mais. A paz duradoura é muito mais do que a ausência de guerra. Um estado de paz que pode facilmente desembocar na guerra não é duradouro. A verdadeira paz é muito mais do que a ausência de conflito. Não deveríamos deduzir daqui que a paz duradoura deve ser procurada numa certa qualidade e foco na nossa consciência e na nossa vontade? Como podemos estar confiantes em que essa paz dure? Como pode asseguramos que as dificuldades que surgem são resolvida sem conflitos?

A paz duradoura está baseada no Conhecimento eterno da vida

A verdadeira paz deve ser baseada na natureza e no funcionamento do universo. Nos três princípios fundamentais da Teosofia encontramos as pistas para uma paz duradoura.

Estas ideias fundamentais têm sido tratadas em anteriores artigos desta edição, em especial no artigo *Nenhuma paz sem visão*. Em resumo, são elas: *unidade, ciclicidade e igualdade*.

A ideia de *unidade* significa que todos os seres estão radicados na mesma fonte, e assim, no nosso mais profundo âmago, não diferimos uns dos outros. Nós somos fundamentalmente um. Estando unidos também quer dizer que estamos fundamentalmente conectados uns com os outros. Deste modo, a fraternidade é um facto: o que acontece a um, acontece a todos. Nada pode existir separadamente do resto.

Sendo filhos da Vida ilimitada, transportamos dentro de nós potenciais ilimitados. Durante períodos alternados de actividade e de passividade (*ciclicidade*), nós desenvolvemos aquelas capacidades ilimitadas dentro de nós. Por meio das nossas recorrentes interacções com os outros seres, ganhamos experiências, obtemos oportunidades para aprender e tornar activas as nossas capacidades latentes. Assim, de acordo com a Teosofia,

cada ser e por analogia cada sociedade, é completamente *igual* a qualquer outro, porque cada um tem as mesmas capacidades ilimitadas dentro dele. Nós somos iguais, ainda que todos divergimos em carácter e capacidades activas. Porque atravessámos todos um único Caminho. Sendo todos diferentes, cada um de nós tem alguma coisa única para contribuir para o mundo. Deste modo, cada um de nós tem uma função válida e distintiva no todo.

Trabalhando em conjunto eternamente

Quando nos vemos uns aos outros como inseparáveis, cresce a consciência de que só nos podemos movimentar em conjunto. Colhemos aquilo que semeamos. Com qualquer acto de ajuda fazemos amigos, que cooperarão connosco nesta ou na próxima vida.⁽¹⁾ Com cada tentativa para alcançar os nossos objectivos pela força, criamos desarmonia, não apenas no mundo, mas também na nossa própria consciência. Esta desarmonia deve manifestar-se ela própria nesta ou numa futura vida – com todas as dificuldades que isso nos traz.

Quando pensamos nisto, refrearemos a tentativa de resolver as nossas diferenças de opinião por meio de violência ou ameaça de violência. Com a perspectiva da eterna cooperação com todos os seres humanos, olharemos para a solução dos problemas de forma verdadeiramente satisfatória.

Há, naturalmente, diferenças no grau de desenvolvimento dos seres individuais. Um ser humano está presentemente expressando o aspecto mental da consciência, enquanto, por exemplo, uma planta está desenvolvendo o aspecto vegetativo da sua consciência. Similarmente, há qualidades bastante diferentes para serem descobertas dentro do pensamento humano: isto foi investigado nos artigos *Nenhuma paz sem visão* e *A origem e a prevenção da guerra*. O Universo, e cada parte dele, pode ser visto como uma grande cooperação entre seres que, a agirem uns com os outros, estão desenvolvendo as suas capacidades ilimitadas, para benefício do todo. Podemos ver isto como um curso natural da Vida: *tudo vive e cresce através de e para o outro*.

O que é a paz duradoura ?

Baseado no acima mencionado, podemos definir a paz duradoura como segue:

A paz duradoura é um estado de harmonia dinâmica. Com isto queremos dizer que há uma cooperação na qual cada pessoa usa as suas qualidades desenvolvidas para benefício do todo e de modo geral é capaz de fazê-lo – ou seja, é capaz de desenvolver mais os seus talentos e de dedicá-los a enobrecer o mundo.

A humanidade não é, portanto, estática, mas um todo dinâmico. Todos contribuem para o melhor das suas capacidades *espirituais, mentais e físicas* para o progresso de tudo, sem antecipar qualquer recompensa para eles próprios. Porque isso é tudo para o bem estar de toda a humanidade.

O Caminho para a paz duradoura no mundo é a harmonia dinâmica dentro de nós próprios

Nós próprios construímos a nossa sociedade. As características da nossa sociedade são as de todos os seus membros: cada pessoa acrescenta a sua cor e o seu tom à totalidade. Todas estas características em conjunto determinam se os grupos numa sociedade cooperam uns com os outros, se se hostilizam uns aos outros ou se são indiferentes uns em relação aos outros. Portanto, a harmonia duradoura entre as pessoas da terra começa dentro de *nós próprios*.

Até que ponto a harmonia prevalece dentro de nós próprios? Primeiro, o que é que quer dizer harmonia interior? Por isso queremos dizer que todas as nossas faculdades, que todos os “raios” da nossa consciência trabalham conjuntamente em harmonia, em resumo, quando qualquer parte de nós faz exactamente o que deveria naturalmente fazer. Nas nossas *partes espirituais* estão para ser achadas verdade e sabedoria universais. Essas partes são o nosso “Mestre Interior”, a nossa consciência. Elas são a fonte dos nossos princípios éticos e ideais auto-transcendentes. As nossas partes *intelectuais* são capazes de expressar aqueles ideais na prática, de os transformar em acções sensíveis e bem planeadas. Os nossos *desejos* e as nossas *partes emocionais e físicas* são as ferramentas que nos capacitam a viver e a trabalhar no meio deste mundo. Assim, elas são certamente aspectos úteis, mas nenhuma sabedoria pode ser encontrada nas reacções instintivas dessas partes mais baixas. Nem são “lógicos”. Eles deveriam, portanto, desempenhar o papel de empregado. Só no nosso Âmagô Espiritual, o verdadeiro ser humano, reside a sabedoria para praticar as boas acções. Esta é também a ideia por detrás da comparação de Platão de justiça e harmonia com um sociedade em que as pessoas mais sábias estão no comando. Também dentro de nós próprios a parte mais sábia deveria governar.

Estabelecer a harmonia entre aquelas três partes de nós requer a adopção de alguns passos interiores, de que trata o artigo seguinte. Não é um objectivo distante, esta harmonia interior; afinal, nós podemos viver pelas nossas mais elevadas perspectivas e valores em cada dia. É o

Caminho da sabedoria, da esperança e da paz fundamental. O grande desafio é manter essa atitude. Deixá-la consolidar. Se fizermos isso, medos, desejos hostis e dependências, desconfiança e todos os sentimentos semelhantes não têm a oportunidade de entrar na nossa mente. Eles não cabem na cor e no tom dominantes do nosso pensamento. Vemos imediatamente a sua ilusória natureza. Podemos experimentá-los como uma espécie de tendência passageira, mas não nos deixemos guiar por eles.

A harmonia dinâmica pode, portanto, ser realizada no ser humano individual e conseqüentemente na sociedade e na humanidade como um todo. Ponto é que, em cada instante, sejam as faculdades espirituais a governar e as faculdades mais físicas a obedecer.

O que é que cria uma paz duradoura em nós próprios e no mundo?

Como é que a harmonia *interior* dentro de nós tem o seu efeito no mundo? Desta forma: quanto mais universais e sábios são os nossos ideais – na luz da Unidade, do movimento cíclico e da igualdade – tanto mais se conseguirá a paz duradoura nacional e internacional. Afinal, se a paz que nós procuramos inclui apenas o nosso próprio grupo – não importa o que queremos referir quando falamos no “nosso próprio grupo” – ou inclui apenas a humanidade sem o compromisso de todas as outras vidas da terra, estamos já plantando as sementes para futuras fricções, conflitos e obstáculos.

Três ideais básicos universais são: o amor pela Verdade ilimitada; o amor por todos os seres; o amor por todos os deveres satisfatórios de cada um dentro da humanidade. O que é que eles implicam? Muita perspectiva pode ser encontrada nos escritos dos Mestres Espirituais da Humanidade. Nós abordamos acima algumas destas perspectivas. Então, nas secções seguintes, discutiremos como se tornar resistente aos conflitos e como é que parece um mundo onde reina uma paz duradoura.

* ***O amor pela Verdade ilimitada.*** Um ideal de longo prazo pode apenas ser mantido como um objectivo na vida se estiver baseado na verdadeira natureza do Kosmos, assim, tanto quanto podemos compreendê-lo. Cada ser humano transporta a Verdade dentro de si próprio, nas suas partes espirituais, porque nós somos uma parte inseparável do Kosmos. Conectando com os aspectos interiores e universais dentro de nós próprios, nós desenvolveremos, a partir de dentro, uma compreensão da Verdade cada vez mais clara.

A Verdade é atualmente o ilimitado. Por outras palavras, até os deuses estão ainda aprendendo. Nós podemos sempre continuar a expandir a nossa visão disso. O amor da Verdade, portanto, requer uma contínua expressão para alargar pequenas verdades em largas verdades. Isso requer um contínuo pensamento independente. Só então seremos resistentes a alguma onda de suspeita ou acusação em relação a alguma outra pessoa, ou a alguns outros grupos. Isto pode parecer autoevidente, mas é precisamente aqui que as coisas continuam erradas no mundo – com todas as suas desastrosas conseqüências (ver os artigos *A origem e a prevenção da guerra* e *Protecção contra o descontentamento, a divisão, a discórdia e o ódio* nesta revista). O amor da Verdade ilimitada é, portanto, um pilar da Paz duradoura.

* ***O amor por todas as pessoas, por todos os seres.*** Nós, humanos, somos muito mais do que o nosso material exterior e do que os nossos mais baixos pensamentos e necessidades. Nós somos deuses na nosso essencial, e o nosso âmago espiritual é já um centro de sabedoria, de paz e de harmonia. Transportamos dentro de nós toda a sabedoria espiritual.

Uma vez reconhecido o que são os seres humanos, alargaremos o amor e o profundo respeito para com todos os seres humanos nossos companheiros. Não os julgaremos. Vivendo a partir das nossas mais elevadas perspectivas, seremos capazes de estimular outros a fazer o mesmo. Agiremos, cooperamos, a partir de uma inabalável confiança na essência divina de cada ser humano. E teremos a mesma atitude para com todos os seres não humanos que, afinal, transportam a mesma consciência cósmica dentro deles.

* ***O amor pelo cumprimento das suas tarefas dentro da humanidade, dentro do Planeta.*** Por isto queremos referir: a persistente vontade de trabalhar para o desenvolvimento e bem estar do todo, e ser cada vez mais capaz de o fazer. Cada nação, cada ser humano, deveriam querer cumprir o seu trabalho no mundo, adoptar um papel benevolente, dando o mais nobre de si próprios – “dar a sua vida”, não para morrer, mas para viver, *durante* a vida.

Isto quer dizer: desistir de todas aquelas coisas e dependências que nos limitam no nosso crescimento da consciência e que conserva a nossa sociedade na grilheta de uma estreita visão do autointeresses. Cada um pode fazer isso, simplesmente agindo de acordo com aqueles ideais que

transcendem os interesses individuais ou de grupos e para aperfeiçoá-los. Katherine Tingley fala no seu contexto de *patriotismo mundial*: a lealdade para com a sociedade e o patriotismo de cada um, mas sempre a partir de um espírito de fraternidade espiritual: veja-se a nota a partir do escrito de Katherine Tingley imediatamente a seguir a este artigo.⁽²⁾

Prevenindo conflitos por meio da irradiação de uma atmosfera mental de pensamentos

Como é que se cria e guarda a paz duradoura no mundo, no qual nem todos estão ainda conscientes da unidade subjacente da Humanidade? Na qual muitas pessoas estão ainda carregando facilmente ondas de emoções negativas para com os outros? A paz duradoura não é tanto uma certa situação externa – se fosse, estaria dependente de situações externas – mas uma forma de olhar para as coisas, uma atitude para com a vida. Isto quer dizer que cada um de nós, a cada hora, pode “vivenciar a paz”. Nada nos pára a não ser nós próprios. Por consequência, nós formamos *núcleos da paz duradoura*, sob a forma de indivíduos e de grupos que não querem ser hostis aos outros e que procuram constantemente os melhores caminhos para estimular a expressão das mais elevadas potencialidades em cada um e nos seus companheiros seres humanos.

Aqueles núcleos de paz duradoura agem como exemplos para os outros. Há alguma coisa mais evidente no mundo do que um exemplo *vivo*? As pessoas que expressam os seus ideais, pequenos ou grandes, *vivendo-os*, naturalmente e sem egoísmo, são a evidência mais forte de que esta capacidade pertence à natureza humana. Os nossos companheiros seres humanos começarão por reconhecer os enormes benefícios da paz duradoura. Ver-se-ão os seus frutos: a saúde interior e a estabilidade exterior. Os exemplos da vida real far-nos-ão pensar. O altruísmo é alguma coisa natural. Isto é mais bem explicado por Gottfried de Purucker no primeiro apontamento a seguir a este artigo, chamado *Altruísmo*.

Desenvolvendo-nos nós próprios no núcleo da paz duradoura, irradiamos simultaneamente *uma atmosfera mental, a qual desempenha um papel de inspiração, de protecção e de purificação da sociedade*. Veja-se no artigo *Ajudar realmente*. Dentro de uma esfera altruísta de pensamento, os conflitos não têm possibilidade, pois simplesmente não há terreno fértil para eles. Compare isso a uma equipa que está diante de uma dificuldade maior. Muitos membros da equipa estão emocionalmente perturbados mas um

deles conserva-se calmo. Ele ou ela investiga em conjunto com os outros em que é que consiste a dificuldade e discute com todos eles como é que pode ser resolvida. A ênfase não é mais uma atribuição de culpa, ou na defesa da nossa própria posição, mas em todas as mentes trabalhando em conjunto para encontrar a melhor solução. A interação toma o lugar de uma tonalidade construtiva. Uma pessoa acalme o pensamento colectivo do grupo e se assegure que se revele o melhor de cada pessoa.

Porque cada pessoa e cada grupo de pessoas age a partir da Harmonia Interior como um poder mental transmissor (pensamentos que nós enviamos em todas as direcções, diz o artigo *A origem e a prevenção da guerra*), muitas pessoas em toda a parte no mundo seriam estimuladas a fazer o mesmo – se eles abrirem as suas mentes para uma aproximação tão imparcial, visando o bem estar de toda a humanidade. Portanto, uma tal atmosfera de inspiração mental tem um amplo alcance.

A paz internacional em prática

O nosso mundo está cheio de tensões. Algumas das quais estão agora expressando-se de forma violenta. E algumas das quais estão ainda adormecidas. O que é que o mundo parecerá quando grupos de pessoas compreenderem que paz duradoura é apenas o caminho que nos guia para fora do ciclo da violência e do trauma?

O que atrás está descrito são apenas exemplos, que se podem traduzir ainda em acções mais inspirativas. Afinal, cada reforma é o estágio embrionário de reformas ainda mais fundamentais. Estamos evoluindo constantemente.

Num mundo *activamente* pacífico, os países ajudam-se uns aos outros a crescer. Eles trocam sabedoria e crescimento. Os aderentes de cada religião estudam as fontes de cada uma. Cientistas, incluindo médicos, trabalham em conjunto. Os reformadores da educação visitam-se uns aos outros. Os acordos comerciais são bastante bons, querendo significar oportunidades de desenvolvimento para os países economicamente mais fracos. Os países *impulsionam-se* uns aos outros.

O princípio da igualdade é posto em prática, mas não excluindo nenhum país em desvantagem. Em resultado – porque ninguém contesta os outros grupos e porque há confiança de que os bens serão partilhados, se necessário – não acontece nenhuma tensão, nenhum ressentimento ou traumas, nenhuns medos ou desejos materiais. Em resultado disso, os conflitos são atacados na raiz. Existe a ideia de que cada indivíduo e portanto cada nação, transporta dentro dele todas as faculdades cósmicas e que nos

deveríamos ajudar-nos uns aos outros a expressar isto. E se há problemas, os países falam uns com os outros, ouvindo as necessidades de cada um. Quando se chega a temas muito sensíveis, que continuam a minar teimosamente o relacionamento, faz-se apelo à mediação. Considere o potências mediadoras de pessoas que ganharam respeito a nível mundial, como *The Elders* (Os Mais Velhos).⁽³⁾

O desarmamento e a protecção dos civis e do território

Muitos tratados internacionais e declarações apontam já para uma paz internacional e para a dignidade humana. Se nós conservamos as nossas próprias promessas, e estabelecemos estes tratados – mesmo em situações difíceis – veremos imediatamente uma substancial descompressão neste mundo. Um desarmamento geral e maior pode então começar.

Um desarmamento geral baseado num acordo mútuo não é uma quimera. Ele beneficiará toda a gente. Por que é que não limitaríamos as unidades armadas a uma força policial dentro de cada país? Para um exemplo prático, vejamos a caixa “O Exemplo da Costa Rica”.

Funcionando com uma tal *força policial* requer um elevado padrão ético. Muita coisa depende do próprio treino, não apenas físico mas também mental e espiritual. Na verdade, queremos referir-nos a uma espécie de

polícia que se assemelha um pouco aos “guardas” a que Platão se refere no livro *A Republica*. Os guardas são descritos como servos do estado e portanto do todo, os quais apenas podem desempenhar as suas funções a após um treino bem sucedido, não apenas físico, mas também de sabedoria, um intensivo treino de autocontrolo.

Estes oficiais de polícia são ao mesmo tempo corajosos e mansos. Eles são treinados para servir o bem estar de todos os humanos, seja quem for. Por vezes, pode ser necessária uma certa dose de força controlada, por exemplo, quando um grupo de pessoas começa a agir fora de controlo. Todas as outras vezes eles comprometem-se, e podem ser usadas capacidades e recursos para efectivar ajuda em situações de emergência. Pensemos na assistência depois de desastres naturais ou na recepção de refugiados.

A paz duradoura: uma atitude mental activa

Um estado de paz duradoura é dinâmico porque está baseado no crescimento interior. Cada país tenta realizar os seus mais elevados ideais. Aquelas tentativas arrastam consequências que são sem dúvida lições valiosas para os passos seguintes. Em resumo, cada grupo de pessoas, cada país, pela sua própria via, transmite o princípio da fraternidade espiritual na prática. Assim se aprende verdadeiramente. Deste modo, a paz duradoura nunca acontece apenas pela opinião externa. Cada pessoa aprende mais por meio da sua própria auto-concepção, dos propósitos

O exemplo da Costa Rica

Que um país pode adoptar todas as políticas de uma paz duradoura provou-o a Costa Rica. Em 1948, o Presidente da altura, José Figueres Ferrer, aboliu o exército. Ele fez isso depois de o país ter atravessado uma guerra civil sangrenta. Isto fez da Costa Rica um dos países do mundo sem exército. O país foi uma das forças dirigentes de *Esquipulas Agreement*, um tratado de paz regional assinado por cinco países. De igual modo, a Costa Rica sempre se comprometeu com soluções não-violentas, nacional e internacionalmente, sempre que os conflitos rebentam. Esta activa política de paz tomou forma na própria Costa Rica por meio do desenvolvimento de uma educação boa e livre para todos e cuidados de saúde acessíveis para todos. A natureza abundante é protegida e a água é usada para renovar a energia. Na Costa Rica os cidadãos, os negócios e as instituições estão envolvidos na elaboração de políticas e, portanto, na promoção da harmonia interna.

Resumindo, para a Costa Rica, a paz duradoura quer dizer muito mais do que a ausência de guerra. O que é que a Costa Rica consegue com esta política? Vamos mencionar alguns índices internacionais: o país enfileira relativamente alto no *índice de paz global*. O que o torna o país mais pacífico da América Central.⁽⁴⁾ Ele também enfileira alto no *Índice da Paz Positiva*.⁽⁵⁾

Apesar de tudo isso, há também alguns problemas urgentes na Costa Rica, tais como a igualdade da renda e o tratamento dos emigrantes. O país ainda não foi bem sucedido na eliminação da corrupção. Não estamos, portanto, a retratar a Costa Rica como algo de um país ideal, mas como um país que prova que a paz duradoura pode ser posta em prática, no mundo de hoje.

de iniciativa própria. E é justamente o resultado de todas estas diferentes experiências, comparadas umas com as outras, que nos torna todos mais ajuizados.

Em resumo, a paz duradoura é um processo muito dinâmico: as nações impulsionam-se umas às outras. Cada pessoa que expressa a paz duradoura eleva a sua sociedade e cada sociedade expressando a paz duradoura eleva a humanidade. As incontáveis pessoas que servem como uma âncora de estabilidade espiritual no seu pequeno círculo, conta tanto como os outros que, por uma razão ou por outra, ganham fama como pacificadores. Cada geração tem o trabalho de passar para a geração seguinte as suas mais universais capacidades; não através da imposição delas, mas explicando, inspirando, demonstrando pelo exemplo. A paz duradoura depende de um elevado grau de educação. A paz duradoura requer uma visão clara de uma sociedade harmoniosa, mas isso pode ser reconhecido como um estádio muito antecipado onde as coisas podem dar erradas. No *Tao Te King*, Lao Tsé dedica um verso para a relativa facilidade com que uma situação desarmoniosa, quando ainda é pequena, pode ser reparada, assim evitar possíveis explosões emocionais e violentas.⁽⁶⁾ Uma pessoa precisa apenas de pensar no bem conhecido a longo prazo e repetidamente ressurgem conflitos no mundo, para ver como muitos sofrimentos podem ser prevenidos quando identificados e solucionados a tempo e horas.

Deste modo, a paz duradoura é uma atitude activa. Não se trata de esperar as coisas para darem errado. Trata-se de uma atitude contínua e activa para tentar promover a cooperação, inspirada numa visão crescente da interconectividade de todos os seres.

O Caminho diante de nós

Todos os passos interiores que nós tomamos na nossa vida, levamo-los connosco para a nossa próxima vida. Nós começamos a nossa próxima vida com a perspectiva e a atitude que adquirimos no fim da nossa vida actual. Portanto, faz todo o sentido manter a nossa vida caminho centrado na paz duradoura, até ao último dia. As sociedades são também repetidamente renascidas. Qualquer grupo de pessoas que trabalha em conjunto virá em conjunto outra vez num ciclo futuro, por meio da atracção mútua – com todas as características e hábitos positivos e negativos daquele grupo.

As sociedades sempre caminham através de períodos de florescimento exterior e força, e através de períodos quando esta sociedade funciona mais nos bastidores do

palco mundial. Trabalhar para uma paz duradoura significa dedicar-nos, em tempos de paz e prosperidade, bem como em tempos de crise, ao trabalho altruísta para a humanidade. E quando as coisas se tornam difíceis, quando o nosso crescimento se esgota ou os nossos bens são destruídos devido a causas naturais ou ao comportamento humano, não damos oportunidade ao medo e ao egoísmo. Neste caminho – transcendendo as ilusões cíclicas do optimismo e do pessimismo – continuamos a percorrer o Caminho da fraternidade universal.

A paz duradoura consiste em “trazer para a terra o que já está no céu”. É a aprendizagem para expressar a tónica do Coração do Universo. Há uma vasto campo de Evolução diante de nós!

Que qualidades é que alguém possui para expressar a paz duradoura? O que é que isso significa na prática do dia a dia? Leremos acerca disso no artigo seguinte.

Referências

1. W.Q. Judge, “Friends or Enemies in the Future?” [“Amigos e Inimigos no futuro?”] Artigo em: *The Path*, Vol. 7, Janeiro 1893, p. 321-323). Em: *Echoes of the Orient*. Vol. 1, p. 315-317, segunda edição 2009.
2. K. Tingley, *The Gods Await*, p. 39-43. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/katherine-tingley/the-gods-await/>
3. Fonte <https://theelders.org>.
4. Fonte: <https://www.visionofhumanity.org/maps/#/>.
5. Fonte: <https://resourcewatch.org>, Ver “positive peace index” [índice da paz positiva].
6. Lao Tsé, *Tao Te King*, verso 64.



A cooperação humano ideal é uma harmonia *dinâmica*; cada pessoa tem a chance de desenvolver as suas próprias características potenciais, e usar persistentemente os seus poderes desenvolvidos para o bem estar do todo.

Altruísmo

Gottfried de Purucker explica neste artigo, de uma forma que fala directamente aos nossos corações e mentes, quão normal, quão universal, e quão essencial é o altruísmo.

Quando se ouve ou lê sobre o altruísmo, a natureza humana está tão inclinada a imaginá-lo como algo estranho para nós, algo sobre o qual falamos e que é tão desejável seguir, mas que na realidade é muito impraticável e, portanto, inviável. Não é da natureza do homem ser altruísta. Por outras palavras, todos estão sob o feitiço da ideia de interesse próprio para cada indivíduo. Quase toda a humanidade acredita nesta presunção, mas será que ela tem algum fundamento na própria Natureza? Não tem nenhum fundamento, porque para onde quer que olhemos, o que quer que consideremos ou estudemos, descobrimos que o indivíduo que trabalha apenas para si próprio é impotente; para onde quer que olhemos em todos os grandes reinos da natureza, há unidade de esforço, cooperação, comunidades. Não é apenas a própria Natureza que está trabalhando para realizar isto, portanto, o que encontramos em toda a parte, mas tudo o que é contrário e oposto a esta lei fundamental do Universo – a unidade em acção – produz desarmonia, luta, e aquilo a que nos nossos próprios corpos chamamos doença. A saúde é aquela condição de estrutura corporal onde todas as partes trabalham para um fim comum: naquilo a que podemos chamar amizade, naquilo a que podemos chamar união.

Considere as pedras: não serão elas combinadas, não serão elas uniões de indivíduos compondo, fazendo, produzindo, uma coisa? Nenhum átomo de qualquer dos elementos químicos de que qualquer pedra é composta, é a própria pedra. Que tal a flor encantadora? Que tal os corpos em que vivemos? E que tal um único homem? Poderia ele sozinho produzir as grandes obras que os homens inclinaram o seu génio para alcançar? O que é a civilização senão os esforços combinados dos seres humanos para realizar grandes e nobres obras na vida humana – para aumentar a prosperidade, eliminar o perigo, produzir criações engenhosas por grandes figuras

que contribuem para a nosso bem-estar e nos beneficiam a todos? Mostre-me um único exemplo onde o puro interesse próprio tenha produzido qualquer coisa. Não encontramos nada, se consultarmos a Natureza em todos os seus reinos, mas sim a unidade de funcionamento trazida por múltiplas tonalidades de indivíduos que cooperam para um fim comum. E o que é isso senão o altruísmo? Altruísmo é a palavra que damos a este facto quando vemos o seu significado ético, e este significado não difere em nada, nem de grande forma, nem de pequeno, nem do que vemos no mundo físico. Altruísmo significa que um indivíduo trabalha para o todo – a lei fundamental da Natureza em todas as suas grandes estruturas – e que o todo é a protecção, o escudo e o campo de acção do indivíduo. Pense na profunda lição moral, a dedução, a ser tirada deste maior mistério do universo – não mistérios, mas verdades. É um fenómeno tão normal à nossa volta que normalmente a passamos sem ver, com olhos que não percebem. Deixe-me ver uma coisa que pode existir completamente em separado por um único momento. (...)

Somos todas os filhos – para usar o vernáculo das escolas semi-filosóficas do dia – do Universo, do seu lado físico e do seu lado espiritual e divino. Sendo assim, há em cada peito humano uma fonte imortal não só de inspiração, mas também de crescimento, de esperança, de sabedoria, e de amor. (...)

Por conseguinte, não vejo nada de horrivelmente desesperançoso sobre a condição do mundo de hoje. Acredito não só que há fundamento para a esperança, mas que a centelha eterna da espiritualidade, da sabedoria e do amor ao altruísmo, vivendo sempre no coração humano, levará a raça humana não só para fora da sua actual série de impasses, de dificuldades, mas para dias mais brilhantes, que serão mais brilhantes porque mais sábios e mais suaves. (...) Dentro de cada um de nós há algo divino a que nós podemos agarrar, e que nos conduzir!

Não me fale do altruísmo como algo estranho ou exótico para nós, invulgar, impraticável, e portanto inviável; pois é a única coisa que vive perpetuamente, a única coisa que perdura para sempre. ...

— G.de P.

>

Gottfried de Purucker, “Altruism”. Artigo em: *The Theosophical Forum*, Vol. XII, No. 5, maio 1938, p. 289-292. Em: *Wind of the Spirit*, 1ª edição, 1944, p. 25-28. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit>

Sobre o patriotismo mundial

Nesta citação, Katherine Tingley mostra de forma convincente em que se baseia a paz duradoura. É um excerto da citação das p. 134-138 desta edição, que repetimos aqui porque capta a essência do artigo Paz Duradoura.

A necessidade mais vital de todos os povos da Terra é a paz duradoura; e para obter a paz permanente temos de criar e manter um espírito internacional ou Patriotismo Mundial – que virá como resultado do reconhecimento de que o que afecta uma nação, afecta todos; que até ao ponto em que se ascende aos picos do conhecimento e do bem-estar, até agora todos os outros se seguirão; por mais profundo que se possa afastar dos seus ideais e cair no egoísmo nacional, até essa profundidade, ou mais baixo, na natureza das coisas, os outros também serão arrastados para baixo: que cada nação deve participar do bom e do mau karma de todos.

Num país que baseasse a sua vida inteiramente no princípio e no espírito da fraternidade humana, o patriotismo seria uma coisa totalmente nobre; e o seu objectivo não seria pôr os corações a bater ao som de um tambor, mas induzir todas as mentes em concepções mais amplas do sentido da vida. Se cada nação cultivasse o patriotismo e a lealdade nacional desse tipo, o mundo em breve estaria unido num sistema beneficente universal.

Os interesses nacionais deveriam ser-nos caros: tão caros que deveríamos estar ansiosos por dar as nossas vidas – vivendo e não morrendo – para preservar a realidade, a vida interior e a beleza espiritual dos nossos países; para proteger as gerações futuras e deixar-lhes um património de vida nobre, uma dignidade incorruptível de cultura como o dinheiro não pode comprar nem a força bruta alcançar ou defender.

A lei mais elevada do nosso ser exige que construamos as nossas nações sobre a rocha daquela sabedoria duradoura que pertence à Alma Divina do Ser Humano, e criemos

os nossos filhos em conformidade, para que eles e a sua posteridade depois deles possam não conhecer as tristezas que conhecemos, mas construamos dos ricos resultados dos nossos esforços a fundação da grande República da Alma – aquela República Interior da qual todas as almas são cidadãos: para que ela possa ser estabelecida “na terra como no céu”.

Katherine Tingley, *The Gods Await*, 1ª edição, 1926, capítulo “War versus Patriotism” [“Guerra versus Patriotismo”], p. 39-54 e 68-72. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/katherine-tingley/the-gods-await/>

Cada humano UM PACIFICADOR



O que é que *eu* posso fazer? E o que é que posso fazer *agora*?

Pensamentos-chave

- » Devido à nossa inextricável interconectividade, não podemos viver sem afectar os outros.
- » A questão, portanto, não é se temos influência, mas qual é a qualidade dela.
- » Neste artigo discutimos cinco atitudes mentais que nos permitem construir uma protecção interior contra alguma forma de pensamento separativo.
- » Na medida em que formos bem sucedidos ao fazer isto, contribuimos em conformidade para o tudo.
- » Ao introduzir poderosas correntes de pensamento na harmonia e na paz universais, seremos capazes de ajudar cidades, países e em última análise o mundo. quality?

Se bem nos apercebemos disso ou não, devido à nossa inextricável interconectividade, sempre influenciámos o todo. O que é que podemos fazer aqui e agora para deixar a nossa influência ser uma força protectora e auxiliar no mundo? Ou, por outras palavras, como ser um pacificador?

Nos artigos anteriores discutimos a nossa unidade fundamental e como é que nós, a despeito desta unidade e conectividade, cegos por um sentido de separatividade e autointeresse, ainda nos perdemos num conflito. Explicámos o processo de decadência numa tal situação de conflito, como achar o nosso caminho fora disso, e o que é que é necessário para estabelecer uma paz real e duradoura.

Mas, até agora, temos estado falando particularmente sobre um processo em larga escala, num nível nacional e internacional, acerca de restaurar a harmonia no mundo entre e dentro dos países, Neste conclusivo artigo, vamos ampliar ainda mais *em nós próprios* em que é que cada um de nós pode contribuir substancialmente para a paz mundial.

Uma questão fundamental que se põe a uma pessoa genuína quando lhe toca no coração de ver o sofrimento dos outros é: que posso *eu* fazer aqui

e *agora*? Como posso eu contribuir para uma solução?

Este grito sincero do coração é acompanhado por um sentimento de desamparo; para quê, afinal, serve a minha influência? “Posso fazer tão pouco, eu”, suspira-se comumente. Mas nada pode ficar mais longe da verdade. Porque temos sempre alguma influência. Nós podemos fazer a diferença e podemos contribuir substancialmente para a paz no mundo. Porque você *é* a diferença, se você aperceber-se de quem realmente é e tem a vontade de *ser* a diferença.

A solução reside dentro de nós

Como em cima, assim em baixo O comportamento da humanidade é um reflexo de todas as pessoas individuais em conjunto e aquilo que nós vemos acontecer à nossa volta numa escala global tem a sua origem em nós próprios. A decadência, a emergência da discórdia, uma visão hostil do “outro”, o início do conflito... Mas a solução – restaurando a harmonia, o

sentido da unidade – está também dentro de nós. A paz no mundo começa com a paz dentro de nós próprios. Neste artigo, portanto, vamos tentar descobrir onde podemos achar aquela solução dentro de nós próprios e como “activá-la”.

No artigo *A origem e a prevenção da guerra*, mostrámos que a causa do conflito é sempre um problema de *mentalidade*. A falta de pensamento independente e uma bússola moral conduz a uma sensibilidade à propaganda, pensando em separatividade e autointeresse. A causa do conflito, da desarmonia e do sofrimento pode sempre ser delineado de volta para uma visão limitada da vida, uma falta de pensamento sábio. Como podemos nós desenvolver essa durável parte de nós próprios, no qual já mora esta sabedoria – esta realização de unidade essencial?

[A chave para a compreensão, conhecimento e sabedoria, é a autoidentificação com o Deus dentro de nós.](#)⁽¹⁾

No artigo anterior mencionámos que somos deuses em embrião. Que nós temos um centro espiritual no qual *já agora* a sabedoria, a paz e a harmonia estão presentes. É a parte divina em nós a partir da qual todas aquelas características que dão expressão à unidade fundamental da vida: os nossos mais elevados ideais de uma sociedade pacífica, o nosso sentido de justiça e de unidade. Cada um pode desenvolver estas qualidades dentro de si próprio. É próprio de nós sintonizarmo-nos com esta fonte interior e esta escolha é cem por cento nossa. A única razão pela qual ainda não realizámos já isso deve-se apenas a nós. Cada um de nós e a cada momento podemos escolher entrar dentro de nós e conectar activamente com o nosso centro de sabedoria universal.

E é a activação destas qualidades interiores que nos oferece protecção contra as influências da propaganda e das falsas notícias. Quando vivemos nesta parte de nós, não estamos mais a “andar para um lado e para outro como uma folhas arrastada pelo vento da opinião pública e dos manipuladores,” tal como se descreveu no artigo *Nenhuma paz sem visão*. Porque isso proporciona-nos uma âncora interior e moral que simplesmente nos evita ser sensíveis a algum discurso de ódio e de efeito psicológico.

Cinco passos para um potente sistema imunitário interno

Mas como fazer isso? A resposta é tão simples como a verdade: aplicando aquelas divinas características, *tornamo-nos uma expressão viva disso*. Naturalmente, é mais fácil dizer

do que fazer, mas nós não estamos sós nisto, porque a ajuda nesta direcção pode ser sempre encontrada na Teosofia. Nas suas *Instruções Esotéricas*, Gottfried de Purucker dá-nos cinco conselhos universais⁽²⁾, cinco características ou atitudes mentais, para activar, para desenvolver aquela sabedoria interior. É um treino no Amor universal e impessoal, que forma literalmente um sistema imunitário mental, que nos permite ficar acima de qualquer susceptibilidade ao conflito.

Que regras são estas? O que é que há de tão especial acerca delas e por que é que elas são tão importantes? Discuti-las-emos numa ordem livre, explicando por que é que elas providenciam uma protecção interior contra algum pensamento de separatividade e desarmonia.

Nunca retaliar

O primeiro fala por si próprio: nunca retaliar. No artigo anterior, um dos pilares da paz duradoura era “amor por todos os seres” e se há uma coisa que vai contra isto é a retaliação. Olho por olho, dente por dente é a mentalidade que pertence ao nosso passado e nos guia para um mundo em que cada um é cego e sem dentes. Segundo a lei do karma, a característica da consequência está sempre de acordo com as características da acção.

Um cão falso nunca se tornará melhor se o pontapearmos. Anos de experiência na justiça criminal mostram que a punição e a retribuição não fazem as pessoas melhores e portanto não providenciam soluções sustentáveis. À luz do karma, a retaliação significa plantar uma semente de ódio na consciência de ambas as partes que mais tarde ou mais cedo terá as suas consequências de características correspondentes. A retaliação é a receita para uma espiral de violência que continuará a repetir-se ela própria.

Por isso, Lao Tsé diz, no *Tao Te King*: “Sou bom para as pessoas que são boas. Sou também bom para as pessoas que não são boas. Porque a Virtude é a Bondade”⁽³⁾ Só a bondade pode dissipar o mal como a luz dissipa a escuridão. Encontramos a mesma ideia no Sermão da Montanha da Bíblia. No qual se afirma que nunca devemos pagar o mal com o mal. E no caso de alguém lhe bater na face direita devemos dar-lhe a bater também a esquerda. É o princípio bem conhecido: “Ama o teu inimigo.”

Nunca se justifique

A regra seguinte é mais subtil do que a retaliação e é assim: nunca se justifique. A autojustificação é menos óbvia, talvez porque se priva de algo tão grosseiro como a

retaliação. E todavia é não menos importante. Bem ao contrário. Por que é que é assim? Porque ao justificarmos a nós próprios estamos a focar-nos naquela parte de nós que acredita estar separado do outro, o que só reforça o sentimento de separatividade dentro de nós.

Naturalmente que não há nada de errado em clarificar um mal entendido de uma forma calma e impessoal em ordem a evitar a desarmonia. Mas a autojustificação, tal como se refere aqui, respeita à defesa de um sentimento *pessoal* de injustiça. Na verdade, isto alimenta o antagonismo entre eu e o outro – o outro que me “ofendeu” – o que tem sempre um efeito restritivo.

Fortalece a sua personalidade egocêntrica, endurece a sua própria esfera e reduz a sua consciência, colocando-o num estado em que a possibilidade de discussão e conflito aumenta. Refreando a tentação de se justificar minimiza a possibilidade de criar discórdia.

Para mais, tal como no caso de retaliação, a autojustificação enquadra a continuação de uma cadeia negativa de causa e efeito. Isto pode necessitar de alguma explicação mais: a lei do karma implica que cada coisa que nos sucede é resultado das nossas próprias acções. No momento em que alguma injustiça nos acontece, nós não sabemos o que em tempos fizemos ou deixámos de fazer, que ocasiona agora sermos confrontados com a consequência, com esta “injustiça”. Em qualquer caso, é uma consequência que advém para nós em resposta a causas que nós próprios pusemos em movimento. Isso é mesmo outra razão para não cair na autojustificação, mesmo que isso *pareça* justificado. Karmicamente, devido às nossas próprias acções, desembocamos sempre naquelas circunstâncias que são estritamente justas.

“Deixe as suas acções falarem mais do que as suas palavras”, é portanto o conselho dos grandes professores do mundo. Deixemos que as nossas acções sejam nobres e belas e não precisamos de nos aborrecer com coisa nenhuma. Deixe isso para a Lei.

É exactamente o mesmo princípio que Lao Tsé mostra, ser bom por amor à bondade, de forma a estimular correspondentemente a bondade nos outros. Portanto, não defenda a injustiça pessoal com palavras, mas com acções rectas, o único caminho verdadeiramente efectivo para prevenir futuras injustiças.

No artigo *Consciência e não-violência, armas da força moral* falámos sobre seguir a nossa consciência em situações de conflito. Quando tiver feito a coisa certa, o seu a parte interior universal estará mais presente e activa reflectindo a justa experiência das suas circunstâncias.

Isso ocasiona um sentido todo compassivo de justiça, que nos traz uma paz interior, deixando o sentimento de ressentimento incrivelmente fraco pelo chão, até desaparecer completamente com o tempo.

Aprender a perdoar; aprender a amar

Talvez a mais importante das cinco atitudes interiores seja a seguinte: aprender a perdoar, aprender a amar. Ambas as regras prévias, a de refrear o ressentimento e a autojustificação, visam controlar os nossos próprios sentimentos. Perdoando e amando incondicionalmente trata-se de nos pormos a nós próprios de uma forma activa na posição de outra pessoa, identificando-nos com o outro. Ao fazer assim, esquecemo-nos de nós próprios e activamos aquela parte mais interior da nossa consciência já descrita anteriormente como um centro de sabedoria universal, que realiza a conexão com outros.

Aprendendo a perdoar tem tudo a ver com a compreensão, com a vontade de compreender realmente o outro. Requer uma visão mais profunda que permite distinguir entre uma acção e aquele que cometeu a acção. Uma acto que nós principalmente rejeitamos, mas que não limitamos o seu actor para apenas aquele acto. Desaprovamos o acto, mas *nunca* o ser humano que o praticou. Somos capazes de reconhecer a alma que aprende atrás do actor que, tal como nós, aprende por provas e erros.

O perdão é uma compreensão interior que o homem reencarnante, a uma certa altura, foi incapaz de controlar a sua própria personalidade. Por isso, a bonita francesa dizia: *Tout comprendre, c'est tout pardonner* (compreender tudo é perdoar tudo). Tentemos pôr-nos na posição do outro. O que é que incita uma pessoa a agir assim? E em vez de pensar acerca da retaliação, perguntemo-nos o que é que a outra pessoa necessita para vencer a sua fraqueza. Como Etty Hillesum, uma mulher judia que assumiu o bom em cada pessoa mesmo no campo de concentração. Em vez de sentir medo e ódio, ela admirou-se com o que havia de errado na alma do director do campo e o que ela podia fazer para o ajudar a regressar à sua humanidade, à parte verdadeira da sua alma.

Perdoar é às vezes confundido com fraqueza, com o deixar alguém calcar os pés em cima de si. Mas este exemplo mostra que é exactamente o oposto; é necessária força interior para passar por cima de um sentimento pessoal de ressentimento e ódio, passar por cima daquela parte de nós próprios que sente ser uma vítima. Porque o verdadeiro perdão consiste em pensar que a outra pessoa é mais do que apenas uma única acção e que nós

somos mais do que a nossa personalidade que se sente vitimizada. Por este caminho conseguimos, tanto nós como a outra pessoa, ultrapassar o nível da conflitualidade. O perdão e o amor impessoal são, portanto, a melhor protecção contra a desarmonia, é literalmente o nosso interior sistema imunitário contra alguma forma de pensamento separativo. E, portanto, eles são também os mais importantes traços de carácter para prevenir conflitos, agora e no futuro, porque estamos cortando as raízes de alguma futura desarmonia. Se somos capazes de perdoar e de amar impessoalmente, então esses dois traços anteriores seguirão naturalmente. É um treino para a força moral, removendo de todo o terreno a ideia do inimigo.

Não se preocupe com insultos reais ou imaginários

As duas primeiras regras – abstenção de vingança e auto-justificação – consistem em impedir-se de *expressar* o desagrado que se sente. Esta regra – não se preocupe com insultos reais ou imaginários – vai um passo além, um passo para dentro, por assim dizer. O seu objectivo é *ultrapassar* esse sentimento de desagrado, não permitindo que *a ideia lhe entre na mente* de ser atacado ou insultado, ou mesmo de *poder* ser insultado, e assim não lhe dando uma oportunidade de se enraizar em si.

No artigo anterior discutimos a prevenção dos conflitos por meio de uma esfera de pensamentos protectores na qual os conflitos não tenham oportunidade, justamente porque não têm um campo fértil para se desenvolver. O mesmo se aplica a nós próprios dentro da nossa esfera de pensamento. Os pensamentos exercem sempre uma influência; cedo ou tarde eles acham o seu caminho sob a forma de palavras ou de acções físicas. Por meio da promoção da desarmonia mental interior, fortalecemos forças desarmónicas que se traduzirão em desarmonias exteriores.

Ao proceder assim não está apenas a prejudicar a outra pessoa, mas também a si próprio, o que foi claramente explicado na seguinte citação de W.Q. Judge:

Cada atitude condenatória assumida por mim age em ambos, no meu irmão e em mim próprio, produzindo nele uma tendência para repetir o acto condenado, e aumentar em mim quaisquer sementes de mal que eu tenha.⁽⁴⁾

G. de Purucker elabora sobre isto um pouco e descreve muito claramente o que acontece exactamente, mesmo na nossa própria consciência, quando se condena outra pessoa apenas em pensamento:

A razão científica é que o homem que julga os outros distorce, murcha, deforma, torce, a sua própria mente; porque normalmente quando julgamos os nossos irmãos, de forma adversa, ou seja, de forma pouco gentil, imprimimos na nossa alma uma marca de indelicadeza, e distorcemos o tecido da nossa consciência de forma equivalente.

(...) Se, por exemplo, eu julgo o meu irmão como sendo um homem desonesto – usando isto como um exemplo – então na minha própria alma eu deixo uma marca de desonestidade, porque eu tenho este pensamento tão fortemente na minha mente que ele próprio fica ali impresso, e também na minha própria alma; e a minha mente torna-se desonesta porque eu pensei tanto acerca disto que isso segue automaticamente a marca psíquica que eu lhe dei. Eu distorço, deformo a minha própria alma.⁽⁵⁾

Aqui reconhecemos a explicação mais profunda de Marco Aurélio, afirmação tão verdadeira: *Torna-se aquilo que se pensa*. Portanto, evite irritar-se com insultos reais ou imaginários, porque isso só enfraquece a sua resistência mental à desarmonia.

Mas também ajude outros a este respeito! Esta perspectiva também mostra a responsabilidade de proteger os outros deles próprios quando eles guardam pensamentos de vingança. Por exemplo, quando as pessoas fazem fofocas, mude subtilmente o tema da conversa, ajude alguém a vencer os seus sentimentos negativos na base da sua própria sabedoria.

Controle-se, conserve a paz, seja silencioso, seja calmo

Todas as regras anteriores aspiram a controlar a sua personalidade. Não se perca a si próprio em emoções de ódio e separatividade. Não seja susceptível a influências negativas de dicotomia e psicologismo. O autocontrole significa ser o dono dos seus pensamentos e acções. Uma contínua vigilância sobre a qualidade dos seus pensamentos permite-lhe escolher os que quer e os que não quer. Isto é verdadeira meditação: uma meditação activa e a monitorização dos seus pensamentos.

Pela aplicação consequente das regras anteriores, criamos as condições para sermos capazes de fazer isto. Ao aplicá-las, ao vivê-las, a nossa actividade de consciência muda mais e mais para dentro, em direcção àquela sabedoria interior a partir da qual somos capazes de supervisionar e controlar os nossos pensamentos.



Todos os seres estão inseparavelmente ligados. Por exemplo, se pensarmos numa determinada estrela na nossa Via Láctea, o nosso pensamento alcançará esse Ser Estrela, e esse ser também responderá ao nosso impulso.

Esta harmonia interior e domínio que irradia para fora é, portanto, uma consequência natural da aplicação das quatro regras anteriores. Seremos amigáveis e calmos em todas as circunstâncias; pensamentos egoístas não têm mais possibilidade de ganhar raízes. Recebemos um ataque ou acusação com paciência. Já não se reage mais a partir de um impulso cego para a acção – o qual pertence à parte instintiva que se sente separada dos outros – porque já a superámos. A partir de uma atitude suprapessoal controlamo-nos a nós próprios e transcendemos a situação. Vemos um bom exemplo disto no artigo *Consciência e não-violência, armas da força moral*, no qual o oficial da marinha “Vasili Archipov conservou a sua compostura sob uma grande pressão e portanto actuou de forma a prevenir um desastre catastrófico com o lançamento de torpedos nucleares.”

Portanto, este autocontrolo e calma não querem dizer passividade. É precisamente o resultado de aplicar activamente a compaixão. Silêncio, então, não significa não dizer nada, mas que não reage impulsivamente a insultos e a ataques pessoais. Que aderimos silenciosamente aos princípios de verdade e de justiça e tomamos uma atitude quando vê outros num caminho errado. A partir da calma interior, somos também uma inspiração para outras pessoas para encontrar a mesma paz dentro deles próprios.

Cada homem é um pacificador

Regressando à questão central com a qual nós começámos este artigo: como posso eu contribuir para a paz mundial? De que serve ao mundo se eu desenvolver as qualidades acima referidas? Com este objectivo regressamos a nossa atenção àquilo que explicámos no artigo *Protecção contra o descontentamento, a divisão e o ódio*, que os pensamentos são coisas essenciais. Discutimos então que nós, como humanidade, construímos colectivamente uma esfera de pensamentos onde cada pessoa, como emissor e receptor de pensamentos, é responsável pela qualidade com a qual ele alimenta a esfera de pensamentos e, portanto, influencia os seus companheiros seres humanos. E nesta mútua influência reside o facto fundamental de que nós podemos *sempre e a cada momento* dar uma contribuição para a paz. Como tudo nessa inseparável interconectividade da vida, influenciarmo-nos uns aos outros, é evidente, a partir da explicação de G. de Purucker, que “um pensamento sobre a estrela mais distante da galáxia afectará essa estrela, na mesma medida em que somos afectados pelos pensamentos que nos rodeiam”.⁽⁶⁾

Praticando as cinco atitudes mentais acima indicadas, estamos não apenas construindo o nosso próprio sistema de imunidade mental, mas estamos contribuindo fundamentalmente para o sistema imunitário de toda a humanidade, porque nós estamos inextricavelmente ligados num nível mental. Katherine Tingley descreve brilhantemente o poder que pode advir a partir daqui, no seu discurso por ocasião da erupção da Primeira Guerra Mundial. Todo esse discurso está incluído nesta *Lúcifer* depois deste artigo.

Bem, não sabemos que, se nós podemos gerar um fluxo de pensamentos como este, seríamos capazes de mudar os países e de ajudar o nosso próprio país e a nossa própria cidade? Tudo é possível. É a divindade nos homens, o aspecto imortal nos humanos, que deve ser acordado.

(...) Se pudesses ter no teu coração esta noite essa misericórdia, essa amor desinteressado pela humanidade, se pudesse libertar a sua mente, um a força dinâmica sairia, em correntes que não se pode ver nem compreender, mas que no entanto sairia e tocar os corações dos que sofrem; seria uma onda de ajuda, uma onda de luz.⁽⁷⁾

Não podemos simplesmente pensar que não se pode viver sem influenciar os outros. Cada esforço sincero do coração para ajudar os outros terá o seu efeito. Cada esforço do amor universal e impessoal tem um correspondente efeito nos outros. Aquilo que enviamos como pensamentos

inspirativos será sempre apanhado por pessoas de mentalidade afim a partir da esfera do pensamento.

Os correntes conflitos entre as nações, naturalmente, não se pode resolver sozinho, mas você pode ser uma parte importante da solução. Uma observação muito importante neste contexto, de Helena Blavatsky, é que a causa do sofrimento no mundo não se deve àqueles que são maus, mas à apatia da vasta maioria que fica passiva. Portanto, sejamos a mudança que desejamos ver para o qual nós próprios, aquilo que *vivemos* em qualidade e intensidade, contribuimos correspondentemente para toda a humanidade. Teremos sempre a escolha. *Temos* influência, *podemos* contribuir para a harmonia universal e para a paz. Quando nós activamos a Divina Sabedoria dentro de nós, somos capazes de inspirar verdadeiramente, alimentar em áreas mentais fortes correntes de poderosos pensamentos espirituais, com os quais iniciamos uma mudança duradoura a partir de dentro. Cada um pode fazer isso, cada tentativa é um passo. Cada ser humano é um pacificador!

Referências

1. G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Vol.1, *The Esoteric Path: its Nature and its Tests [A Via Esotérica; a sua Natureza e os seus Testes]*. Fundação, I.S.I.S., Haia, 2015, p. 138.
2. Ver referência. 1, p. 142-147.
3. Lao Tzé, *Tau Te King*, verso 49.
4. W.Q. Judge, *The Theosophical Forum*, Abril 1889, Pergunta 2. Em: *Echoes of the Orient*, Vol. II. p.254 (2ª edição, 2009).
5. G. de Purucker, "The Scientific Reason for not Judging Others". ["A razão científica para não julgar os outros".] Em: *Studies in Occult Philosophy*, 1ª edição, 1945. p. 423-424. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/>
6. G. de Purucker, "Forgiveness and Karmic Action." ["Perdão e Acção Kármica."] Em: *The Theosophical Forum*, Vol. XX, No. 3, Março 1942, p. 97. Em: *Wind of the Spirit*, p.145-146, 1ª Edição, 1944. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>
7. Katherine Tingley, "De que forma podemos ajudar?" Em: *Het Theosofisch Pad*, (revista holandês) Janeiro 1915, Vol. 4, No. 5, p. 185-186. Ver também o texto citado abaixo.

≡ *Textos teosóficos inspiradores sobre este assunto* ≡

De que forma podemos ajudar?

Seguem-se excertos de um discurso de Katherine Tingley, proferido em San Diego a 15 de Novembro de 1914, em benefício do Fundo de Ajuda à Bélgica. O poder do pensamento pode ser usado para trazer a paz.

Se tentarmos afastar-nos do nosso ambiente actual e nos imaginarmos nos países onde a guerra grassa, adquiriremos uma melhor compreensão das condições que ali prevalecem e da grande necessidade que existe não só de ajuda material, mas também do tipo de ajuda que vai ao encontro dos apelos silenciosos daqueles que sofrem, daqueles que perguntam desesperadamente: porquê?

Durante todo o dia, habitei na minha imaginação entre o grupo de homens e mulheres nos campos de batalha, entre os velhos, homens e mulheres e crianças, sobre os

quais caíram as sombras desta terrível guerra. Interrogava-me se poderia ler nas suas mentes e ouvir e compreender as suas palavras e as perguntas que fazem. Pense nas perguntas que eles devem ter! Não acredita que há muitos que na devoção à verdade, nas suas aspirações religiosas, até esta hora de provação, sentiram que havia um além, que havia um Deus misericordioso, e que a misericórdia estava para ser encontrada com Deus? Mas, se lhes perguntássemos agora, tinham a certeza de que nos diriam algo completamente diferente do que sempre disseram antes. Eles perguntariam: *O que significa tudo isto e onde está Deus? Onde está Deus?* E o mais triste de tudo é que aqueles que vivem nestas sombras de dúvida e medo suportam estes sofrimentos dos quais você e eu não estamos conscientes, porque a sua fé é abalada, não só em Deus, mas também no seu semelhante. E estes homens e mulheres sofredores, nos seus apelos silenciosos, dirigem a questão desesperada não só aos povos dos países neutros, mas a toda a humanidade: "Porque é assim; porque é que isto foi permitido; porque é que a minha fé foi destruída? Onde está Deus? Porque é que tenho de

ser punido desta maneira? Porque é que os meus filhos tiveram de ser mortos; a minha casa incendiada; a minha família despedaçada; eu e os meus filhos perseguidos e deixados sem necessidades?” Assim, sabemos que depois de termos enviado comida e roupa, há algo mais de que eles precisam.

Oh, estamos dormindo, e tudo mostra que esta é a era da escuridão espiritual; caso contrário, não se poderia permanecer sentado de contente onde se está; você não poderia ir a sua casa, não poderia fechar os olhos à noite, não poderia sentir o esplendor da luz do sol de manhã ao acordar, e não poderia ouvir o canto dos pássaros. Se este fosse um tempo iluminado, se todos estivessem na luz, você não poderia fazer tudo isto; estaria tão inquieto, teria de fazer alguma coisa; o impulso do divino Eu iria fazê-lo falar; se não pudesse falar com todos os povos do mundo, ainda falaria dos telhados das casas e das esquinas das ruas; quereria fazer algo, não só para ajudar o ser humano exterior no seu sofrimento, mas tentaria aliviar os fardos e responder ao apelo silencioso destas almas desencorajadas do outro lado do oceano.

Bem, não sabe que se pudéssemos gerar uma corrente de pensamento como esta, seríamos capazes de mudar os países e ajudar o nosso próprio país e a nossa própria cidade? Tudo isto é possível. É a divindade no homem, o aspecto imortal do homem, que precisa de ser despertado. Oh, quando esse sentimento, esse conhecimento vem, no preciso momento em que se tenta o estudo que leva à iluminação, todas as portas se abrem e o véu é levantado, e depois vem um estado de consciência, que nos infundirá a todos o longo caminho com coragem, força e vigor para superar os obstáculos, a força para enfrentar as dificuldades da vida, a força para seguir o caminho do dever e aprender a viver para ser uma bênção para a humanidade e para ajudar ainda os gritos dos famintos.

Assim parece-me, meus amigos, que se queremos fazer alguma coisa pelos povos que sofrem na guerra, temos de começar a fazer algo por nós próprios; temos de harmonizar o nosso coração com as coisas mais elevadas da vida. E de facto, sei que alguns de vocês irão sorrir, mas digo-lhes que se pudessem ter essa misericórdia de que Cristo expressou a possibilidade quando ele disse: “Coisas maiores do que estas fareis” – se pudésseis ter nos corações esta noite essa misericórdia, esse amor altruísta pela humanidade, se pudésseis libertar as mentes, uma força dinâmica sairia, em correntes que não podíeis ver nem compreender, mas no entanto sairia e tocava os

corações dos que sofrem; seria uma onda de ajuda, uma onda de luz. Seria um suplemento espiritual real aos nobres esforços das mulheres desta cidade e de outros lugares que trabalham para a assistência material destas pessoas. Não consigo imaginar como alguém poderia questionar isso. E, além disso, considerem isto, se cada um aqui pudesse atingir estes acordes superiores de sentimento, um tal poder emanaria dele que as mentes dos seres humanos seriam mudadas, e com esta mudança cada um de vocês receberia algo que nenhuma palavra é capaz de descrever.

Há uma bênção em que cada vida humana pode partilhar, esforçando-se desinteressadamente, trazendo à tona o lado espiritual da nossa natureza, por uma confiança tão profunda, tão verdadeira, tão íntima, que torna a mente receptiva à abrangência do Infinito. Em tal momento e em tais circunstâncias, seria capaz de compreender correctamente as palavras “Quero levantar-me e ir ter com o meu Pai”.

Katherine Tingley, “Op welke wijze kunnen wij helpen?”[“De que forma podemos ajudar?”] Em: *Het Theosophisch Pad*, (revista holandês). Janeiro 1915, Vol. 4, No. 5, p. 185-186.

Perdoe e aprenda a amar

O seguinte excerto é do capítulo “Disciplina Esotérica, Perdão e Amor Impessoal”, de *Esoteric Teachings Volume I*, de Gottfried de Purucker. Este capítulo descreve as cinco atitudes mentais discutidas no artigo. A citação abaixo mostra claramente a influência positiva e pacífica que temos no nosso meio, quando abordamos as nossas próprias deficiências e aprendemos verdadeiramente a perdoar e a amar.

Em vez de tentar matar as falhas nos outros, mate as falhas em si mesmo, e então, se todos fizerem isto, o mundo inteiro estará em paz. Os seres humanos são sempre muito activos em ver a pequena lasca nos outros, mas raramente vêem a viga em si mesmo. A melhor maneira, a mais gentil, é tentar ajudar os outros e não os humilhar pelas suas falhas. Não pode matar os defeitos do seu irmão. É a tarefa dele. É o seu dever matar as falhas em si mesmo. Portanto, seja um exemplo. Dê o

seu próprio exemplo, e então não terá de se preocupar com os outros. Esse exemplo será como o esplendor da luz numa noite escura. De facto, o mundo está cheio de pessoas, especialmente hoje em dia, que passam a vida a criticar, e a criticar descaradamente, os outros. É absolutamente verdade que algumas coisas não podem ser perdoadas. É nosso dever condenarmos as coisas, mas façamo-lo de uma forma abstracta, não tentando matar as falhas nos outros e esquecendo as nossas próprias falhas. Seja você mesmo o exemplo; é a melhor maneira de matar as falhas do seu irmão. Perdoa, e aprende a amar. Estas são as duas grandes regras para um chela e não são regras fáceis de seguir. Esta regra não significa amar coisas erradas; não significa amar o vício nos outros; mas significa amar o que é belo e nobre nos outros e deixar que esses outros vejam que você tem esse amor pelo que é belo e nobre neles; e, sendo seres humanos, tentarão estar à altura da reputação que instintivamente sentirão que têm ou possuem em você. Faça o apelo para o melhor e mais nobre, e esse apelo será atendido.

G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Vol. 1, *Chelaship: its Nature and its Tests*. [Ser chela: a sua Natureza e os seus Testes.] Capítulo “Esoteric Discipline – Forgiveness and Impersonal Love” [“Disciplina Esotérica – Perdão e Amor Impessoal”], p. 116-117 (1ª edição, 1936), p. 157 (Edição, de I.S.I.S., 2015).

Palestras sobre a paz

A Sociedade Teosófica Point Loma está levando adiante a longa tradição de paz, apresentando às pessoas, sempre que possível, ideias de Unidade e Fraternidade Universal apoiada por incontáveis teosóficos explicações.

Não só esta edição da Paz de *Lúcifer* é uma continuação desta tradição, também temos levado a mensagem de paz em muitas palestras em inglês. Pode encontrá-las no nosso canal YouTube.

Na nossa próxima série de palestras, daremos também ampla atenção à paz. Pode assistir a palestras no nosso website. Se desejar, pode também participar activamente nos estudos que estamos organizando na sequência dessas palestras. Também quando não é falante nativo de inglês, pode assistir a estes estudos.

Pode encontrar toda a informação sobre isto no nosso website, <https://blavatskyhouse.org/>

Abaixo estão as palestras de paz em inglês para o nosso programa 2022-2023.

The spiritual impulse of Helena P. Blavatsky

Oct. 10, 2022 Universal Brotherhood: the Way of Peace

Inner Peace and Outer Peace

Nov. 13, 2022 The peace within you

Nov. 27, 2022 Do ideas change the world?

Peace, freedom and free will

Dec. 11, 2022 Karma and free will

Jan. 8, 2023 Working for the liberation of all life

Dealing with turbulence in your life

Jan. 22, 2023 Stoic philosophy on peace of mind

Feb.5,2023 The peace of Tao

Universal Brotherhood

May 14, 2023 One Life, One Path, One Destiny for all beings

May 28, 2023 Universal Brotherhood, a fact in Nature

Cólophon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
O preço das nossas edições em papel
custam €4,60 e €9,20 para uma edição
dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de
crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é “Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth”. A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).